

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

KAREN REGINA SALGADO

**O USO DA TECNOLOGIA QUE
MACHUCA: Cyberbullying**

Campinas
2011

KAREN REGINA SALGADO

**O USO DA TECNOLOGIA QUE
MACHUCA: Cyberbullying**

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) apresentado à Graduação da Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas para obtenção do título de licenciado em Educação Física.

Orientadora: Elaine Prodócimo

Campinas
2011

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA
PELA BIBLIOTECA FEF - UNICAMP**

Sa32u Salgado, Karen Regina, 1988-
O uso da tecnologia que machuca: cyberbullying /
Karen Regina Salgado. – Campinas, SP: [s.n], 2011.

Orientador: Elaine Prodócimo
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Faculdade de
Educação Física, Universidade Estadual de Campinas.

1. Cyberbullying. 2. Bullying. 3. Internet. 4. Celulares. 5.
Violência digital. I. Prodócimo, Elaine. II. Universidade Estadual de
Campinas, Faculdade de Educação Física. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em inglês: Use of technology that hurt: cyberbullying

Palavras-chaves em inglês:

Cyberbullying

Bullying

Internet and mobile

Digital Violence

Titulação: Licenciatura em Educação Física

Banca examinadora:

Elaine Prodócimo [orientador]

Carmen Lúcia Soares

Data da defesa: 28-11-2011

KAREN REGINA SALGADO

O USO DA TECNOLOGIA QUE MACHUCA: Cyberbullying

Este exemplar corresponde à redação final do Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) defendida por Karen Regina Salgado e aprovada pela Comissão julgadora em: 28/ 11/ 2011.

Elaine Prodócimo
Orientadora

Carmen Lúcia Soares
Banca Examinadora

Eliana Ayoub
Banca Examinadora

Campinas
2011

Dedicatória

Dedico este trabalho primeiramente a Deus e no mesmo grau de importância a minha vovó Terezinha, minha mamãe Maria Elisabeth, meu namorado André, minha irmã e a todos que se identificarem com o assunto discutido neste trabalho.

Agradecimentos

Agradeço primeiramente a Deus por ter dado paciência e sabedoria durante a minha graduação, sendo a luz que guiou o meu caminho e a minha eterna e confiante proteção que guardará toda a minha vida.

Agradeço a minha vovó Terezinha e a minha mamãe Maria Elisabeth, que me criaram e me fizeram a pessoa que eu sou hoje. Sei que vocês lutaram muito para chegar aonde eu cheguei e por isso de coração, agradeço todos os esforços que fizeram por mim e por nunca terem desistido de lutar comigo na busca do meu sonho em me formar. Obrigada por sentirem orgulho de mim.

Agradeço a minha irmã Michelle, ao meu cunhado Wagner e o meu namorado André, que sempre tiveram ao meu lado, me dando apoio, carinho, amor e muitas broncas, que me ajudaram no meu crescimento e amadurecimento. Também agradeço ao diácono permanente Jamil Sawaya que sempre depositou muita confiança na minha competência tanto na música como no papel de futura educadora ao meu proporcionar oportunidades maravilhosas tanto no âmbito educacional como no pessoal.

Agradeço a diretora Cris e aos coordenadores pedagógicos Fátima e André da escola estadual do município de Campinas, pela disponibilidade e compreensão em permitir a realização da pesquisa, apoiando e reconhecendo a importância dos estudos acadêmicos na área escolar.

Agradeço a professora Telma Brito Rocha da Bahia, que apesar de não conhecê-la, me encaminhou materiais valiosos para a realização desta monografia.

Agradeço a minha orientadora professora Elaine Pródócimo, por todo carinho e dedicação na elaboração desta pesquisa, pois sem a sua ajuda este trabalho não teria se concretizado.

SALGADO, Karen Regina. **O USO DA TECNOLOGIA QUE MACHUCA: Cyberbullying**. 2011. 100f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Educação Física)-Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2011.

RESUMO

Na atualidade a utilização dos dispositivos digitais como os telefones celulares e a Internet, configura-se como essencial do cotidiano dos indivíduos. Frequentemente as ações do homem se concretizam ao redor das inovações tecnológicas responsáveis pela conexão e processamento das informações no cyberspaço. Viver sem a presença das tecnologias de informação e comunicação é praticamente impossível na cibercultura atual, influenciando todos os espaços sociais, como as escolas. Nas instituições escolares, os aparelhos eletrônicos são usados pelos alunos e conseqüentemente um novo modo de maltratar e de humilhar o próximo também surgiu. Esta agressão refere-se a uma nova prática de bullying, o cyberbullying, que se configura como um contorno das manifestações do tradicional bullying escolar. Sabemos que o cyberbullying é extremamente cruel, pois não existe um perfil para cybervítima e os sujeitos podem agir de forma anônima, gerando sérias conseqüências para quem é ou já foi alvo das agressões no mundo virtual. Neste sentido, é necessário investigar se os escolares sabem ou não sobre a existência do cyberbullying. Realizamos esta pesquisa com este propósito de identificar o conhecimento que alunos do ensino médio têm sobre o assunto. Somaram-se um total de 74 alunos de uma instituição da rede pública de ensino do município de Campinas que responderam a um questionário sobre o tema. Nesta pesquisa verificou-se que poucos alunos sabem algo sobre o cyberbullying enquanto que muitos entendem que o assunto deveria ser abordado pelas instituições escolares visando o uso seguro e consciente dos meios tecnológicos.

Palavras-Chaves: Cyberbullying; Bullying; Escola; Violência escolar.

SALGADO, Karen Regina. **O USO DA TECNOLOGIA QUE MACHUCA: Cyberbullying**. 2011. 100f Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Educação Física)-Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2011.

ABSTRACT

Nowadays, the use of digital devices such as cell phones and the Internet appears as essential on individuals daily. Often the actions of man are realized around the technological innovations responsible for the connection and processing of information in cyberspace. Living without the presence of information's technology and communication is virtually impossible in the current cyberculture, influencing all social spaces such as schools. In the school systems, electronic devices are used by students and, consequently, appears a new way to abuse and humiliate the next. This aggression refers to a new practice of bullying, the cyberbullying, which is configured as an outline of the manifestations of the traditional school bullying. We know that cyberbullying is extremely cruel, because there is a profile for cybervictim and subjects can act anonymously, causing serious consequences for anyone who is or has been a target of attacks in the virtual world. In this sense, it is necessary to investigate whether or not the students know about the existence of cyberbullying, in which a survey conducted for this purpose to identify the students' knowledge on the subject, with high school students, adding to the total 74 students interviewed of a public institution in Campinas. In this study was found that few students know something about cyberbullying while many believe that the issue would be addressed by educational institutions aimed at the safe and aware of the technological means.

Keywords: Cyberbullying; Bullying; Schools; School violence.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 -	Ciclo da agressão.....	23
Figura 2 -	O que é cibercultura?.....	25
Figura 3 -	Evolução do fenômeno.....	29
Figura 4 -	Tempo de estudo na respectiva escola.....	46
Figura 5 -	Classificação dos alunos para o seu relacionamento com os colegas de escola.....	47
Figura 6 -	Quantidade de alunos que ouviram falar de bullying e cyberbullying.....	48
Figura 7 -	Descrição por ano dos participantes que ouviram algo a respeito do cyberbullying.....	49
Figura 8 -	Alunos que praticaram ou não o bullying e o cyberbullying.....	53
Figura 9 -	Informações referente a prática do cyberbullying pelos participantes por série.....	54
Figura10-	Alunos que sofreram ou não bullying e cyberbullying.....	57
Figura 11 -	Descrição por série dos alunos que foram vítimas de cyberbullying.....	57
Figura 12 -	Quadro comparativo com respostas relacionadas com o conhecimento de algum autor de bullying e cyberbullying pelo alunos.....	60
Figura 13 -	Alunos que conhecem algum autor de cyberbullying por série investigada.	60
Figura 14 -	Quadro comparativo entre bullying e cyberbullying sobre o conhecimento dos sujeitos para alguma vítima dos fenômenos.....	61
Figura 15 -	Respostas dada pelos alunos sobre se conhecem alguma cybervítima por série.....	62
Figura 16 -	Quadro comparativo entre os alunos que consideram ou não a ocorrência do bullying e do cyberbullying comuns no cotidiano escolar.....	65
Figura 17 -	Alunos que consideraram ou não o anonimato estimulador do cyberbullying por série.....	73
Figura 18 -	Quantidade de alunos que consideram ou não o conhecimento dos docentes sobre a temática do cyberbullying.....	82

LISTA DE QUADROS

Quadro 1-	Informações expostas pelos alunos sobre o que sabem do cyberbullying.....	49
Quadro 2-	Sentimentos expressados pelo bullies.....	55
Quadro 3-	Sentimentos expressados pelo cyberbullies.....	55
Quadro 4-	Sentimentos expressados pelas 36 vítimas de bullying.....	58
Quadro 5-	Sentimentos expressados pelos 3 vítimas de cyberbullying.....	58
Quadro 6-	Episódios relatados pelos respondentes sobre algum caso de cyberbullying.....	62
Quadro 7-	Episódios relatados pelos alunos sobre os comentários presenciados entre os colegas na escola.....	63
Quadro 8-	Medidas que os alunos tomariam se um colega fosse alvo de bullying.....	66
Quadro 9-	Medidas que os alunos tomariam se um colega fosse alvo de cyberbullying.....	68
Quadro10-	Notas atribuídas para o constrangimento das ações do cyberbullying.....	72
Quadro11-	Informações expostas pelos alunos sobre o modo como o anonimato estimula a ocorrência do cyberbullying.....	74
Quadro12-	Redes sociais que os alunos participam.....	76
Quadro13-	Medidas apontadas pelos alunos com relação à escola e o cyberbullying.....	84

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

FEF	Faculdade de Educação Física
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IBOPE	Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística
PIBID	Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a Docência
TIC	Tecnologia de informação e comunicação
UNICAMP	Universidade Estadual de Campinas

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	12
2. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA.....	15
2.1. Elucidações sobre o fenômeno Bullying.....	16
2.2. Protagonistas do fenômeno.....	19
2.3. Cyberbullying: A violência virtual que ultrapassa as barreiras espaços-temporais entre os indivíduos.....	24
2.3.1. As manifestações da cibercultura e do cyberspaço na cultura moderna.....	25
2.3.2. Do passado ao presente: rumo à compreensão do cyberbullying nos dias de hoje.....	27
2.4. Definição e caracterização do fenômeno cyberbullying.....	31
3. INVESTIGAÇÃO DE CAMPO.....	41
3.1. METODOLOGIA.....	42
3.1.1. Sujeitos da pesquisa.....	42
3.1.2. Instrumento de pesquisa.....	42
3.1.3. Procedimento.....	43
4. RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	45
4.1. Informações Pessoais.....	45
4.2. Fenômenos: BULLYING e CYBERBULLYING.....	47
4.2.1. Ouviram falar de bullying e cyberbullying?.....	48
4.2.2. O que sabem sobre o cyberbullying?.....	49
4.2.3. Praticaram bullying e cyberbullying?.....	53
4.2.4. Sofreram bullying e cyberbullying?.....	56
4.2.5. Conhecem alguém que praticou ou que pratica bullying e cyberbullying?.....	59
4.2.6. Conhecem alguém que sofreu ou que sofre de bullying e cyberbullying?.....	61
4.2.7. Na escola o bullying e o cyberbullying são comuns?.....	64
4.2.8. O que fariam se algum colega sofresse de bullying e cyberbullying?.....	65
4.3. Cyberbullying.....	71
4.3.1. Qualquer um pode estar sujeito a sofrer das agressões do cyberbullying?.....	71
4.3.2. As ações do cyberbullying são constrangedoras?.....	72
4.3.3. Participa de algum site de relacionamento pessoal?.....	76
4.3.4. Cyberbullying e a escola.....	82
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	87
6. REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA.....	90
ANEXOS.....	97

1. INTRODUÇÃO

O bullying é um tema que está sendo muito discutido e levantado pelos meios de comunicação ultimamente. Com o passar do tempo, este tipo de agressão adquiriu um novo contorno decorrente da emergência das novas tecnologias digitais, que estão atuando sobre as práticas do bullying tradicional, originando um fenômeno novo denominado de cyberbullying.

Notamos que as manifestações violentas dentro das escolas relacionadas ao bullying vêm se intensificando, gerando preocupações aos pais, alunos e educadores, pois tudo que está surgindo ao nosso redor pode ser utilizado tanto para o bem quanto para o mau, onde o próximo é enxergado como uma ameaça a ser superada, desencadeando relações de poder entre o mais forte sobre aquele que não tem condições mínimas de se defender, intimidando-o por meio dos artefatos eletrônicos, como computadores e telefones celulares.

Hoje em dia é muito comum o jovem possuir algum telefone celular para uso pessoal, como ter acesso muitas vezes ilimitado e sem controle a Internet. Esta informação pode ser contextualizada pelo próprio censo demográfico realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2009, ao registrar o uso da Internet por 55,89 milhões¹ de pessoas nas grandes regiões brasileiras. De acordo com os dados da pesquisa, as informações referiam-se a indivíduos a partir dos 10 anos de idade, sendo que 27,74 milhões são da região sudeste do Brasil.

A principal finalidade de acesso, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística é a instrução e mais de 40% dos usuários são estudantes. Segundo o censo promovido por esta instituição no ano de 2009, cerca de 86,43 milhões de brasileiros com idade a partir dos 10 anos, possuem algum telefone móvel para utilidade pessoal nas grandes regiões brasileiras. Novamente, a região sudeste aparece como a principal detentora do índice da referida pesquisa.

Por meio das informações mostradas, observamos que este acesso tecnológico encontra-se em ascensão em todas as regiões que compõem o país, porém cabe-nos questionar sobre a forma como estamos lidando com estes dispositivos digitais.

¹ Informação decorrente a um período de referência de três meses nas regiões brasileiras entre o ano de 2008 e 2009.

É necessário compreendermos que tanto os computadores quanto os telefones celulares, encontram-se inseridos no cotidiano dos indivíduos de forma tão envolvente que dificilmente nos imaginamos sem a presença deles, considerando-os muitas vezes, indispensáveis na vida de todos. Neste sentido, tanto as novas como as atuais gerações encontram-se submergidas num novo contexto sócio-cultural, denominada de cibercultura. Segundo Lemos (2003, p.11) cibercultura “é a cultura contemporânea marcada pelas tecnologias digitais”, configurando-se como uma consequência direta da evolução da cultura técnica moderna. A partir desta definição, entendemos que a utilização tecnológica passa a ser significativa na sociedade atual, ultrapassando as barreiras-espacos temporais existente entre os indivíduos, conectando-os numa única e exclusiva rede de comunicação e informação.

Para muitas crianças e jovens estar conectados aos dispositivos digitais é sinônimo de integração social. Este pensamento é visto como uma alternativa para as interações estabelecidas face-a-face, permitindo uma maior desinibição nas relações estabelecidas entre os sujeitos, alterando os comportamentos e as formas como as pessoas se comunicam e se relacionam (CRUZ, 2011). Entretanto, nem sempre estas interações são desprovidas de conflitos e situações desagradáveis, trazendo riscos e perigos através de episódios que contextualizam o fenômeno cyberbullying.

É válido destacar, que o bullying digitalizado ocorre frequentemente fora do âmbito escolar, porém é na escola que as agressões são divulgadas, devido à popularidade da Internet e das outras tecnologias eletrônicas, expondo cada vez mais o sujeito violentado aos olhares dos colegas.

Diante do quadro apresentado, o trabalho com esta temática é extremamente relevante, principalmente quando aliamos ao fato de que está ocorrendo à expansão e o fortalecimento dos meios de comunicação. Refletindo sobre o assunto, será que os estudantes têm clareza sobre o que é cyberbullying? Será que os praticam, e se o fazem, sabem das possíveis consequências de seus atos?

É importante estudos sobre o tema para termos, por meio da amplitude da compreensão do que ocorre para buscarmos alternativas de ação. Não se trata de proibir ou coibir o uso das tecnologias, mas educar seu uso. Também, não há muitos estudos sobre o tema por ser algo novo, pois o bullying é antigo, mas o cyberbullying é novo, pois é oriundo das tecnologias de informação e comunicação, sendo assim necessário debruçar-se sobre o que vem ocorrendo na tentativa de ampliar os conhecimentos.

Refletindo sobre a temática do bullying digital e também do bullying, no presente estudo investigamos o conhecimento da existência do cyberbullying e do bullying

entre um grupo de adolescentes do primeiro, segundo e terceiro ano do ensino médio de uma escola da rede pública de ensino da cidade de Campinas, e o que os mesmos pensam sobre o assunto. Contudo, o bullying e o cyberbullying podem ser caracterizados como um tipo de agressão complementar ao outro, pois ambos, são as duas faces de uma mesma realidade.

2. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA:

BULLYING E CYBERBULLYING: AS DUAS FACES DE UMA MESMA REALIDADE

“A intolerância, a ausência de parâmetros que orientam a convivência pacífica e a habilidade para desenvolver os conflitos são algumas das principais dificuldades detectadas no ambiente escolar. Atualmente, a matéria mais difícil da escola não é matemática ou biologia; a convivência, para muitos e de todas as idades, talvez seja a matéria mais difícil de ser aprendida”. **Cleo Fante**

Um dos maiores desafios impostos à humanidade é o de extirpar as principais causas que ameaçam a edificação na busca pela paz (FANTE, 2005). Sabemos que questões relacionadas à violência, estão presentes praticamente em todos os segmentos da nossa sociedade e que cada vez mais, somos surpreendidos por inúmeras situações agressivas relacionadas ao trabalho, à família e até mesmo a escola.

A escola é vista pelos pais e educadores, como um lugar seguro e confiável para a educação das crianças e jovens, porém esta realidade se desfaz com o sofrimento de muitos ao serem violentados diariamente no espaço escolar, que apesar de ser cercada por muros e grades altas, costuma-se ouvir um apelo e um grito silencioso e amargurado frente à humilhação e a intolerância nas relações interpessoais entre os escolares.

Frente a esta realidade, pais, alunos e educadores estão se preocupando com essas manifestações suportadas pelos estudantes, em que o “outro” é sempre um adversário a ser superado, pois é na escola que as crianças e adolescentes desenvolvem laços de convivência e adquirem experiências que refletirão no seu desenvolvimento por toda a vida. Experiências que podem trazer tanto sensações boas como ruins, advindas dos relacionamentos entre os colegas, podendo deixar lembranças bonitas ou recordações dolorosas, ocasionadas por alguma violência oculta durante a rotina escolar.

Esta violência oculta se refere ao fenômeno bullying, que é marcado por ações maldosas, corriqueiras e repetitivas com a intenção de machucar o próximo em troca de status e prestígio aos olhares de todos.

2.1. Elucidações sobre o fenômeno Bullying

Bullying é uma “palavra de origem inglesa, adotada em muitos países para definir o desejo consciente e deliberado de maltratar uma outra pessoa e colocá-la sob tensão” (FANTE, 2005, p.27).

No Brasil, adotamos o termo Bullying (empregado de maneira geral em vários países) para conceituar os comportamentos agressivos e anti-sociais de estudantes envolvidos com problemas de violência escolar. O *Bully* enquanto nome é transcrito como “valentão”, “tirano”, porém como verbo significa “brutalizar”, “tiranizar” e “amedrontar”. Como afirma Fante (2005, p.28):

A definição de Bullying é compreendida como um subconjunto de comportamentos agressivos, sendo caracterizado por sua natureza repetitiva e por desequilíbrio de poder. Esses critérios nem sempre são aceitos universalmente, mesmo sendo largamente empregados.

Este desequilíbrio de poder, citado pela autora, refere-se à incapacidade da vítima em se defender com facilidade do agressor. Este fato, muitas vezes encontra-se associado à estatura ou a força física da vítima ou “alvo de bullying” (TOGNETTA e VINHA, 2008) e por estar em minoria, além de apresentar pouca estrutura psicológica perante o agente agressor ou “autor de bullying”, (TOGNETTA e VINHA, 2008) ao acreditar que os insultos, as gozações e os apelidos são verdadeiros e que traduzem o que ele significa para aquele espaço, julgando-o merecedor dos ataques.

Segundo Fante (2005, p.29) o fenômeno Bullying:

É um conjunto de atitudes agressivas, intencionais e repetitivas que ocorrem sem motivação evidente, adotado por um ou mais alunos contra outro(s), causando dor, angústia e sofrimento. Insultos, intimidações, apelidos cruéis, gozações que magoam profundamente, acusações injustas, atuação de grupos que hostilizam, ridicularizam e infernizam a vida de outros alunos levando-os à exclusão, além de danos físicos, morais e materiais, são algumas das manifestações do comportamento *bullying*. (FANTE, 2005, p.29)

De acordo com Tognetta e Vinha (2008) este fenômeno é uma forma de agressão que apresenta três características específicas, que o distingue das demais ações entre os escolares. A primeira característica resume-se na presença de uma vítima indefesa, que é atacada por uma ou mais pessoas, sem nenhum motivo aparente que justifique tal atitude, com o intuito de exercer algum domínio frente aos espectadores. A segunda característica refere à existência das desigualdades de poder e a terceira esclarece que a atitude precisa ser repetida, ou seja, recorrente (no mínimo três vezes) e intencional, para ferir e machucar a vítima, gerando conseqüências que não serão esquecidas por um bom tempo.

Geralmente os alvos de bullying, não procuram por ajuda. Segundo as autoras Tognetta e Vinha (2008), esta reação adotada pelos alunos relaciona-se com a dificuldade de reconhecimento das agressões entre as crianças e adolescentes, associando-se ao fato de não se manifestarem perante o acontecimento, muitas vezes por vergonha ou por medo de piorar a situação e “não contra-atacam influenciadas pela insegurança ou conformismo e mesmo por não encontrarem forças suficientes para agirem”, (BOZZA, 2010, p.19). Todavia, a própria falta de atenção por parte dos professores e dos educadores diante das intimidações colaboram com a referida atitude, ao colocar como um fato particular entre os alunos e demonstrando muito mais interesse pelas formas de indisciplinas ou até mesmos para os constantes desinteresses dos educandos às matérias escolares, do que pelas relações interpessoais estabelecidas entre os estudantes (TOGNETTA e VINHA, 2008).

Logo, a violência entre escolares pode ser interpretada de diversas formas, pelo fato de depender do olhar de quem a enxerga, pois nem toda agressão que acontece na escola pode ser classificada como bullying, da mesma forma que nem todo agressor e nem todas as pessoas que cometem atos de violência são incluídas como participantes do fenômeno. Segundo Camargo (2009) as crianças interagem umas com as outras por meio das brincadeiras, do lúdico, sendo que, muitas podem envolver contato físico, como por exemplo, o “pega pega”, as “lutinhas”, o “passou levou” e muitas outras atividades comuns no dia-a-dia, de modo que uma brincadeira ocorre quando todos os participantes envolvidos estão se divertindo. Mas, se alguma criança não queira participar da atividade e mesmo assim é obrigada a fazer aquilo que não deseja, a brincadeira perde seu sentido para a criança e passa a ser considerada como uma agressão, que não precisa necessariamente corresponder ao bullying, pois “para ser bullying a agressão deve acontecer de forma repetida, intencional, sem motivação e deve gerar uma conseqüência duradoura” (CAMARGO, 2009, p.24).

Ao questionarmos sobre a existência do bullying, muitos acreditam que estamos lidando com um tipo de violência escolar da atualidade, pois a cada dia são

publicados livros e estudos, muitas vezes sensacionalistas para pais e educadores, passando a impressão de que estamos retratando algo novo. Contudo, na realidade o “bullying é um fenômeno mundial tão antigo quanto a própria escola” (FANTE, 2005, p.44). Apesar disto, podemos considerá-lo como um fenômeno novo, pois “vem sendo objeto de investigação e de estudos nas últimas décadas, despertando a atenção da sociedade para as conseqüências nefastas”, (FANTE, 2005, p.29) em que tanto no passado como no presente configura-se um quadro de intimidações e perseguições do agressor sobre a vítima. Porquanto, muitas vezes não é explícito, podendo aparecer como problemas nas relações interpessoais, apesar de algumas intenções ou causas, nascerem nas relações intrapessoais² do indivíduo (BOZZA, 2010).

As manifestações de bullying acontecem em todo o cotidiano escolar, entretanto é necessário estarmos atentos ao seu desenvolvimento em sala de aula. É muito comum entre os alunos de uma mesma classe a ocorrência de diversos tipos de tensões e conflitos, gerados por diversão ou por auto-afirmação de um dado aluno perante os demais. Um agressor em potencial consegue com o seu comportamento influenciar as atividades dos colegas, causando interações violentas, impetuosas e desagradáveis para com outros. Normalmente, o agressor prefere atacar aqueles que não têm condições de defesa, principalmente os que apresentam características psicológicas como a ansiedade, insegurança, timidez e passividade (FANTE, 2005) com a certeza de dominá-lo na presença de todos.

Com as constantes perseguições, a vítima fica amedrontada e sozinha e o seu choro pode produzir uma sensação de supremacia, controle e de superioridade ao agressor. Este aluno, o “agressor de bullying”, além de maltratar o alvo, ainda consegue o apoio e a aprovação dos demais, que muitas vezes se aliam como uma forma de evitar ser uma vítima no futuro.

Segundo Pinheiro (2009) o fenômeno bullying é mais expressivo nas instituições públicas, porém atinge também as privadas. Entretanto, Fante e Pedra (2008, p. 53), defendem que “o bullying acontece em todas as escolas, independente da sua localização, turno ou poder aquisitivo da comunidade escolar”, estando assim presente em 100% das escolas do mundo todo, independente pública ou privada.

Para complementar a informação, os autores realizaram um estudo em uma cidade brasileira com aproximadamente 430 alunos de uma escola da rede privada de ensino no ano 2000. Dos alunos que participaram da investigação, cerca de 41% estavam de algum

² As relações intrapessoais são estabelecidas pelo sujeito com ele mesmo.

modo envolvido com o bullying, sendo que desse total, 18% eram vítimas, 14% agressores e 9% eram vítimas agressoras³. No ano de 2003, os mesmos pesquisadores, promoveram uma outra pesquisa com a participação de 450 alunos da rede pública de ensino de uma cidade brasileira, diferente do estudo anterior. Constatou-se que dos 450 alunos pesquisados, 45% estavam relacionados com a violência escolar, sendo que desses, 24% eram vítimas, 8% agressores e 13% vítimas agressoras. Por meio dos estudos apresentados, observamos a incidência de bullying em ambas às realidades escolares.

Sabemos que esta agressão escolar entre pares ocorre tanto nas instituições de ensino públicas como nas privadas, porém cabe-nos questionarmos: em quais locais ocorrem os ataques de bullying?

Pinheiro (2009) destaca o recreio escolar como o local onde mais se praticam os atos de bullying, enquanto que os autores Fante e Pedra (2008) apontam que os ataques ocorrem em vários lugares como: *playgrounds*, banheiro, corredores da escola, classes, quadras esportivas, bibliotecas, laboratórios, imediações das escolas e os pátios de recreio. No entanto, Neto (2005)⁴ aponta que a maioria dos casos de Bullying ocorre no interior das salas de aula, sem o conhecimento do professor.

Na maioria dos países, constatou-se que o pátio de recreio é o lugar de maior incidência dos ataques de bullying. Entretanto, no Brasil, as pesquisas apontam para a sala de aula. Isso se justifica pelo fato de ser tema novo de discussão no meio educacional brasileiro, motivo pelo qual a maioria dos professores desconhece a relevância do fenômeno e não sabe como agir ao se deparar com a questão. (FANTE e PEDRA, 2008, p. 54)

Convém frisar que as ações do bullying nem sempre começa como bullying propriamente dito, em que na maioria das vezes começa com atos isolados, como o caso da vingança ou da própria gozação entre os escolares (FANTE, 2005).

2.2. Protagonistas do fenômeno

Cada pessoa envolvida neste fenômeno possui papéis definidos e identificado pelos seguintes nomes: **agressor ou autor, vítima e espectador** (CAMARGO, 2009).

³ Vítima agressora é o indivíduo que sofre das manifestações do Bullying e a comete com outro colega.

⁴ Aramis Lopes Neto é sócio fundador da ABRAPIA (Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e à Adolescência). É coordenador do Programa de Redução do Comportamento Agressivo entre Estudantes e diretor da Diretoria dos Direitos da Criança da SOPERJ.

O **agressor** é aquele que vitimiza os mais fracos e que domina toda a situação. Tem como hábito o de não aceitar com facilidade as regras que regem nos segmentos sociais e reage com violência a determinadas imposições, principalmente se for contrariado. Segundo Camargo (2009) o agressor é:

Uma pessoa com pouca empatia, de linguajar exagerado em um tom muito alto, que possui o hábito de “vitimizar” os mais fracos e que utiliza formas de comportamentos violentos e agressivos para a resolução de conflitos, costuma ser um forte candidato ao papel de agressor. (CAMARGO, 2009 p.29)

Freqüentemente é de família desestruturada, em que os pais ou responsáveis exercem uma supervisão deficitária (FANTE, 2005) composta pela falta de respeito, de limites, de valores como também dos “sim” em excesso, além de oferecerem conscientemente ou inconscientemente, modelos de comportamentos agressivos ou violentos nas resoluções dos conflitos do cotidiano. Geralmente o comportamento de intimidação e de provocação constante dos “bullies”⁵, na realidade não passa de uma máscara para esconder alguém amargo e que aprendeu a solucionar os seus problemas pessoais inferiorizando e rebaixando os outros, além de sempre achar que todos devem atender as suas vontades de imediato. “É alguém que, para se defender, ataca” (TOGNETTA e VINHA, 2008, p.8).

Normalmente o agressor se apresenta como o mais forte em relação aos seus colegas de sala, podendo ter a mesma idade ou ser um pouco mais velho que o alvo. É dono de uma sede insaciável de dominação e de subjugação, impondo-se por meio das ameaças sobre seus companheiros para conquistar seus objetivos, vangloriando-se de uma superioridade, real ou imaginária, sobre os demais (FANTE, 2005). Pode se mostrar fisicamente superior nas brincadeiras e nos esportes, sobretudo no caso dos meninos.

As principais características dos agressores são a impulsividade, não gostam de ser contrariados, são nervosos, gozadores, aparentemente não temem a nada e a ninguém, gostam de se mostrar durões e de “colar” em provas, manipulam com habilidade diversas situações a seu favor (CAMARGO, 2008). São “mau-caráter, impulsivo, irrita-se facilmente e tem baixa resistência às frustrações” (FANTE, 2005, p.73), além de demonstrar pouca simpatia para com as suas vítimas. Podem adotar condutas anti-sociais, como o roubo, o vandalismo e até mesmo o uso de álcool além de dispor como convivência confiável as más companhias, muito delas advindas de relacionamentos problemáticos com os pais.

⁵ Os agressores de bullying podem ser chamados de “bullies”.

Contudo, não devemos olhar e rotular os bullies como indivíduos culpados, violentos e mercedores de punições. De acordo com as autoras Tognetta e Vinha (2008) os mesmos também precisam de ajuda, considerando-os como um sofredor. Entretanto:

É preciso que esclareçamos uma questão importante: quando afirmamos que esses meninos e meninas autores de bullying são também sofredores, não queremos dizer que suas ações não lhes causem um prazer e que, portanto não pareçam ser felizes. (TOGNETTA e VINHA, 2008, p.8)

Devemos ver os agressores com um olhar de observação, solidário e crítico, com o intuito de enxergar não somente as suas atitudes, mas também as razões pelas quais acontecem (CAMARGO, 2009) em que muitas vezes o agressor quer mostrar o seu valor para a sociedade e para os seus relacionamentos afetivos, mas por possuir dificuldades na construção da sua própria identidade (associado com o distanciamento da sua família) acaba por usar a violência como uma forma de expressão, de chamar a atenção, mostrando que ele existe e que quer ser notado naquele espaço.

O autor Olweus (1993a; 1993b, apud BARROS, CARVALHO e PEREIRA, 2009) distingue a existência de dois tipos de agressores: o agressor passivo ou seguidor e o agressor típico. O primeiro compreende os alunos inseguros e ansiosos que participam das agressões, porém sem ter tomado nenhuma iniciativa para o acontecimento das ações. Já os agressores típicos “estes têm um modelo de reação agressiva combinado (quando se tratam de rapazes) com a força física” (BARROS, CARVALHO e PEREIRA, 2009, p.5749).

A **vítima** é a pessoa que sofre a agressão. Muitas delas apresentam as seguintes características: timidez, pouca sociabilidade, aspecto físico mais frágil que os demais, passividade, submissão, baixa auto-estima, insegurança etc. Porém, em outros casos a vítima pode possuir características distintas das citadas anteriormente, por exemplo, um aluno que acaba de ser matriculado na escola ou até mesmo aquela pessoa cuja beleza se destaca dentre os demais, pode se tornar alvo dos ataques, pelo fato do agressor se sentir ameaçado pela atenção dos companheiros para com ele (CAMARGO, 2009). Logo, boatos, rumores maldosos e mentirosos, gozações serão espalhados e simplesmente farão com que os alunos o excluam das suas relações interpessoais.

As conseqüências para a vítima são inúmeras e podem nunca mais ser esquecidas. Os alvos podem manifestar algumas peculiaridades como dores de cabeça, falta de apetite, dores de estômago, enjôo, tonturas, (BOZZA, 2010) como também desinteresse pela escola ou por alguma disciplina, tristeza, angústia, ansiedade, depressão, pensamentos

suicidas, transtornos comportamentais, queda no rendimento escolar, falta de vínculos afetivos com os colegas, assassinatos e suicídios em casos extremos (CAMARGO, 2009). Podem aparecer em casa com as vestes sujas ou rasgadas, machucados e com materiais escolares danificados ou ausentes, como também podem ter gastos diários inexplicáveis e altíssimos na cantina, pelo fato de estar sendo roubada por seu agressor na hora do lanche.

De acordo com Fante (2005), existem três tipos de vítima: a típica, a provocadora e a agressora.

As vítimas típicas “são aqueles que apresentam pouca habilidade de socialização, são retraídas ou tímidas e não dispõem de recursos, *status* ou habilidades para reagir ou fazer cessar as condutas agressivas contra si” (FANTE e PEDRA, 2008). Podem servir de bode expiatório e sentem dificuldade de impor-se ao grupo, tanto verbalmente como fisicamente, sendo considerada pelo agressor uma “presa fácil” para os abusos.

As vítimas provocadoras são aquelas que agem impulsivamente, com o intuito de provocar e atrair a atenção para si, porém, acabam por atrair as reações violentas, contra as quais não conseguem lidar eficientemente, sendo vitimizadas pelo agressor. São em grande parte, imaturas e apresentam comportamento dispersivo e falta de concentração (FANTE e PEDRA, 2008). Apresenta comportamento irritadiço, provocador, buliçoso, ofensor, intolerante e irritante e quase sempre são responsáveis por causar tensões no ambiente ao seu redor (OLWEUS, 1998).

As vítimas agressoras se direcionam para aqueles, que são ou que foram vitimizados, e que reproduzem os maus-tratos sofridos, com o propósito de buscar outros alunos para transformá-los em bodes expiatórios, na tentativa de transferir os ataques sofridos (FANTE, 2005). Vale destacar que esta tendência tem sido encontrada entre as vítimas, que fazem com que este fenômeno se transforme numa dinâmica expansiva, o que aumenta o número de alunos agredidos.

É preciso salientar, que o fato de algum dado aluno apresentar as características apontadas até o presente momento, não significa que o mesmo, seja ou venha a ser uma vítima ou agressor de bullying.

De acordo com Fante (2005), os **espectadores** são os alunos que, de certa forma, presenciam as ações vivenciadas pela vítima. Entretanto, não sofrem e nem praticam esta violência escolar diretamente e muitos repudiam as ações dos agressores, mas não fazem nada para ajudar ou para defender os intimidados. Alguns demonstram apoio e incentivo aos agressores e outros podem até mesmo fingir que estão se divertindo com a dor dos

violentados, como forma de estratégia de defesa, pois temem a serem próximas vítimas do fenômeno (CAMARGO, 2009).

O esquema abaixo representa o ciclo da agressão mais comum encontrado entre os envolvidos do fenômeno bullying, dos quais podemos compreender e distinguir o papel de cada participante, para o desencadeamento desta violência escolar.

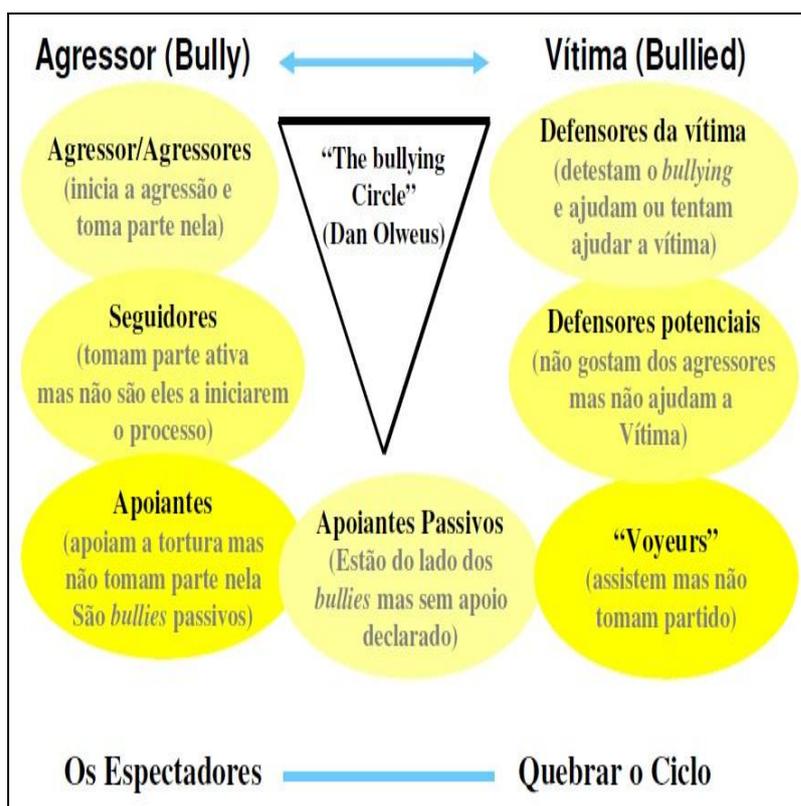


Figura 1: Ciclo da Agressão (NETO, 2006 apud BARROS, CARVALHO e PEREIRA, 2009, p.5744)

Convém esclarecer a existência de vários tipos de bullying (BENAVENTE, 2004):

- Físico: corresponde ao bullying feito por agressões físicas;
- Verbal: é muito comum no cotidiano, sendo expressos nos insultos e apelidos pejorativos e discriminatórios;
- Psicológico: afeta a auto-estima e promove a sensação de medo no indivíduo;
- Social: é o bullying feito pela negação, responsável pela exclusão e isolamento da vítima nas relações interpessoais.

Embora essa divisão seja feita, é fácil perceber que todos acabam influenciando psicológica ou socialmente, uma pessoa que sofra das agressões físicas ou verbais e certamente terá reflexos em sua auto-estima, afetando seus relacionamentos sociais e quem sofre exclusão de grupos também sofrerá com essa situação e será afetado psicologicamente. Assim essa divisão se faz principalmente para fins didáticos.

Uma característica a ser observada é que os comportamentos de bullying podem ocorrer de duas formas: direta e a indireta⁶, sendo ambas aversivas e nocivas ao psiquismo da vítima.

A direta inclui agressões físicas (bater, chutar, tomar pertences) e verbais (apelidar de maneira pejorativa e discriminatória, insultar, constranger); a indireta talvez seja a que mais prejuízo provoque, uma vez que pode criar traumas irreversíveis. Esta última acontece através de disseminação de rumores desagradáveis e desqualificantes, visando à discriminação e exclusão da vítima de seu grupo social (FANTE, 2005, p.50).

As agressões físicas ocorrem mais entre os meninos, enquanto que as verbais aparecem com mais ênfase entre as meninas (BARROS, CARVALHO e PEREIRA, 2009), em que estas parecem agir com maior requinte de sutileza e crueldade, levando a exclusão da vítima dos círculos restritos de amizades. Contudo, as manifestações do bullying indireto são as mais difíceis de serem identificadas e produzem efeitos mais sérios para os envolvidos.

Neto (2005) classifica o fenômeno bullying da seguinte forma: o bullying direto, que engloba a imposição de apelidos, assédios, agressões físicas, ameaças, roubos e ofensas verbais, o bullying indireto, que envolve atitudes de indiferença, isolamento e difamação e o cyberbullying, que se apresenta como o bullying exercido por meio das tecnologias inauguradas na modernidade.

É precisamente sobre a emergência deste tipo de bullying que este trabalho se centra.

2.3. Cyberbullying: A violência virtual que ultrapassa as barreiras espaços-temporais entre os indivíduos

Antes de atentarmos ao fenômeno cyberbullying, é necessário entender o contexto responsável pela sua evolução. Para isso é de extrema importância explicar o conceito de cibercultura e cyberespaço, além de estudar a história deste fenômeno moderno

⁶ Classificação segundo Fante (2005).

para buscarmos uma compreensão dos processos que o instigaram e fortaleceram na sua expressão na atualidade.

2.3.1. As manifestações da cibercultura e do cyberspaço na cultura moderna

A cibercultura é a cultura contemporânea expressada pela tecnologia digital, resultada da “relação simbiótica entre a sociedade, a cultura e as novas tecnologias de base micro-eletrônica que surgiram com a convergência das telecomunicações com a informática na década de 70”, (LEMOS, 2003, p.11) em um mundo moderno, onde a tecnologia é a principal responsável pela quebra das barreiras espaços-temporais entre os corpos.

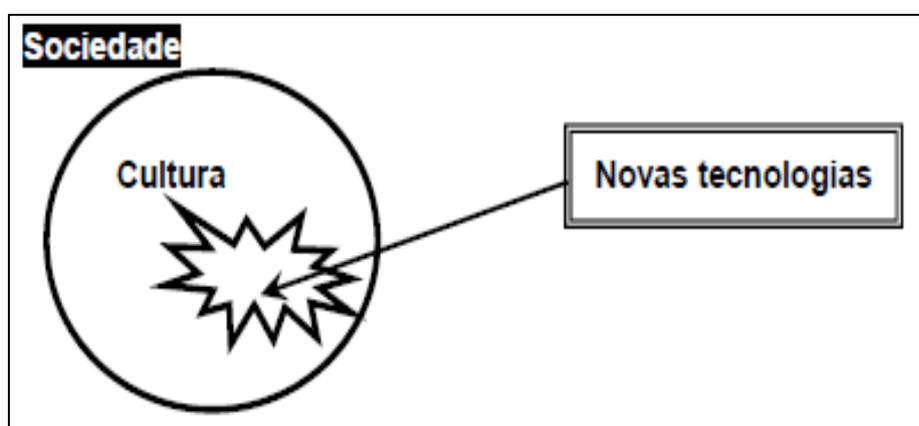


Figura 2. O que é cibercultura? (PINHEIRO, 2009, p.20)

A figura acima demonstra a cibercultura como resultante da tríade: sociedade, cultura e novas tecnologias, sendo uma “conseqüência direta da evolução da cultura moderna” (LEMOS, 2003, p.12), de modo que podemos enxergá-la como a nossa cultura de hoje, do cotidiano, proporcionando a sensação de habermos numa aldeia global⁷, introduzida de forma tão natural que praticamente nem a questionamos.

Entretanto, ela não se limita a ser uma simples conseqüência do desenvolvimento tecnológico, mas de uma mescla entre as mudanças sociais ocorridas ao longo do século XX (principalmente nos anos 70) com as novas formas de socialização dos indivíduos, em que a “união do homem com as novas tecnologias deu-se e criaram-se relações nunca imaginadas entre o homem e a máquina, o homem entre os outros homens e entre o homem e o mundo” (PINHEIRO, 2009, p.21), rumo à sociedade da informação.

⁷ De acordo com Lemos (2003) essa sensação de habitar numa aldeia global encontra-se pautada pela utilização das novas tecnologias.

Por essa necessidade de comunicação, a cibercultura ganhou forças ao possibilitar interações com alguém de várias regiões do mundo, através da utilização de ferramentas como a Internet e aparelhos celulares. Essas ferramentas nos proporcionam uma comunicação em tempo real, eliminando qualquer distância geográfica entre os corpos, além de ajudar de forma generalizada na disseminação dos conhecimentos no cyberspaço.

O termo cyberspaço aparece constantemente na imprensa e nas discussões sobre as novas tecnologias de informação e foi inventado pelo escritor “cyberpunk”⁸ de ficção científica Willian Gibson na década de 80, no seu monumental “Neuromancer”, através da junção das palavras “cybernetic” (cibernético) e “space” (espaço), definido por ele como “uma alucinação consensual, realizada diariamente por milhões de operadores no mundo inteiro” (GIBSON, 1982, apud FAUSTINO E OLIVEIRA, 2008, p.184). O cyberspaço seria a representação de um espaço mágico, pleno de conexões e de estruturas multidimensionais de telecomunicações criadas com o processo digital das informações (LEMOS, 1996), abrangendo praticamente “todas as áreas do nosso cotidiano: trabalho, educação, lazer, informação, conversas intelectuais, bate-papos informais, sedução, paquera, namoro, solidariedade, etc” (COSTA, 2006, p.22).

Não estamos tratando de um local físico, mas sim de um intocável espaço imaginário, onde circulam dados produzidos pelas tecnologias, que nos permitem entrar no cyberspaço e desenvolver relacionamentos parecidos com o que alimentamos no mundo real⁹, popularizando-se dia após dia nos sites da web, nas salas de bate-papo virtuais, nos comunicadores instantâneos, celulares e entre muitos outros, que propiciam “as novas modalidades de relacionamento, que permitem que o usuário estabeleça personagens virtuais, reais ou não, já que apenas com o uso de um ‘nickname’¹⁰ podem ser quem quiserem” (BOZZA, 2010, p. 42). É neste contexto, retratado pela autora, que muitos acabam achando a oportunidade ideal para apresentarem atos abusivos, mal intencionados e violentos, encobertos pelo anonimato característico dos dispositivos digitais.

⁸ “Cyberpunk” é um subgênero de ficção científica que utiliza elemento de romances policiais, film noire prosa pós-moderna, das quais mesclam uma ciência avançada, como as tecnologias de informação e a cibernética junto com algum grau de desintegração ou mudança radical na ordem social.

⁹ Tendo em vistas as limitações próprias do mundo virtual.

¹⁰ Os nicknames são apelidos que possibilitam ao sujeito ser quem ele quiser no mundo virtual, ou seja, o mesmo pode mudar ou assumir várias identidades conforme a sua vontade e em diversos contextos.

O anonimato pode estimular a desinibição, permitindo aos indivíduos se soltarem tendo assim, a liberdade de se expressarem abertamente (BOZZA, 2010; CRUZ, 2011; MAIDEL 2009; PINHEIRO, 2009). Todavia, as agressões virtuais são consideradas como ofensas reais, não só porque podem partir do mundo real, mas também porque seu conteúdo é uma representação do que ocorre na realidade.

Uma vez inseridas na cultura é compreensível que crianças e adolescentes recorram a estes artefatos para praticar bullying. Se temos um acesso fácil a isso, por que não aproveitá-lo? É o que muitos pensam, já que os fatos geralmente ocorrem quando existe a possibilidade de acontecer.

Sedentos pela comunicação, os relacionamentos sociais estão se tornando cada vez mais virtuais, porém este tipo de interação apresenta tanto aspectos bons com ruins, pois de um lado, encontramos pontos positivo das potencialidades tecnológicas como, por exemplo, os fóruns, onde partilhamos informações e opiniões, enquanto que por outro deparamo-nos com “situações que indiciam relações em que a questão do poder, nas suas lógicas de manipulação e sofrimento psicológico, passa a ser central” (NEVES e PINHEIRO, 2009, p. 5) em que, muitos recorrem a estes meios para cometerem ações como o assédio sexual de menores, as difamações e intimidações e o próprio bullying virtual, dentro de uma sociedade caracterizada tanto pela instantaneidade como pela conectividade, sendo regidas pela batuta do processamento de informações e das relações interpessoais virtuais entre diferentes povos.

2.3.2. Do passado ao presente: rumo à compreensão do cyberbullying nos dias de hoje

É conveniente fazer um recorte histórico sobre a gênese do cyberbullying, pois como diria Marc Bloch (2002, p.60) “na linguagem corrente, ‘presente’ quer dizer passado recente”, de modo que uma realidade nunca é compreendida da melhor forma do que por suas causas ao longo do tempo.

Através de um mergulho ao imenso mar do passado, descobrimos que ao contrário do que muitos pensam o cyberbullying, não começou com os telefones celulares ou com a Internet, mas com o uso das fotocopiadoras (NEVES e PINHEIRO, 2009). Sim, foi com a “simples fotocopiadora” inventada pelo físico americano Chester Carlson, no ano de 1947 (WICHES, 1993) que fotografias e textos, com o intuito de magoar alguém, eram

distribuídos pelos adolescentes da época, sendo esta a única ferramenta que os mesmos tinham ao seu alcance com facilidade.

Para complementar esta informação de que esta violência virtual não se originou dos artefatos digitais de hoje, os autores Fante e Pedra (2008, p.66) destacam:

Precisamos lembrar que prática semelhante acontece desde há muitos tempos, em brincadeiras de “amigo oculto”, ou de “correio elegante”. Nas trocas de mensagens algumas pessoas eram alvejadas com textos pejorativos e os autores se escondiam no anonimato, obviamente sem os recursos tecnológicos atuais. A intenção de ferir, de magoar e de ridicularizar é a mesma.

Sabemos que o cyberbullying não surgiu por si só, mas derivado das hipóteses sociais do momento em que se expandiram com o passar do tempo, chegando até a configuração atual. De acordo com Pinheiro (2009), cronologicamente podemos distinguir um avanço gradual do fenômeno em três estágios: pré-cyberbullying, cyberbullying e bullying digital. Vale frisar que a exposição feita pela autora sobre a evolução do cyberbullying no decorrer do tempo, está dividida em fases conforme a utilização tecnológica em cada período, caracterizando o fenômeno como uma violência virtual por meio dos artefatos tecnológicos. Assim, os estágios se complementam constituindo-se na ocorrência de único tipo de agressão: o cyberbullying.

A ilustração abaixo mostra de forma clara e objetiva os três estágios expostos pela autora, bem como a sua divisão associada ao recurso tecnológico empregado para cometer os ataques virtuais.

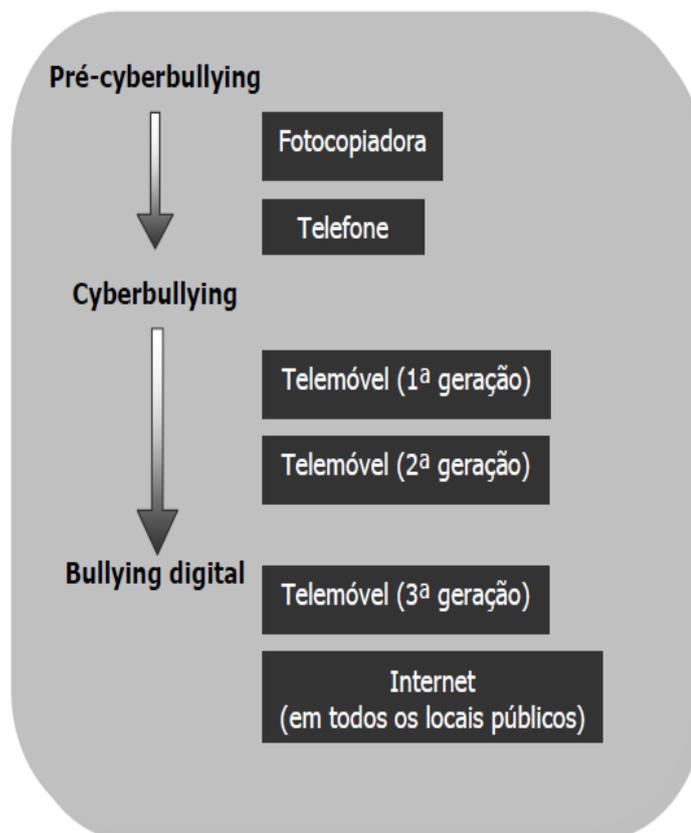


Figura 3. Evolução do fenômeno (PINHEIRO, 2009, p. 37)

A primeira fase é denominada de **pré-cyberbullying** e é relacionada com o surgimento desta forma de bullying. A designação de “pré” deve-se ao fato de neste contexto, os recursos tecnológicos não poderem ser totalmente nomeados pelo prefixo “cyber”¹¹, remetendo-nos a fotocopiadora e ao telefone móvel. Com o aumento do número de telefone fixo na residência de grande parte da população, o modo como esta violência começou a ser praticado modificou-se em comparação com aquela feita através da fotocopiadora, pois eram feitas chamadas anônimas para insultar uma referida pessoa, sendo conhecidos como “trotes”.

Com o avanço e o aprimoramento tecnológico, o fenômeno seguiu os mesmos caminhos que a inovação científica tomava com a condução humana. Neste momento, adentramos ao segundo estágio: **o cyberbullying**. Neste período, o cyberbullying adota o nome e os contornos pelos quais é conhecido na atualidade (PINHEIRO, 2009). Tal fato dá-se com o surgimento dos aparelhos celulares de primeira e segunda geração. Entretanto, esta fase é responsável pelo aparecimento do próximo estágio, em que podemos uni-los num único fenômeno, pois ambas são conseqüências geradas pela constante evolução das tecnologias de comunicação. Assim, os celulares da primeira geração permitiram um rápido processamento e envio de mensagens de textos (SMS).

¹¹ O prefixo cyber é dado pela as novas tecnologias por causa da sua ligação com a cibernética.

Os SMS apresentavam um custo relativamente baixo que permitiam as divulgações de conteúdos falsos e humilhantes sobre alguém, “o que resultou em várias ondas de risos pelos corredores das salas de aula por onde as vítimas (das histórias) passavam” (PINHEIRO, 2009, p.38). Como vivemos em uma sociedade que sempre busca modos para inovar e expandir as interações entre os indivíduos, o conhecimento tecnológico científico dos aparelhos ampliaram-se, emergindo os celulares da segunda geração no mercado consumidor. O produto que estava sendo lançado apresentava uma novidade, que era a câmera fotográfica embutida no aparelho.

Através das câmeras fotográficas, situações diversas do cotidiano individual eram registradas, sem necessariamente ser percebido pelo outro. Estes aparelhos, começaram a se popularizar na sociedade, chegando as mãos dos cyberbullies¹², que começaram a ter como diversão fotografar as cybervítimas¹³, durante e depois de serem agredidas, insultadas e humilhadas, sendo que as fotos eram mostradas nos próprios celulares por meio das mensagens de multimídias (MMS). As mensagens de multimídias eram mais dispendiosas do que as mensagens de texto e por conta deste custo, os jovens começaram a colocar as imagens na Internet. Contudo, eram poucas as pessoas que tinham acesso aos serviços da Internet naquela época.

Com o decorrer do tempo, os avanços tecnológicos cresceram e se aperfeiçoaram e logo houve a conversão da Internet para dentro das casas, escolas, estabelecimentos comerciais, hospitais, ou seja, em praticamente todos os ambientes que circulam a vida humana, resultando no fortalecimento dos laços que sustentam o último estágio de evolução do Cyberbullying: o **bullying digital**. Esta designação de bullying digital “deve-se ao fato de começar a ser consumado principalmente através das tecnologias digitais como é o caso da Internet” (PINHEIRO, 2009, p.38), favorecendo uma disseminação de fotos (as fotos tiradas por esses telefones poderiam ser divulgadas em redes sociais, que autorizavam até a criação de páginas falsas para os mesmos) por e-mails advindos dos celulares e das câmeras digitais. A terceira geração dos telefones celulares se transformou equipando-se com máquinas de filmar de alta resolução. Foi quando começaram a filmar os atos agressivos de propósito, para depois serem postados em sites, como por exemplo, o Youtube¹⁴. Entretanto há casos em que estas filmagens acontecem acidentalmente, como

¹² Como ocorrido no fenômeno bullying, em que os agressores podem ser chamados de bullies, os autores do cyberbullying podem ser denominados de cyberbullies.

¹³ A vítima de cyberbullying pode ser chamada de cybervítima.

¹⁴ O Youtube é uma rede social que permite a divulgação de vídeo podendo estes, ser visualizados por qualquer um que entrar nesta página eletrônica.

também situações “em que um pequeno grupo se junta para agredir alguém de propósito para ser filmado e disponibilizado no Youtube quase como se fosse um troféu” (NEVES e PINHEIRO, 2009, p.4970). Este caso, mencionado pelos autores, está se tornando muito freqüente no cotidiano, sendo nomeado de “*happy slap*” (bofetada alegre) e é uma moda originária nos Estados Unidos, que vem ganhando forças em todo mundo.

Vale destacar que os três estágios apontados por Pinheiro (2009), compõem o fenômeno cyberbullying, em que estas fases não podem ser separadas e muito menos excluídas, pois elas se inter-relacionam configurando os contornos pelos quais o cyberbullying é hoje conhecido.

Analisando o caminho histórico desenhado e exposto até o presente momento, percebemos que se passaram exatamente 64 anos desde a criação das fotocopiadoras, até os dias de hoje. Na realidade, este fato nem corresponde a um século.

O desenvolvimento das tecnologias de comunicação e informação deu-se em larga escala, em que nós, educadores devemos estar atentos para a ocorrência desta violência virtual cometida pelo uso dos recursos tecnológicos entre os nossos alunos.

2.4. Definição e caracterização do fenômeno cyberbullying

O assédio digital promovido pelos dispositivos eletrônicos está ocorrendo fortemente na atualidade. Vivemos entrelaçados com as tecnologias no nosso cotidiano, o que acaba influenciando conseqüentemente, numa nova geração interativa de crianças e adolescentes conectadas ao uso dos celulares e Internet, abrangendo desde os laços familiares até as instituições de ensino, pois tanto as escolas públicas como as privadas, a utilização destas tecnologias de informação e comunicação encontra-se presente na sala de aula, possibilitando novas oportunidades de ensino e modificando de forma satisfatória o processo de aprendizagem dos alunos (PÉREZ et al., 2009). Todavia, a popularidade da Internet e das outras tecnologias de comunicação dentro das salas de aula, contribuíram sem perceber, para o aparecimento e fortalecimento do cyberbullying, como forma de agressão e de ameaça entre os alunos configurando-se como um problema sério nas escolas, alcançando cada vez mais, um número significativo de indivíduos que sofreram ou que estão sofrendo deste tipo de violência virtual.

Por meio da exposição apresentada anteriormente, entendemos o cyberbullying como uma violência virtual relacionada ao uso de uma variada gama de tecnologias digitais, com o propósito de causar um constrangimento moral ou psicológico

(MAIDEL, 2009) à vítima. Segundo Maidel (2009), este tipo de violência pode ser considerado como uma evolução contemporânea da manifestação do fenômeno bullying. Entretanto esta temática de estudo é relativamente nova na literatura¹⁵.

Acredita-se que o conceito cyberbullying tenha sido utilizado pela primeira vez, pelo professor canadense de Cochrane, Alberta, Bill Belsey (CAMPBELL, 2005) entendido como uma nova expressão do bullying tradicional¹⁶. Por sua vez, o cyberbullying vem sendo definido pelo recurso às tecnologias digitais de comunicação e informação para difamar, humilhar e/ou denegrir a imagem de um indivíduo, além de estar relacionado com o envio e a postagem de textos e imagens intencionais e cruéis na Internet ou por outros meios digitais de comunicação (WILLARD, 2004 apud PÉREZ et al., 2009).

Os autores Faustino e Oliveira (2008), definem este tipo de violência virtual como a:

Ocorrência do bullying no ciberespaço. Importa salientar, no entanto, que essa forma específica de bullying possui características próprias. Sua ocorrência se dá pelo uso de tecnologias de comunicação, como emails, ligações telefônicas, mensagens enviadas pelo celular, material publicado na internet (textos, fotos ou vídeo) e conversas vias comunicador instantâneos, como o ICQ, MSN, IRC, Miranda, etc. (FAUSTINO e OLIVEIRA, 2008, p.185).

Assim, por meio da definição exposta pelos estudiosos citados a cima, entende-se que diferentemente das agressões pessoais e diretas entre os alunos, o cyberbullying consegue abranger uma disseminação ampla de calúnias, injúrias e informações que expõem publicamente o sujeito, através das tecnologias de comunicação. De acordo com PÉREZ et al. (2009) o cyberbullying atinge um público-alvo grande, enquanto que o bullying tradicional, os espectadores das agressões constituem-se de grupos menores ao estabelecermos comparações entre estas formas de violência. Diferentemente do assédio presencial, não há necessidade das agressões se repetirem, devido à rápida velocidade de divulgação dos dados nos meio virtuais, invadindo os recintos de segurança e de privacidade (BOZZA, 2010). Convém frisar, que as ações não se repetem, por causa da possibilidade de multiplicação e visualização dos fatos.

A ausência física e o anonimato do agressor para com a sua vítima é uma das características distintivas entre cyberbullying e bullying, nas quais o cyberbullies podem

¹⁵ Em alguns países como os Estados Unidos e o Reino Unido, este fenômeno é bastante conhecido e já esta sendo alvo de pesquisa pelos estudiosos.

¹⁶ Lembrando que o bullying é um tipo de violência contínua e intencional, podendo ser de caráter físico, verbal e/ou psicológica sobre o escolar.

se manter numa situação escondida como também distante, para praticar o fenômeno virtual. O fato de serem anônimas as agressões, as relações de poder entre agressor e vítima ocorrem de forma diferente quando comparada ao bullying tradicional. Ora, se no fenômeno bullying os mais fortes violentam os mais fracos, no fenômeno cyberbullying, os mais fracos protegidos por essa sensação anônima, exercem o mesmo tipo de violência e de domínio para com o mais forte (AMADO, MATOS e PESSOA, 2009). Neste sentido essa modalidade cibernética de violência não está relacionada com “a diferença de idade, tamanho, desenvolvimento físico ou emocional, e mesmo o maior apoio dos demais estudantes não são determinantes para a sua prática” (MAIDEL, 2009, p.116). No entanto, não se pode descartar a hipótese do agressor querer estender as atitudes agressivas da escola para o ciberespaço, intimando a vítima em todos os espaços possíveis.

O assédio virtual pode ocorrer em qualquer lugar e momento. Isso ocorre, por causa da mobilidade e da conectividade das novas tecnologias (PÉREZ et al., 2009) que ultrapassam as barreiras espaços-temporais entre os indivíduos. Dessa forma, a cada 10 adolescentes que utilizam a internet no seu cotidiano, oito usufruem dos dispositivos digitais em casa, o que significa que o agressor de cyberbullying pode agredir a sua vítima quando ela não está na escola ou nas proximidades dela (MASON, 2008 apud BOZZA, 2010).

O lar, antes era visto e associado a um lugar seguro e acolhedor para a vítima, está apenas se tornando um local comum, prorrogando a continuidade das atitudes após o término das aulas, nos finais de semana e feriados e até mesmo durante as férias escolares. Neste sentido, a cada dia aumenta-se a frequência da propagação das situações de intimidações, insinuações e insultos de alunos entre si, através de mensagens eletrônicas enviadas tanto por celulares como por computadores (AMADO, MATOS e PESSOA, 2009). Percebe-se que esta modalidade de violência virtual “é um modo dissimulado de agressão verbal e escrita” (PÉREZ et al., 2009, p.4).

Através da Internet, os agressores podem de forma anônima postar mensagens abusivas, obscenas e difamadoras em via e-mail, em sites de relacionamentos pessoais como Orkut, Facebook, Twiter ou utilizando-se dos programas de mensagens instantâneas como o MSN e Google Talk (BOZZA, 2010) em que o autor tem a opção de se fazer passar por outra pessoa ao adotar os *nicknames*, com o objetivo de formar uma nova identidade por detrás da tela do computador, espalhando rumores e boatos cruéis e desagradáveis que alimentam as intrigas e as fofocas entre os amigos de classe, de seus familiares e até mesmo dos profissionais que trabalham na escola (FANTE e PEDRA, 2008).

Muitas vezes, os blogs são criados pelo agressor para azucrinar e o Orkut é utilizado simplesmente para expor de forma vexante o indivíduo.

É muito comum “a divulgação no *Youtube* de pequenos vídeos de situações de aulas e de outras situações da vida na escola, tornando-se alguns deles, objeto de reparo e divulgação nos meios de comunicação social” (AMADO, MATOS e PESSOA, 2009, p.263). As fotografias podem ser tiradas com ou sem o consentimento das pessoas, podendo ser alteradas, por meio de montagens, para acrescentar conteúdos ofensivos e piadistas além de comentários racistas e sexistas, para serem “divulgadas em *sites*, colocadas em *newsgroups* e até nas redes de serviço, ou divulgadas através de materiais impressos espalhados nos corredores e banheiros ou circulam entre os alunos sem o conhecimento das vítimas” (FANTE e PEDRA, 2008, p. 66).

Uma vez inseridas as difamações na rede virtual, existe uma gigantesca dificuldade de tirá-las de circulação do cyberspaço, o que acaba conferindo um aspecto perene (PÉREZ et al., 2009) às referidas ações. Assim, qualquer criança ou adolescente vítima da crueldade destas atitudes, pode tentar mudar de escola, de bairro, cidade e até mesmo de país, mas poderá continuar a ser alvo desta violência aonde ela for e em qualquer lugar do mundo, pois ficarão registradas e permanecerão disponíveis “a todo um universo *online*, podendo vir a desencadear ou motivar embaraços e humilhações (talvez até novos ataques) na rede social recém inaugurada e, mesmo, angústia e constrangimento ao longo de sua vida” (MAIDEL, 2009 p.117). De acordo com Moraes (2007 apud Cruz, 2011) isto ocorre por causa da existência de quatro fatores próprios do cyberbullying, que são:

- **Persistência:** Todo conteúdo que é publicado pela Internet ficará para sempre registrado;
- **Pesquisabilidade:** Por estar disponível ao universo online, qualquer utilizador podem ter acesso as informações;
- **Replicabilidade:** Todo material que é colocado na Internet deixa de estar sob o nosso controle, podendo ser replicado e difundido;
- **Audiências visíveis:** É praticamente impossível remover os conteúdos que estão online.

Assim, tudo o que é exposto na Internet deixa de estar sob o nosso controle, podendo ser copiado e difundido nos padrões originais do autor ou em padrões totalmente

discrepantes da informação original (PINHEIRO, 2009). Convém assinalar que nem todos identificam o fenômeno cyberbullying como tal. O que, para alguns pode ser considerado como cyberbullying, para outros, pode ser um simples caso de difamação apoiada nas TICs¹⁷, dependendo da interpretação que cada um faz em determinados casos.

Refletindo acerca da definição do cyberbullying, “algumas pessoas entendem este fenômeno apenas como a continuação do cyberbullying escolar. No entanto, o cyberbullying não se resume simplesmente a isso. É mais complexo” (NEVES e PINHEIRO, 2009, p.4967). Assim, podemos apontar várias características diferentes do bullying escolar, estendendo-se a três níveis em decorrência do tipo de ação efetuada:

- **Gráfico:** refere-se à utilização de imagens;
- **Verbal:** relacionado com a utilização da linguagem
- **Psicológico:** refere à retransmissão de informações falsas sobre a vítima.

Apoiadas nas características levantadas pelos autores Neves e Pinheiro (2009) as transmissões de imagens e mensagens difamatórias e até mesmo falsas, referente a um ou mais indivíduos, podem ser consideradas como cyberbullying. No entanto, nem todas as ocorrências semelhantes entre escolares poderiam ser apontadas como atitudes deste tipo de violência. Para isso, Pinheiro (2009) estabelece:

Se utilizarmos uma imagem encontrada no Google ou em algum outro site com a nossa foto de perfil, de modo a não sermos reconhecidos, isto não é cyberbullying. É ter uma identidade falsa. No entanto, isto seria cyberbullying se a imagem em causa fosse usada intencionalmente para humilhar e/ou difamar a pessoa a quem essa imagem pertença. (PINHEIRO, 2009, p.30, grifo nosso)

Percebemos que nem todas as condutas podem ser incluídas como cyberbullying, em que precisamos nos atentar sobre a verdadeira intenção das atitudes cometidas ao próximo.

Sabendo das principais características do fenômeno cyberbullying, podemos então agrupá-lo concretamente em três níveis de ocorrência ao analisarmos as características e os tipos de fatos acometidos. De acordo com Neves e Pinheiro (2009) os três níveis são: aquele que só ocorre o Cyberbullying em si, o Bullying e Cyberbullying e o último é aquele que precisa do bullying para concretizar o cyberbullying.

¹⁷ TICs significa Tecnologias de Informação e Comunicação.

Como já mencionado, o primeiro nível é aquele em que só **ocorre o cyberbullying**. Ou seja, só acontece na Internet por meio de “mensagens obscenas, comentários de foro sexual e/ou pejorativo, perseguições por meio de troca de endereços de e-mail e pela criação de perfis falsos” (NEVES e PINHEIRO, 2009, p.4968). Assim, a intenção do agressor é a de humilhar a vítima.

O segundo nível é o do **bullying e cyberbullying**. Neste nível, o cyberbullying é a continuação do bullying, em que os casos são fermentados na escola através do assédio tradicional e subseqüentemente são levados para o virtual, através da utilização das novas tecnologias de informação e comunicação pelos agressores insatisfeitos de só intimidar a vítima no mundo real, transpassando o sofrimento aos muros escolares para a vida particular do aluno. Podem-se tirar fotos e publicá-las e enviar mensagens escritas (SMS), que podem ser anônimas com histórias de textos, como por exemplo: “*Estou a te ver...*”, “*Quando você menos imaginar eu vou te pegar*” ou “*Eu sei onde estás e o que estás a fazer...*” (NEVES e PINHEIRO, 2009, p.4968). Todavia, estas ações ocorrem intencionalmente pelo agressor, que é instigado pelo desejo de amedrontar e de gozar, assistindo a reação de desespero e angústia do intimidado.

O terceiro nível é aquele que **recorre ao bullying para concretizar as atitudes do cyberbullying**. Este nível é semelhante ao anterior, porém é apresentado por meio de duas variações denominadas de “leve” e “pesada”. Assim, Neves e Pinheiro (2009) a caracterizam da seguinte forma:

A “leve” é mais parecida com o cyberbullying de nível dois. No entanto, para se fazer a “gozação” em vez de se tirarem simples fotos ocasionais, agride-se a vítima com o intuito de tirar essas fotos para depois se distribuir por MMS (mensagem multimídia) ou pela Internet. Por outro lado, temos a versão “pesada” em que, como no caso anterior, é escolhida uma vítima mas sem a intenção de fotografar, mas de filmar toda a agressão. Ou seja, na versão “pesada”, é escolhida uma pessoa para ser agredida apenas para fazer um filme que irá posteriormente parar ao Youtube como se de um grande feito se tratasse. Temos aqui, o exemplo do fenômeno do “happy slap” (bofetada alegre), muito apreciado nos EUA. (NEVES e PINHEIRO, 2009, p. 4968)

O fenômeno do “happy slap” citado pelos autores, corresponde a uma prática característica de várias escolas do sul de Londres no ano de 2004. O termo “happy slap” significa “bofetada alegre” ou “bofetada divertida” e consiste em realizar agressões físicas e inesperadas para uma determinada pessoa, para filmá-las sendo compartilhadas com outros usuários conectados à Internet (TAIUL, COSTA e RODRIGUES, 2009). Todavia, o número de vídeos postados no Youtube com este teor de violência cresceu bastante, fazendo

com que a rede de serviços do Google¹⁸ se manifestasse contra estas ações, exprimindo medidas eficazes para monitorar os conteúdos divulgados na *web*, visando um combate contra a difusão do cyberbullying na rede social do Youtube¹⁹.

Abarcados pelo conhecimento referente ao bullying virtual, é válido destacar que os meios utilizados por crianças e adolescentes para efetuar as agressões digitais são: “o correio eletrônico, telemóvel, pager, websites pessoais, mensagens de texto (SMS), mensagem de multimídia (MMS) e/ou vídeos” (SHARIFF, 2007 apud NEVES e PINHEIRO, 2009, p. 4968), como também através de “e-mails, torpedos, blogs, fotoblogs, Orkut, MSN”, (FANTE e PEDRA, 2008, p.68) expondo o sujeito violentado a um público infinito, cuja capacidade de absorver, partilhar, transmitir, e modificar informações é incomensurável, o que pode originar satisfação ao cyberbullie (MORAIS, 2007 apud PINHEIRO, 2009).

Refletindo sobre o modo como se exerce este tipo de assédio virtual, percebe-se que o cyberbullying ocorre principalmente na Internet (PINHEIRO, 2009) o que contribuiu, para que esta temática se convertesse num problema mundial. De acordo com uma pesquisa realizada por Martínéz (2009), existe uma incidência menor de maus-tratos via telefone celular do que via Internet, significando que grande parte da ocorrência do cyberbullying se dá pela utilização dos websites, com o intuito de propagar conteúdos difamatórios para um número superior de usuários dos meios tecnológicos.

De acordo com Neves e Pinheiro (2009) em relação ao praticante de cyberbullying, podemos distinguir dois tipos: os **cyberbullies “acidentais”** e os **“adictos”**.

Os **cyberbullies acidentais** são caracterizados por indivíduos que utilizam as tecnologias de informação e comunicação, com a intenção de gozar ou de se vingar de uma pessoa. Dessa forma, Pinheiro e Neves (2009, p. 4969) expõem que “são criadas páginas pessoais falsas, são trocadas imagens íntimas de alguém com os amigos, são expostas histórias em blogs, entre outros. Os casos de vingança devido ao fim de namoro são frequentes neste caso, segundo fonte policial”. Os praticantes de cyberbullying acidentais desconhecem o efeito das suas atitudes sobre a vítima, sendo algo para àquela hora, configurando-se como uma gozação passageira para um determinado momento.

Os **cyberbullies adictos** são aqueles que praticam o cyberbullying por prazer. Podem até praticar acidentalmente, mas logo o adquirem como hábito, “é como se fosse um vício” (PINHEIRO E NEVES, 2009, p. 4969). Assim, “este tipo de cyberbullies

¹⁸ O Google é uma empresa multinacional de serviços online e de software dos Estados Unidos.

¹⁹ Esse monitoramento retratado é feito por um mecanismo de denúncias do usuário, permitindo assim, a avaliação deste tipo material que esta sendo divulgado na Internet.

percorrem páginas pessoais como predadores, e, tal como os predadores sexuais, escolhem uma vítima e perseguem-na até quase a exaustão” (NEVES, 2008 apud PINHEIRO, 2009, p. 34). Os cyberbullies adictos não buscam um prazer físico, mas sim, um prazer psicológico abarcado por uma sensação de domínio e de controle sobre a vítima.

Os indivíduos envolvidos com o fenômeno cyberbullying, podem assumir diferentes papéis. Existem os agressores que são aqueles que se enxergam como superiores, tendo o direito de intimidar os outros como também, “existem os alvos desse tipo de agressor, que acreditam ser diferentes ou até mesmo inferiores” (BOZZA, 2010, p.33). Há os vingadores, que são os indivíduos que já foram agredidos por outros e que agora usam a Internet para se vingar fazendo justiça com o próprio mouse e “as vítimas dos vingadores que agrediram outros, e agora estão sendo intimidados através da tecnologia” (idem, 2010, p33). De acordo com Ponte e Cardoso (2009), a vítima e agressor podem ser, na verdade, a mesma pessoa, só que em momentos diferentes, o que significa que um praticante de cyberbullying pode em outro momento ser uma vítima, ou a vítima ser um agressor desta modalidade cibernética de violência, através da inversão de papéis, pois “parece não se caracterizar por uma relação desigual de poder” (MAIDEL, 2009, p. 116). Também, existem os espectadores do bullying digital, que correspondem a um público online infinito que compartilham informações, encorajam e até apóiam o cyberbullie, ou simplesmente o observam-no e ignoram as intimidações sofridas pelo alvo, ajudando-o em nada para livrar-se do assédio virtual.

As intimidações do cyberbullying ocorrem num mundo virtual. Porém as conseqüências e os impactos das agressões se manifestam na vida de crianças e adolescentes, sendo reais e extremamente devastadoras, podendo em casos extremos culminar em casos de suicídios e automutilação por parte das cybervítimas mais vulneráveis (TONTURA et al., 2009 apud MAIDEL, 2009). Dentre as conseqüências mais comuns às vítimas encontram-se:

Os prejuízos na socialização e baixa auto-estima, pois a vítimas tendem a se isolar como forma de se proteger de novos ataques; prejuízos à aprendizagem, pois há uma queda na atenção da criança e quando é sabido que o cyberbullying origina-se na escola, a vítima tende a faltar às aulas (MAIDEL, 2009, p.116)

Existe também embate sobre a saúde física e emocional da vítima, manifestadas por sintomas como: ansiedade, depressão, tristeza, estresse, medo, apatia, raiva reprimida, dores de cabeça e estômago, angústia, distúrbios do sono, perda de apetite, isolamento, dentre outros (MAIDEL, 2009). Percebe-se que as conseqüências manifestadas tanto no fenômeno bullying como no cyberbullying, são extremamente parecidas, mas os

prejuízos causados às vítimas do bullying digital são maiores, pois as tecnologias de comunicação e informação garantem o anonimato associado a uma sensação de impunidade ao autor, gerando dificuldades nos mecanismos de respostas e proteção contra o assédio virtual. Todavia, na atualidade existem órgãos e delegacias especializadas em denunciar crimes virtuais como, por exemplo, a SaferNet Brasil,²⁰ que é uma entidade de referência nacional no enfrentamento de crimes cibernéticos e da violação aos Direitos Humanos na Internet no estado brasileiro.

Os autores Faustino e Oliveira (2008) retratam que muitas das conseqüências do cyberbullying persistem ao longo da vida da cybervítima, sendo necessária a intervenção de um especialista para ajudá-las a superar os traumas causados pela violência virtual.

Para se ter um parâmetro adequado da ocorrência do bullying virtual, Pérez et al. (2009) realizou uma pesquisa com o objetivo de explorar a expansão da violência digital na Internet e nos telefones celulares entre estudantes de vários países da América Latina como a Argentina, Chile, Colômbia, México, Peru, Venezuela e Brasil reunindo-se numa amostra de 20.941 estudantes com idade entre 10 a 18 anos de instituições públicas e privadas de ensino. A metodologia deste trabalho baseou-se num questionário online composto de 60 perguntas e os dados foram coletados durante o período escolar na própria sala de informática, sendo obrigatório a presença de um professor da instituição de ensino. Por meio desta pesquisa, 2.542 estudantes nos setes países reconheceram ter tido algum prejuízo por meio do celular e do Messenger. Deste total, 12,1% experimentaram alguma forma de cyberbullying. Os autores confirmaram a presença do telefone celular como a ferramenta mais usada para a agressão, um índice de 13,3%. Na comparação entre sexos, dos 9.433 meninos que compunham a amostra, 22,4% usaram o celular ou o Messenger para prejudicar um indivíduo, ao passo que só 13,4% das meninas participantes reconheceram ter agredido alguém com os artefatos eletrônicos. Dessa forma, este dado permite supor que o sexo masculino desempenha mais o papel de agressor do que o feminino. No entanto, 19,25% dos meninos foram vítimas do fenômeno cyberbullying, enquanto que 13,8% das meninas se manifestaram vítimas deste bullying no mundo virtual (PÉREZ et al., 2009).

²⁰ SaferNet Brasil é uma associação civil de direito privado fundada em 20 de dezembro de 2005 por um grupo de cientistas da computação. Consolidou-se como entidade de referência nacional no enfrentamento aos crimes e violação aos Direitos Humanos na Internet, tem-se fortalecido institucionalmente tanto no plano nacional como no internacional pela sua capacitação de mobilização e articulação, produção de conteúdos e tecnologias de enfrentamento aos crimes cibernéticos e por acordos com instituições governamentais.

Sabemos que o cyberbullying é um tema considerado novo na literatura, entretanto estamos lidando com “uma nova garrafa com um vinho velho” (LI, 2007 apud PÉREZ et al., 2009, p.2).O cyberbullying é simplesmente o fenômeno bullying, só que expresso em conjunto com as tecnologias de comunicação e informação da atualidade. Logo, não se podem fazer separações entre os fenômenos, pois um não existe sem o outro, configurando-se como as duas faces da mesma realidade.

3. INVESTIGAÇÃO DE CAMPO

“Aventurar-se pelo campo da pesquisa é buscar novos modos de compreender o mundo que vivemos.” **Karen Salgado**

Por meio da exposição apresentada, percebemos que o fenômeno cyberbullying é um tipo de bullying extremamente grave, pois tudo que é escrito e postado através das tecnologias de informação e comunicação assume uma dimensão maior, envolvendo um público gigantesco e desconhecido perpetuando impactantemente na vida de quem sofre este tipo de assédio virtual. A propagação do fenômeno é rápida e em questão de segundos recados, fotos, vídeos com conteúdos inapropriados percorrem o ciberespaço tornando a informação conhecida a todo um mundo online, pois tanto a Internet como os telefones celulares são embutidos de tecnologias que facilitam a comunicação com outros países do mundo, quebrando as barreiras espaços-temporais para o surgindo de um novo mundo: o mundo virtual.

Neste mundo novo, as pessoas têm a escolha de constituir o papel de outra, sentindo-se segura pela sensação de anonimato que estes meios proporcionam, reinando a idéia de que nunca ninguém irá conseguir desmascarar esta falsa personalidade, o que motiva a atormentar e a perseguir aqueles que não conhecem ou os que são conhecidos. Deliciando-se vagarosamente do sofrimento da vítima, o cyberbullie se sente forte e imponente e quem sofre sente-se acuado, pois o mundo todo pode ter acesso através de um único “click” todo o conteúdo constrangedor, acessando-o pelos computadores e celulares. Convém frisar, que é quase impossível retirar as informações de circulação destes meios, sendo copiadas, duplicadas, imprimidas e guardadas, podendo acompanhar a vítima por longos períodos, sendo sempre serão vistas e até mesmo recordadas por alguém.

Conscientizados sobre o fenômeno cyberbullying é extremamente importante que os alunos também o conheçam. Desta forma, este trabalho de conclusão de curso se centra em investigar se os alunos sabem ou não da existência deste tipo de violência virtual, reforçando novamente a idéia de uma aproximação entre os fenômenos bullying e cyberbullying, sendo entendido apenas como “uma nova garrafa com um vinho velho” (LI, 2007 apud PÉREZ et al., 2009, p.2).

3.1. METODOLOGIA

3.1.1. Sujeitos da pesquisa

Esta pesquisa foi realizada com alunos de todos os anos do ensino médio. Do primeiro ano participaram 24, do segundo ano 21 e do terceiro ano 29, somando-se ao total, 74 alunos participantes de uma instituição da rede estadual de ensino do município de Campinas, com idade variando entre 14 a 19 anos, com média de idade de 16,5 anos, em que 44 eram meninas e 30 meninos, selecionados por série e disponibilidade da coordenação com relação à grade horária dos alunos. A escolha, a princípio tanto da escola envolvida como dos participantes deu-se por conveniência, pois tínhamos vínculos com esta instituição por causa da realização do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a Docência, PIBID²¹ há dois anos nesta escola.

Apesar da instituição disponibilizar o ensino fundamental e médio, direcionamos esta pesquisa para os alunos do ensino médio, considerando que estes teriam respostas mais objetivas e concisas sobre o assunto investigado.

3.1.2. Instrumento de pesquisa

Para alcançar o objetivo proposto neste trabalho, optamos em trabalhar com uma metodologia de caráter exploratória e quantitativa. Utilizamos para tal, a aplicação de um questionário para ser respondido por escrito pelos alunos dos diferentes anos do ensino médio, com a intenção de obter informações sobre o nosso objeto de estudo.

Segundo Lüdorf (2004) este instrumento visa atingir um grande número de indivíduos, podendo ser aplicado e analisado rapidamente, além de ser adequado para investigar assuntos gerais, como aqueles relacionados ao fenômeno cyberbullying. Entretanto, existe uma limitação óbvia do questionário que diz respeito, aos resultados consistir em apenas “no que as pessoas dizem que fazem ou no que dizem acreditar ou gostar ou não gostar” (THOMAS, NELSON e SILVERMAN, 2008, p.235) influenciando diretamente nas respostas dos participantes.

²¹ O PIBID é um projeto desenvolvido pela UNICAMP, direcionado para a iniciação do aluno de graduação matriculado na licenciatura ao contato com a docência.

Como toda e qualquer técnica teórica, a utilização deste instrumento de pesquisa, também apresenta algumas desvantagens que segundo Lüdorf (2004) refere-se ao baixo índice de retorno, a anulação da “expressão de sentimentos” do sujeito em função da sua estrutura rígida, a não aplicação em analfabetos como também as más interpretações que podem dificultar tanto o entendimento como o esclarecimento das perguntas por parte do respondente. No caso em questão, os primeiros problemas não ocorreram, porque o questionário foi aplicado a toda a turma ao mesmo tempo, na presença da pesquisadora, embora os sujeitos tivessem liberdade de não respondê-lo. Todos os alunos responderam e todos eram alfabetizados.

O questionário (ANEXO A) elaborado para esta investigação de campo constitui-se de questões abertas e fechadas. De acordo com Thomas, Nelson e Silverman (2008) as questões abertas permitem ao indivíduo uma considerável liberdade para expressar suas idéias enquanto, que as fechadas forçam o indivíduo a situar suas respostas em detrimento de uma ordem de classificação de acordo com algum respectivo critério, determinando com exatidão os objetivos investigados pelo estudo.

O questionário é composto por perguntas relacionadas aos fenômenos bullying e cyberbullying além, das questões focadas nas características específicas desta modalidade virtual de violência.

3.1.3. Procedimento

Inicialmente, entramos em contato com a direção da escola e explicamos os objetivos da pesquisa. Com o consentimento para a realização do estudo, entregamos o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido a diretora e enviamos o trabalho ao Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas. Após a aprovação da pesquisa, entramos novamente em contato com a diretora e o coordenador pedagógico para esclarecer os últimos detalhes para a aplicação da pesquisa.

Optamos pela aplicação do questionário nas salas pessoalmente, para esclarecer possíveis dúvidas aos participantes. Como o objetivo deste trabalho é compreender o que os alunos pensam sobre o fenômeno cyberbullying, nenhuma informação durante a aplicação da pesquisa foi dada, evitando qualquer influência da pesquisadora sobre as respostas fornecidas pelos sujeitos.

Entramos em quatro salas: uma sala de 1º ano, uma sala de 2º ano e duas salas de 3º ano do ensino médio, pois o número de alunos por sala era pequeno e para termos

números próximos de alunos entre as 3 séries. Os alunos participantes, por sua vez, foram informados que se tratava de questionário individual e anônimo e ressaltamos a confidencialidade dos dados deixando-os a vontade para responder as perguntas, deixamos bem claro que não existiam respostas certas ou erradas, pois queríamos entender o que eles sabem sobre a temática do cyberbullying.

O tempo de aplicação dos questionários não ultrapassou 15 minutos e todos os alunos que estavam presentes não hesitaram em respondê-lo, uma vez que não eram obrigados a participar desta pesquisa de campo.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Para analisar as respostas obtidas agrupamos as perguntas em tópicos. O questionário foi elaborado com a intenção de realizar comparações entre os fenômenos bullying e cyberbullying, além de refletir sobre as particularidades do cyberbullying. Primeiramente, apresentamos as informações pessoais dos participantes da pesquisa, para conhecê-los antes de analisarmos seu conhecimento sobre os assuntos abordados. Assim, a apresentação dos dados foi feita em itens, visando uma melhor compreensão ao leitor.

4.1. Informações Pessoais

Analisamos as informações pessoais dos estudantes que responderam ao questionário. Este instrumento metodológico foi respondido por alunos de todos os anos do ensino médio, somando-se 74 participantes, sendo 24 alunos do 1º ano, 21 do 2º ano e 29 do 3º ano do ensino médio.

As informações pessoais destacadas referiam-se a: **idade, gênero, tempo de estudo nesta escola e o relacionamento com os colegas.**

A idade dos participantes variou entre 14 a 19 anos, com média de idade de 16,5 anos. Com relação ao gênero dos alunos, tivemos 44 meninas e 30 meninos. De acordo com Rosenberg (1989 apud Franco e Novaes, 2001) a cultura escolar favorece mais a permanência das meninas na escola no ensino médio do que a dos meninos, pelo fato destes sofrerem uma maior pressão pela família para o seu ingresso antecipado no mercado de trabalho. A informação exposta pela autora foi observada nas salas em que desenvolvemos a pesquisa, tendo uma maior predominância de mulheres nas salas investigadas em relação aos homens, uma vez que todos os alunos responderam ao questionário.

Dos 74 participantes, 16 (22%) estudam nesta escola a menos de um ano e esta diferença fluiu entre os que estão há semanas como também os que estão há alguns meses na escola pesquisada. Por outro lado, 52 alunos (70%) freqüentam há mais de um ano e 6 (8%) optaram por não responder a questão. Estas informações podem ser visualizadas no gráfico a seguir:

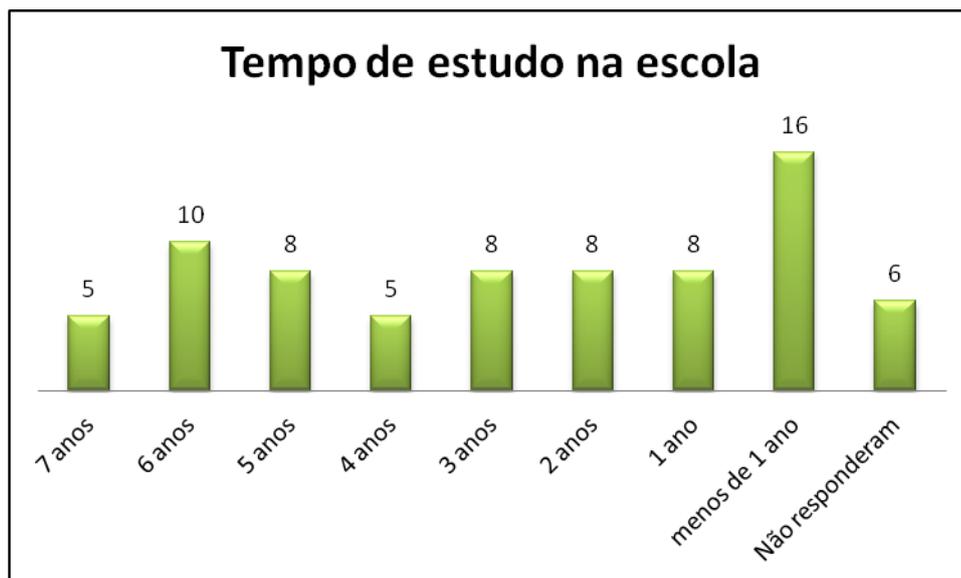


Figura 4. Tempo de estudos dos estudantes na respectiva escola

Ao pensarmos sobre o modo como as relações sociais ocorrem entre os alunos, entendemos a escola como um:

Lugar de encontrar e conviver com os amigos; o lugar onde se aprende a ser “educado”, o lugar onde se aumentam os conhecimentos; o lugar onde se tira o diploma e que possibilita passar em concursos. Diferentes significados, para um mesmo território, certamente irão influir no comportamento dos alunos, no cotidiano escolar, bem como nas relações que vão privilegiar. (DAYRELL, 1996, p.10).

Enxergamos o aluno como um sujeito sociocultural, constituído de um saber e de uma cultura, que se relacionam entre si através dos grupos sociais, com os quais os indivíduos se identificam por meio de interesses comuns, através de um processo dinâmico, criativo e ininterrupto que propicia e reelabora a troca de experiências no seu cotidiano.

Os relacionamentos entre os alunos são de extrema importância, pois permitem ao jovem compreender o seu papel na sociedade, fortalecendo os laços entre o mundo que o cerca com o processo de formação da sua identidade (DAYRELL e GOMES, 2009). Faz-se necessário entender como são os relacionamentos dos participantes, para compreendermos a trama das redes sociais sustentadas no seu contexto escolar. Apresentaremos um gráfico com informações referentes ao modo como os respondentes enxergaram o seu relacionamento com os colegas:

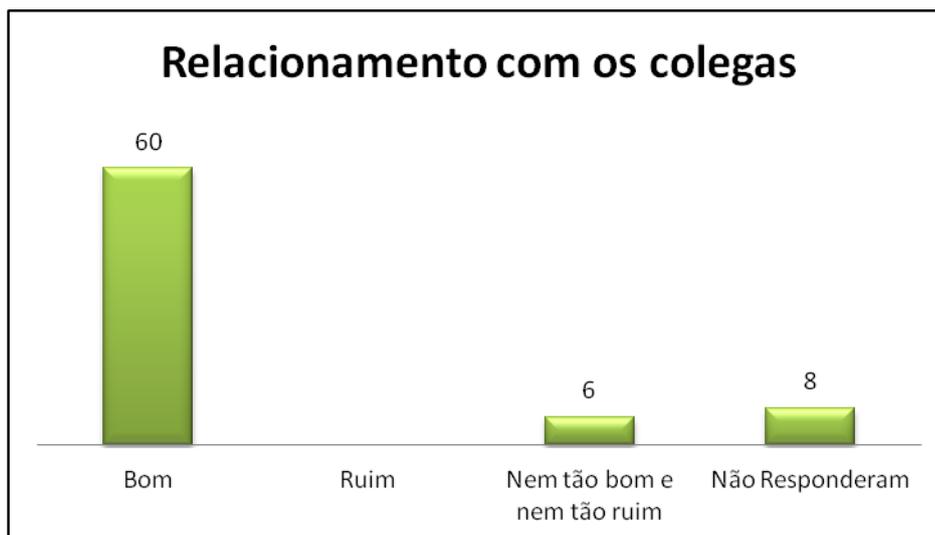


Figura 5. Classificação dos alunos para o seu relacionamento com os colegas de escola.

Conforme a figura mostrada acima, dos 74 respondentes, 60 (81%) consideraram seu relacionamento bom, 6 (8%) classificaram como nem tão bom e nem tão ruim e 8 (11%) optaram por não responder a pergunta. Nenhum aluno considerou o relacionamento estabelecido com os colegas ruins.

Analisando os dados colhidos nesta pergunta com aqueles obtidos com o tempo de estudo na escola, traçamos um paralelo entre as duas informações, a fim de esclarecer se os alunos que estudam há mais tempo na escola são os mesmos que consideraram o seu relacionamento com os amigos bons ou nem tão bons e ruins e se os que estão a menos tempo, enxergam suas relações como boas ou nem tão boas e ruins.

Os resultados foram: dos 16 (22%) que freqüentam a instituição de ensino há menos de um ano, 4 classificaram suas relações como nem tão boas e nem tão ruins e 10 disseram ter um bom relacionamento com os colegas, enquanto que dos 52 (70%) que estão há mais de um ano nesta escola, 50 classificaram seu relacionamento como bom e 2 compreenderam as suas relações sociais, como não eram tão boa e nem tão ruim entre os amigos.

Acreditamos que esta classificação feita deu-se em função do engajamento e do nível de convivência estabelecidos, além das interações com a escola em questão.

4.2. Fenômenos: BULLYING e CYBERBULLYING

Partindo-se do pressuposto de que o bullying e cyberbullying não podem ser tratados separadamente, pois um não existe sem o outro, analisamos as perguntas que

permitiram comparações entre ambas, o que corrobora com as informações trazidas pelos autores Neves e Pinheiro (2009), que o cyberbullying é o bullying, só que através das novas tecnologias de comunicação.

4.2.1. Ouviram falar de bullying e cyberbullying?

Investigamos se os alunos ouviram algo sobre os fenômenos bullying e cyberbullying, em que dos 74 respondentes, 71 (96%) alegaram que ouviram falar em bullying, enquanto que 29 (39%) disseram que ouviram algo sobre o fenômeno cyberbullying. Estas informações encontram-se no gráfico a seguir:

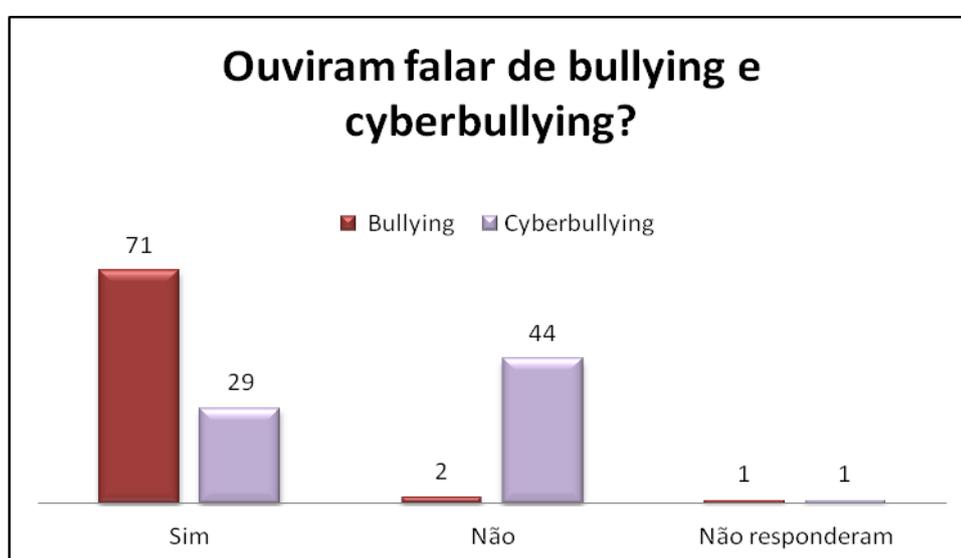


Figura 6. Quantidade de alunos que ouviram falar sobre o fenômeno bullying e cyberbullying.

De acordo com a figura acima, observamos que o cyberbullying teve um número menos expressivo quando comparado ao bullying, em que percebemos que aos poucos os indivíduos vêm adquirindo conhecimento sobre esta violência virtual, pois estamos lidando com um assunto pouco conhecido, mas com efeitos que podem trazer muitas preocupações a todos, (NEVES e PINHEIRO, 2009) por conta da expansão dos aparelhos tecnológicos na cibercultura atual.

Quando analisamos os dados obtidos por cada série investigada, observamos que alguns anos manifestaram um maior conhecimento que outros. Esta informação encontra-se presente no gráfico abaixo:

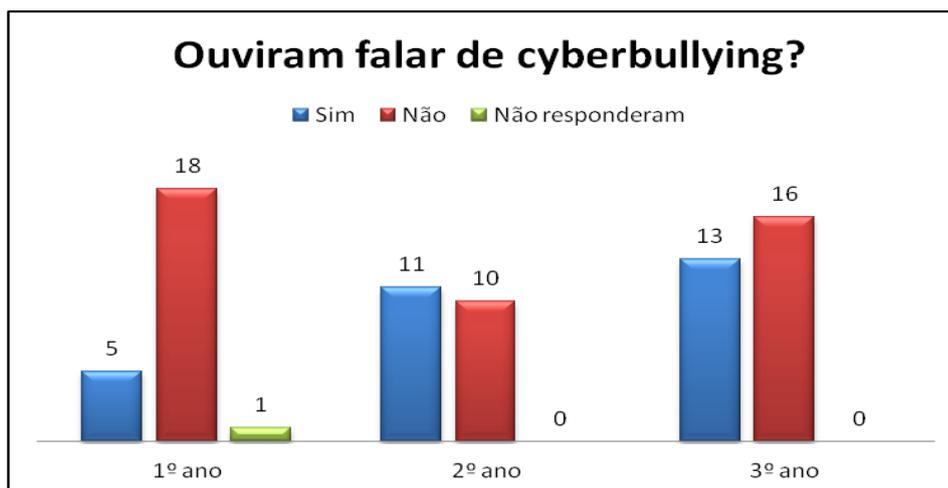


Figura 7. Descrição por ano dos participantes que ouviram algo a respeito do cyberbullying.

Dos 29 participantes, 17% eram do primeiro, 38% do segundo e 45% do terceiro ano do ensino médio e constatamos que os alunos matriculados no segundo ano do ouviram falar de mais cyberbullying que os demais níveis de ensino.

4.2.2. O que sabem sobre o cyberbullying?

Perguntamos aos alunos, se eles têm conhecimento sobre o fenômeno cyberbullying, com o propósito de identificar se sabem algo sobre o bullying virtual. Esta pergunta foi elaborada no formato de questão aberta, em que 23% dos alunos optaram por não respondê-la e 39% alegaram que não sabiam nada sobre o assunto investigado. Consideramos este dado bastante interessante e percebemos que a temática do cyberbullying não é tão familiar aos participantes, uma vez que as informações e os estudos acadêmicos são pouco divulgados e discutidos no Brasil.

Em seguida, apresentaremos o quadro com as respostas elencadas nesta pergunta:

<i>Informações coletadas sobre o cyberbullying</i>	<i>Porcentagem (%)</i>
Não sabem	39
Bullying e agressões na Internet	28
Não responderam	23
Bullying com meios de comunicação como a Internet e os telefones celulares	6
Agressão em sites de relacionamento	4

Quadro 1. Informações expostas pelos alunos sobre o que sabem do cyberbullying.

Constatamos que apenas 28 (38%) alunos demonstraram conhecimento sobre o cyberbullying, sendo 7% do primeiro ano, 43% dos alunos do segundo e 50% dos alunos do terceiro ano, manifestaram algum conhecimento sobre o cyberbullying. Neste sentido, a sala que mais demonstrou conhecer o fenômeno foi o terceiro ano e a classe que menos manifestou saber algo sobre o bullying virtual foi o primeiro ano do ensino médio.

Ao Observarmos os 28 sujeitos que responderam a pergunta, verificamos que 21 ouviram falar em cyberbullying e 7 disseram que nunca ouviram nada sobre o fenômeno, mas os mesmos mostraram que sabem algo em relação ao assunto investigado sem ter necessariamente ouvido alguma informação anteriormente. Todavia, todos os alunos que responderam a questão, também disseram que ouviram algo sobre o fenômeno bullying.

Também analisamos que 32% dos participantes relacionaram o cyberbullying à Internet e 6% estabeleceram vínculos entre o fenômeno ao uso dos telefones celulares, além da própria rede mundial de computadores. Verificamos também, que os sujeitos associaram mais o fenômeno cyberbullying aos computadores do que aos telefones celulares. No trabalho realizado por Cruz (2011) a autora também encontrou um menor índice das agressões virtuais pelo celular, uma vez que os serviços são mais caros, quando comparados com aqueles oferecidos pela Internet. Este dado também apareceu numa pesquisa realizada por Avilés (2009 apud Bozza, 2010) na Espanha, constando uma menor ocorrência dos maus tratos via celular, corroborando com as informações encontradas nesta pesquisa.

Exemplificaremos as categorias do quadro anterior com algumas respostas dadas pelos alunos.

Sujeito 6: “Não sei o que é cyberbullying”.

Sujeito 25: “Que é um bullying, sofrido pela internet”.

Sujeito 32: “É o bullying, e a humilhação só que pela rede social”.

Sujeito 36: “É a forma de agressão na internet”.

Sujeito 39: “É o bullying cometido em sua vez na internet ou nos meios de comunicação”.

Sujeito 51: “Sei que é um tipo de bullying que ocorre via internet”.

Sujeito 52: “Agressão em sites de relacionamento”.

Sujeito 66: “Que acontece diversas ofensas, constrangimentos, calúnias, é um crime grave na minha opinião. Ocorre na internet e em diversos sites sociais, e de relacionamentos”.
Aqui são duas respostas, certo?

Sujeito 68: “É exatamente o bullying só que na internet”.

Sujeito 69: “Cyberbullying é quando pessoas são agredidas via internet, através de ameaças anônimas, contas hackeadas e etc.”.

Como mencionado, alguns alunos relacionaram o cyberbullying ao bullying e as agressões pela Internet. Esta informação pode ser confirmada por Amado, Matos e Pessoa (2009) expondo que o cyberbullying se constitui de uma nova expressão do bullying indireto, estabelecido com o recurso de dispositivos eletrônicos. Os autores Neves e Pinheiro (2009) também fazem relações entre os fenômenos, defendendo que o cyberbullying é o bullying praticado com o auxílio das tecnologias novas, como os telefones celulares e a internet. Os autores Ponte e Cardoso (2009, p.1) entendem o cyberbullying por “envolver o uso de tecnologias da informação para intimidar, incomodar, vitimizar ou agredir um indivíduo ou grupo de indivíduos” e Belsey (2006 apud Cruz, 2011, p.4) explica o cyberbullying como o “uso de tecnologias de comunicação e informação como forma de levar a cabo comportamentos deliberados, repetidos, hostis contra um indivíduo ou grupo, com a intenção de causar dano.” Através dos conceitos apresentados pelos autores, confirmamos a existência de uma aproximação entre os fenômenos bullying e cyberbullying, fato este encontrado e associado pelos participantes desta pesquisa.

Analisando as reflexões de 4% dos respondentes, que associaram a ocorrência do cyberbullying aos sites de relacionamento, entendemos que esta informação encontra-se pautada no uso que as pessoas fazem da Internet no seu cotidiano. Refletindo sobre os hábitos de navegação na rede mundial de computadores, a SaferNet Brasil numa de suas pesquisas com os internautas, comprovou que 80% dos usuários consideraram os referidos sites como favoritos. Através de uma outra pesquisa promovida pela mesma associação, confirmou-se que este favoritismo é decorrente das interações promovidas entre os adolescentes nestas páginas eletrônicas.

Verificamos que 6% dos alunos, associaram a ocorrência do bullying virtual ao uso dos meios de comunicação, pois o cyberbullying também acontece com a utilização dos celulares. Na cibercultura, o celular:

Serve não só para fazer chamadas e enviar mensagens de texto (SMS's), sendo possível enviar mensagens de imagem e vídeo (MMS's), tirar fotografias, ouvir música, gravar vídeos e aceder à internet. O telemóvel transformou-se num poderoso meio de comunicação indispensável ao dia-a-dia de muitos. (CRUZ, 2011, p.1)

Através deste aparelho, o agressor pode enviar conteúdos desagradáveis, além de poder compartilhá-los com outros colegas, para injuriar, caluniar, expor e prejudicar a

vítima do bullying virtual. As mensagens enviadas pelo celular por SMS são baratas e permitem uma divulgação rápida dos conteúdos, enquanto que as mensagens de multimídia (MMS) são mais caras, mas permitem o envio de fotos e vídeos para outros aparelhos. Pela Internet, as mensagens são enviadas sem custo e limitação, possibilitando uma maior propagação quando comparados com os celulares. Contudo, a indústria dos telefones móveis traz inúmeras inovações tecnológicas como, por exemplo, o dispositivo Bluetooth²². De acordo com Lima e Gonçalves (2009) o Bluetooth, é uma tecnologia de comunicação sem fios e de curto alcance que permite conectar computadores, telefones celulares e dispositivos portáteis entre si à internet, transmitindo informações entre os aparelhos compatíveis com esta tecnologia. Neste sentido, o referido dispositivo permite trocas entre celulares de fotos e vídeos, de forma rápida, barata e segura, dos quais este conteúdo pode conter ações do cyberbullying.

Apesar dos celulares apresentarem estes serviços, a Internet converteu-se em algo bem mais conhecido dos nossos jovens (NEVES e PINHEIRO, 2009), pois “os celulares não *parecem gerar novos espaços*, porque diferentemente dos computadores (e até mesmo dos *laptops* e *palmtops*) suas pequenas dimensões e o custo das ligações não possibilitam a imersão prolongada do usuário em um tempo alternativo” (COSTA, 2006, p.24).

Refletindo sobre a ocorrência do cyberbullying, através das mensagens enviadas tanto pelo telefone celular como pela Internet, perguntamos aos alunos numa outra questão, se alguma vez receberam mensagens constrangedoras ou mal intencionadas nestes dispositivos tecnológicos e tivemos os seguintes resultados: 82% disseram que nunca receberam, enquanto que 18% responderam que receberam alguma vez uma mensagem constrangedora na Internet e/ou no celular.

A transmissão de mensagens, com conteúdo difamatório e até mesmo falso, induz as agressões do cyberbullying, sendo estas disparadas via Internet ou celular. O autor pode se fazer passar por outra pessoa com a finalidade de dizer coisas desagradáveis ou simplesmente para disseminar intrigas e fofocas (FANTE e PEDRA, 2008). Esta informação também foi comprovada pelos autores Amado, Matos e Pessoa (2009) ao expor que é muito elevada a frequência de situações de insinuações, intimidações e até mesmo de insultos de alunos entre si, por meio de mensagens eletrônicas intimidadoras, encaminhadas via celular

²² Segundo Lima e Gonçalves (2009), o nome Bluetooth surgiu de uma analogia ao sobrenome do rei dinamarquês Harald Blatand que, em inglês, significa Bluetooth. Este rei ficou conhecido por unir as tribos norueguesas, suecas e dinamarquesas durante o século X. Esta tecnologia é feita através de radiofrequência, permitindo que um dispositivo detecte o outro num raio de 10 metros.

ou Internet, que circulam pelo mundo virtual através de uma divulgação maciça para o conhecimento dos outros.

4.2.3. Praticaram bullying e cyberbullying?

Perguntamos aos alunos se praticaram alguma vez, o bullying e o cyberbullying. Dos 74 participantes, 53 (72%) manifestaram que nunca praticaram o bullying e 68 (92%) alegaram que nunca praticaram o cyberbullying. As informações podem ser visualizadas na figura 8:

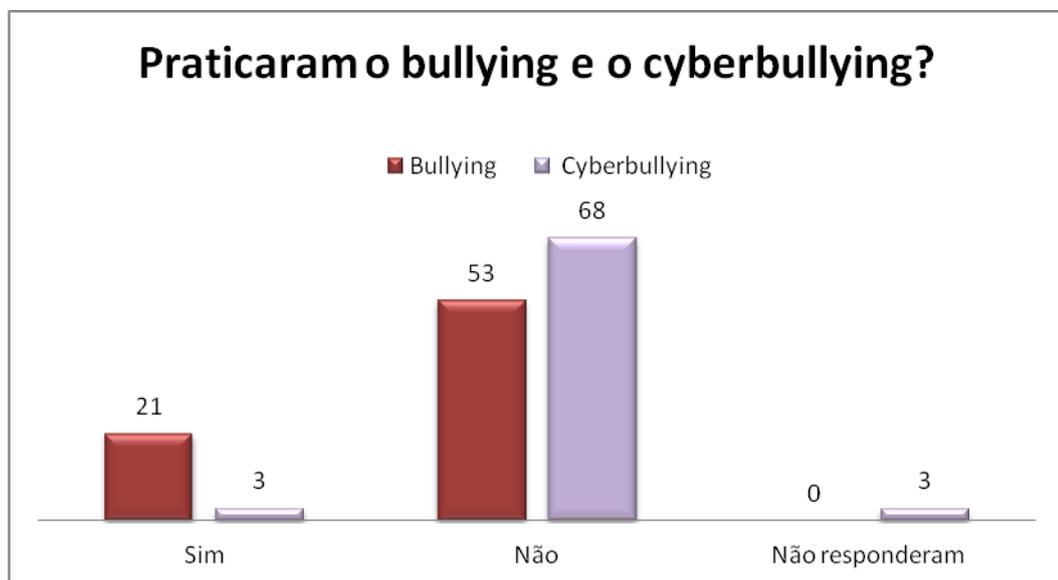


Figura 8. Alunos que praticaram ou não o bullying e o cyberbullying.

Constatamos a presença de 3 autores de cyberbullying nesta escola e investigamos que cada um dos autores eram de anos diferentes, conforme nos mostra o gráfico seguir:

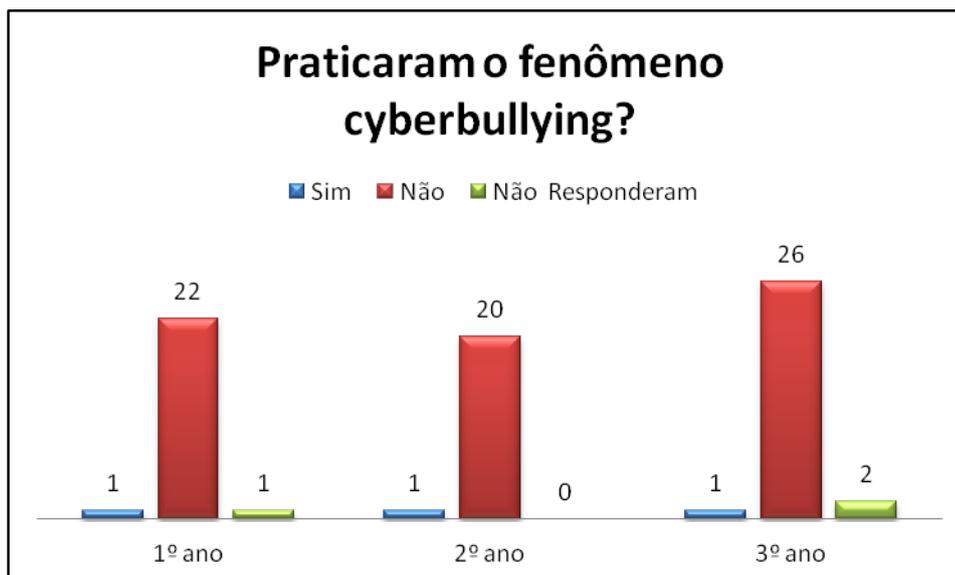


Figura 9. Informações referente a prática do cyberbullying pelos participantes por série.

Ao analisarmos individualmente os questionários respondido pelos autores de cyberbullying, identificamos que dos 3 alunos, 2 manifestaram conhecimento sobre o cyberbullying e 1 alegou não saber nada sobre o assunto. Entretanto o aluno, que não tem conhecimento sobre o cyberbullying, pode ter respondido a questão por meio de uma analogia ao bullying, uma vez que ouviu falar do fenômeno, além de ter sido agressor do mesmo. Todavia, se um aluno não sabe do que se trata o fenômeno cyberbullying, provavelmente responderá que não o pratica, mesmo que se cometa tal ato.

Convém expor que os cyberbullies eram de ambos os gêneros, sendo dois do sexo masculino e uma do sexo feminino. No trabalho feito por Pérez et al. (2009) constatou-se uma maior presença de cyberbullie do sexo masculino do que do feminino, em que a informações obtida na pesquisa corrobora com aquela tida pelo autor.

De acordo com Pinheiro (2009) o cyberbullying muitas vezes é praticado para o divertimento do agressor. Contudo este caráter lúdico é desfrutado apenas pelo cyberbullie e por todos aqueles que contribuem para a sua prática. Porém, a vítima não sente este divertimento, tendo a sua imagem alterada e manipulada pelo agressor, provocando alterações no seu comportamento e no seu bem-estar psicológico.

Nesta mesma questão, perguntamos aos 21 alunos que praticaram o bullying e aos 3 que praticaram o cyberbullying, o que sentiram quando concretizaram as agressões e tivemos os seguintes resultados:

<i>Sentimentos</i>	<i>Número de alunos</i>
Não responderam	6
Não sentiram nada	5
Arrependimento	3
Superioridade e felicidade	2
Raiva, mal e vingança	1

Quadro 2. Sentimentos expressados pelo bullies.

<i>Sentimentos</i>	<i>Número de alunos</i>
Indiferença	1
Arrependimento	1
Não sentiu nada	1

Quadro 3. Sentimentos expressados pelo cyberbullies.

De acordo com Fante (2005) os autores de bullying geralmente sentem uma necessidade de dominar aqueles que na sua óptica são considerados fracos, impondo-se por meio de ameaças sobre os colegas, com a intenção de atingir suas metas para vangloriar-se de sua superioridade perante o próximo. Esta sensação citada pela autora, foi citada por 2 alunos.

Também observamos, que os autores de bullying também manifestaram a raiva e o desejo de vingança, em que estes sentimentos podem estar associado ao fato do indivíduo “ser vítima em um determinado lugar e tornar-se agressor em outro, para assim descontar toda a carga emocional negativa presente em sua consciência e em seu coração” (CAMARGO, 2009, p. 31). Tivemos 3 alunos que citaram o arrependimento, o que nos demonstra uma sensibilidade nas suas ações, porém é possível que esta resposta tenha sido dada com o intuito de contentar o pesquisador, pois é isso o que se espera da sua conduta.

Ao observarmos os resultados obtidos sobre os sentimentos despertado nos cyberbullies, deparamo-nos novamente com o arrependimento e a indiferença ao cometer tais agressões do bullying virtual. Vale destacar, que o cyberbullying não se caracteriza por uma relação desigual de poder (MAIDEL, 2009) quando comparado ao bullying, em que o autor pode praticá-lo acidentalmente, não tendo uma noção do seu efeito para o alvo, podendo ser explicado pelos sentimentos citados pelos alunos, ou por puro e simples prazer, fazendo-o um hábito do seu cotidiano (PINHEIRO, 2009).

Convém ressaltar, que durante a aplicação do questionário com o segundo ano do ensino médio, alguns alunos comentaram um caso que aconteceu na Internet, sobre uma foto postada no Facebook²³. A referida foto estava sendo alvo de muitas gargalhadas, por meio de piadinhas maldosas e maliciosas. Com o decorrer dos comentários, uma aluna voltou-se para a outra e fez a seguinte pergunta: “Você vai tirar a foto que você postou dela no seu Facebook?” A menina que estava sendo questionada pela colega respondeu: “ Eu não... Vou deixar a foto para todo mundo continuar “zizando”, pois ela merece, ela é folgada”. De acordo com Ponte e Cardoso (2009, p.3) o cyberbullying necessita da presença dos espectadores, uma vez que “a divulgação massificada de imagens ou informações privadas ou perturbadoras funciona na medida em que estas são vistas”.

Refletindo sobre este episódio, compreendemos que o caso relatado pelos alunos nos leva ao conhecimento do cyberbullying, pois a referida foto estava sendo utilizada de forma intencional para humilhar, difamar e constranger a pessoa a quem a imagem pertença. É preciso procurar nas agressões do bullying virtual a intencionalidade do ato em humilhar o próximo, evitando-se assim, a banalização do termo e dos conceitos recorrente ao cyberbullying (PINHEIRO, 2009).

Por meio dos comentários feitos nesta sala, entendemos que apesar dos 92% dos alunos alegarem que nunca praticaram a violência virtual, muitos acabam cometendo-o no seu cotidiano, sem saber da gravidade das suas ações e sem saber que estas atitudes conduzem ao cyberbullying.

4.2.4. Sofreram bullying e cyberbullying?

Perguntamos aos estudantes se sofreram bullying e cyberbullying, com a intenção de identificar a existência de vítimas de ambos os fenômenos. Para o bullying, 36 (49%) disseram que sofreram das agressões e 3 (4%) alegaram que foram cybervítimas. As informações encontram-se disponíveis no gráfico abaixo:

²³ O Facebook é uma rede social. É um site de relacionamento onde cada pessoa pode criar o seu perfil com a finalidade de interagir com os amigos através da internet.

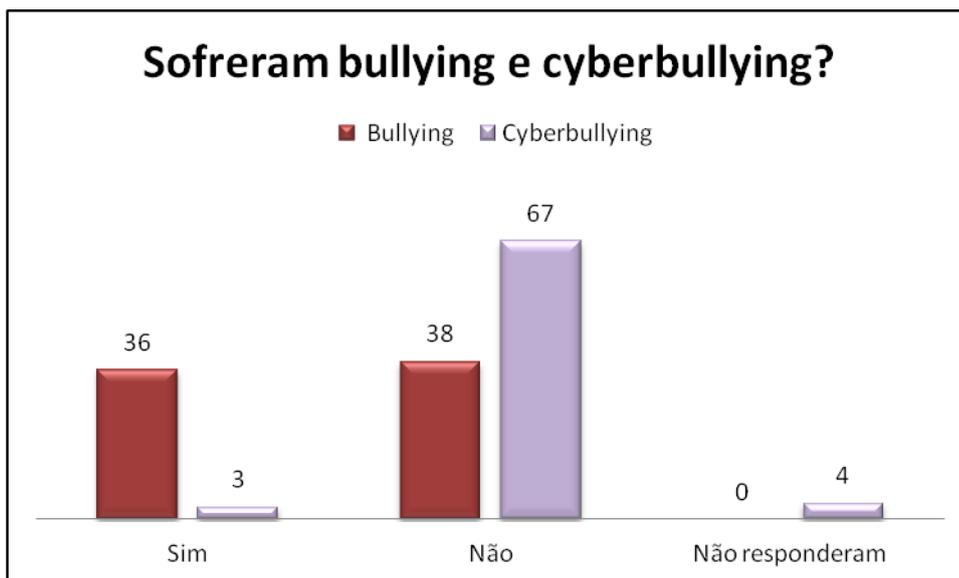


Figura 10. Alunos que sofreram ou não bullying e cyberbullying.

Observamos um maior número de vítimas de bullying do que de cyberbullying. Porém, constatamos a existência de 3 cybervítimas na classe do segundo ano. Esta informação é expressada no gráfico a seguir:

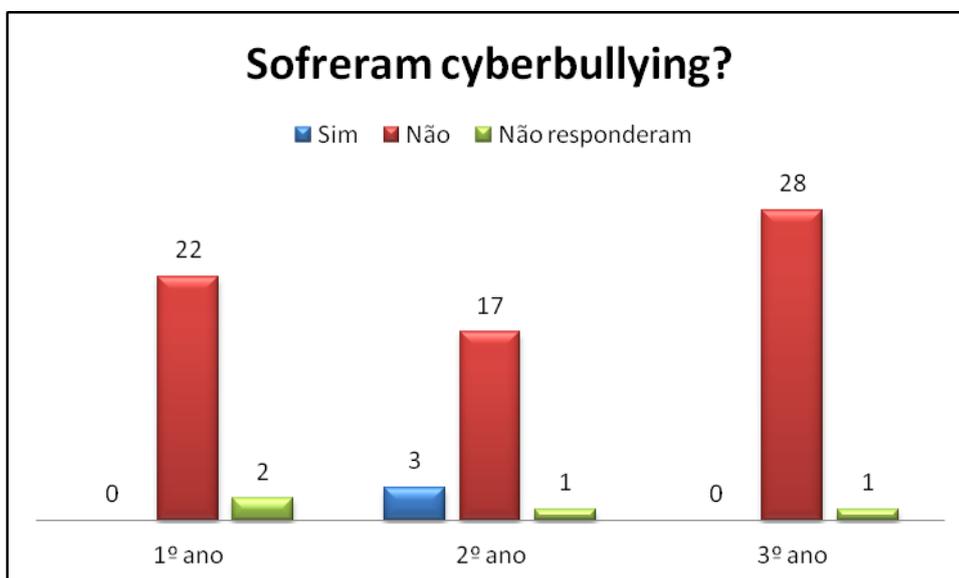


Figura 11. Descrição por série dos alunos que foram vítimas de cyberbullying.

Os 3 alunos que sofreram cyberbullying eram de ambos os gêneros, sendo 2 meninas e 1 menino. O referido aluno, também foi autor de cyberbullying, sendo o mesmo indivíduo analisado no item 4.2.3. Neste sentido, observamos que a vítima do sexo masculino desempenhou tanto o papel de agressor como de vítima, colaborando com a informação de que no cyberbullying, existem inversões de papéis entre vítima e agressor, por causa da inexistência de um perfil específico para a cybervítima, sendo escolhida por igual entre seus

pares. No trabalho feito por Pérez et al. (2009) também constatou-se que as meninas sofrem mais de cyberbullying que os meninos, em que esta informação corrobora com a que tivemos na pesquisa.

Ao analisarmos individualmente as vítimas do cyberbullying, observamos que todas têm conhecimento sobre a temática, da mesma forma que dos 3 alunos, 2 ouviram também algo referente ao assunto. Também averiguamos que todas as cybervítimas sofreram bullying, em outros contextos.

Nesta mesma pergunta, questionamos as 36 vítimas de bullying e as 3 de cyberbullying, o que sentiram quando foram submetidas as agressões e tivemos as seguintes respostas:

<i>Sentimentos</i>	<i>Número de alunos</i>
Raiva	7
Tristeza, mágoa e não sabe	4
Mal, medo e baixa auto-estima	3
Insegurança, vergonha, exclusão, vulnerabilidade, angústia, humilhação, ofendido/a, inferioridade e não sentiu nada	1

Quadro 4. Sentimentos expressados pelas 36 vítimas de bullying.

<i>Sentimentos</i>	<i>Número de alunos</i>
Raiva e Frustração	1
Ódio	1
Mal	1

Quadro 5. Sentimentos expressados pelos 3 vítimas de cyberbullying.

É necessário expor que a vítima de bullying e cyberbullying é toda aquela que recebe a agressão vinda do autor. Os alvos de bullying geralmente são tímidos, retraídos, melancólicos e apresentam características que os diferenciam dos demais como a estatura física, aparência e até mesmo a maneira de se comportar perante o grupo (TOGNETTA e

VINHA, 2008) e as vítimas não contra-atacam as agressões por medo, insegurança e até mesmo por conformismo, assimilando os insultos por sentir uma identificação com aquilo que é o feito pelo autor. Neste sentido, percebemos que os sentimentos citados pelas vítimas de bullying colaboram com as informações trazidas pelas autoras, como o medo, a tristeza, a mágoa, a insegurança, a baixa auto-estima, a angústia, a vergonha acreditando que os insultos são merecidos. Também, tivemos alunos que citaram a raiva, simplesmente por não conseguir ter uma reação no momento em que as agressões aconteceram.

Refletindo sobre os sentimentos vivenciados pelos alvos de cyberbullying, os participantes destacaram que sentiram: mal, raiva, frustração e ódio. Convém destacar que o cyberbullying não se caracteriza pelas relações desiguais de poder, em que as características que diferenciam os sujeitos não são determinantes para a sua prática (MAIDEL, 2009). Assim, não existem características próprias para a cybervítima, uma vez que qualquer um está sujeito a sofrer das agressões do cyberbullying.

Existe uma grande dificuldade para retirar o conteúdo que é exposto, podendo ser replicado, alterado, difundido e reutilizado facilmente, atingindo um grande número de espectadores. O fenômeno cyberbullying é marcado pela dificuldade de identificar o autor das ações, por conta do anonimato estabelecido pelas tecnologias de informação e comunicação (PONTE e CARDOSO, 2009), despertando as sensações mencionadas pelas vítimas, induzindo a uma impressão de insegurança constante, tanto no mundo real como no virtual, ocasionando “prejuízos na socialização, pois as vítimas tendem a se isolar como forma de se proteger de novos ataques” (FAUSTINO e OLIVEIRA, 2008, p.185). Segundo Amado, Matos e Pessoa (2009) o cyberbullying pode afetar a auto-imagem, além de evocar os sentimentos de culpa, angústia e de pânico atrelando-se a efeitos negativos generalizados, responsáveis por conseqüências nefastas para quem sofre.

4.2.5. Conhecem alguém que praticou ou que pratica bullying e cyberbullying?

Perguntamos aos participantes se conhecem alguém que pratica ou que praticou bullying e cyberbullying, com a intenção de investigar se os mesmos foram espectador das ações cometidas pelos autores das agressões. Os resultados foram: Dos 74 respondentes, 50 (68%) conhecem ou conheceram algum autor de bullying, enquanto que 9 (12%) conhecem ou conheceram algum cyberbullie. Estas informações podem ser observadas no próximo gráfico:

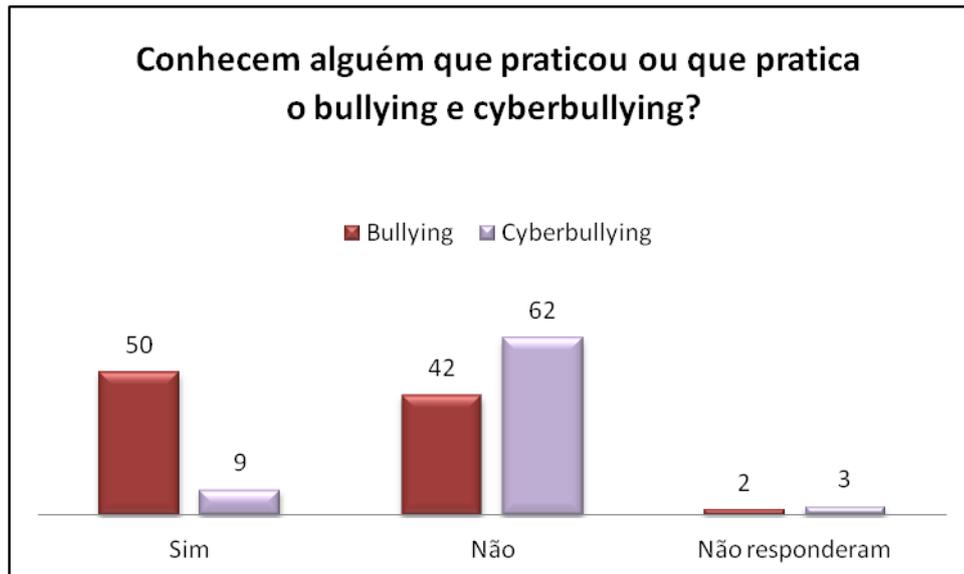


Figura 12. Quadro comparativo com respostas relacionadas com o conhecimento de algum autor de bullying e cyberbullying pelos alunos.

Analisando os dados expostos na figura acima, verificamos um maior conhecimento de autores de bullying do que de cyberbullying, nos quais esta informação associa-se aos saberes que os alunos têm sobre o assunto. Neste sentido, se o mesmo não sabe algo sobre a temática, provavelmente dirá que também nunca conheceu algum autor do bullying digital. Por meio desta pesquisa, encontramos 9 alunos (12%) que disseram que conhecem ou que já conheceram algum autor de cyberbullying, sendo que 3 (33%) eram do primeiro ano, 5 (56%) do segundo e 1 (11%) do terceiro ano do ensino médio. Estas informações encontram-se na figura a seguir:

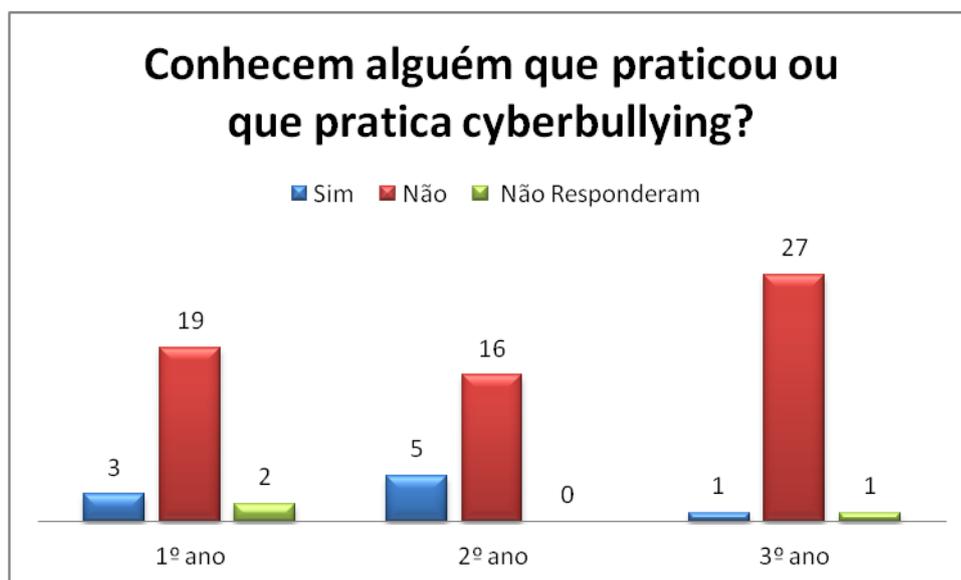


Figura 13. Alunos que conhecem algum autor de cyberbullying por série investigada.

Destes 9 alunos, averiguamos que 6 também conhecem ou já conheceram algum autor de bullying e 4 manifestaram conhecimento sobre o cyberbullying.

Relembrando o episódio ocorrido durante a aplicação deste questionário, com a turma do segundo ano do ensino médio, percebemos que os comentários feitos sobre a foto eram do conhecimento de vários alunos, pois notamos que alguns espectadores apoiavam a atitude da autora, enquanto que os demais, simplesmente ignoravam a situação exposta. Segundo Mason (2008 apud Bozza, 2010) existem espectadores que ajudam na disseminação das mensagens, apoiando e encorajando o agressor, como também há os que somente observam toda a cena sem se manifestar em defesa da vítima.

4.2.6. Conhecem alguém que sofreu ou que sofre de bullying e cyberbullying?

Perguntamos aos alunos se conhecem ou se já conheceram algum alvo de bullying e cyberbullying, com o propósito de identificar se os mesmos foram espectador do sofrimento da vítima. Dos 74 participantes, 63 (85%) disseram que conhecem ou que conheceram alguma vítima de bullying e 12 (16%) alegaram que conhecem ou que conheceram alguma cybervítima. Estas informações podem ser visualizadas na figura 14:

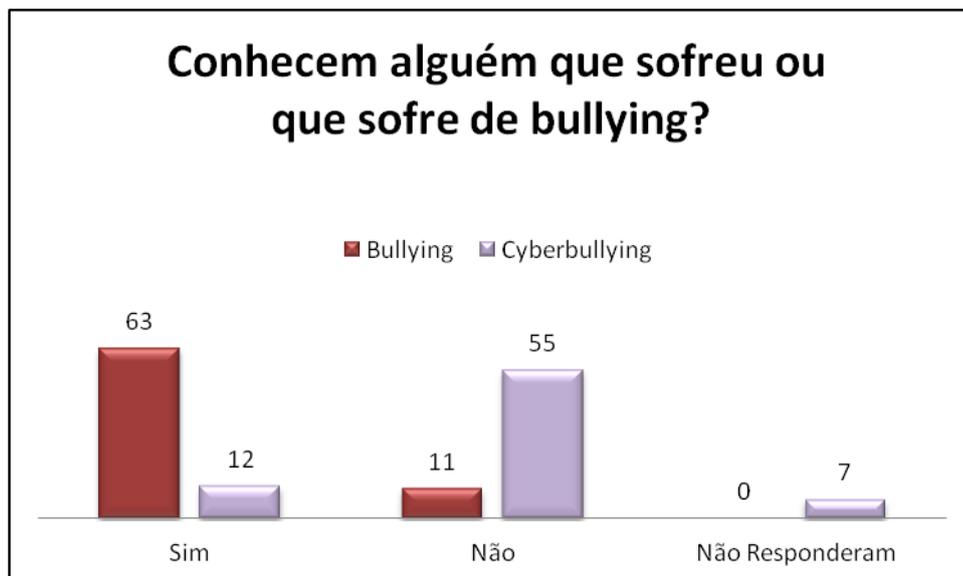


Figura 14. Quadro comparativo entre bullying e cyberbullying sobre o conhecimento dos sujeitos para alguma vítima dos fenômenos.

Constatamos a presença de 12 alunos, que conhecem ou que conheceram alguma vítima do bullying virtual nesta pesquisa, em que 1 (8%) era do primeiro ano, 5 (42%)

do segundo e 6 (50%) do terceiro ano do ensino médio. Estas informações encontram-se no gráfico abaixo:

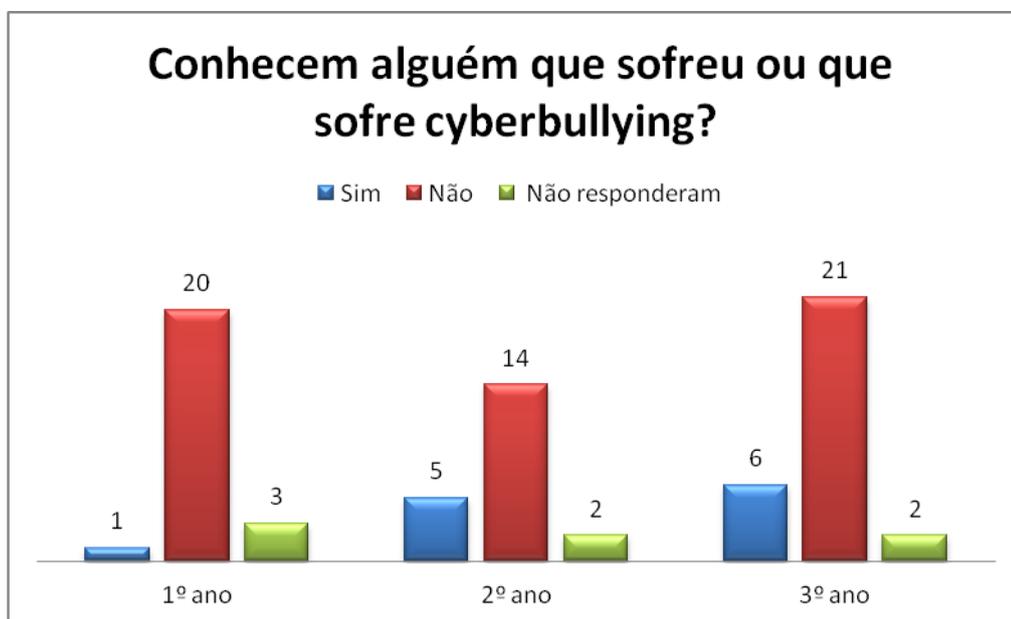


Figura 15. Respostas dadas pelos alunos sobre se conhecem alguma cybervítima por série.

Analisando os 12 espectadores, verificamos que 11 também conhecem ou conheceram alguma vítima de bullying e apenas 10 alunos manifestaram conhecimento sobre o cyberbullying.

Nesta mesma questão, pedimos aos espectadores, do sofrimento da vítima, que nos contassem o fato ocorrido, em que 42% das respostas relataram situações sobre contas de redes sociais hackeadas²⁴, 25% citaram episódios que envolviam comentários maldosos e mal intencionados e 8% destacaram o fato de enganar alguém na internet. As respostas foram agrupadas em quatro categorias, sendo apresentadas a seguir:

<i>Acontecimento</i>	<i>Porcentagem (%)</i>
Falar mal de alguém em sites de relacionamento pessoal, como as comunidades, com a intenção de expor o sujeito	42
Contas hackeadas com informações falsas sobre a vítima	25
Não responderam	25
Informações com a intenção de enganar as pessoas na internet	8

Quadro 6. Episódios relatados pelos respondentes sobre algum caso de cyberbullying.

²⁴ Contas hackeadas referem-se ao roubo das senhas e a alteração de informações do perfil da vítima.

Dos comentários citados, dois relatos nos chamaram atenção:

Sujeito 68: “Era uma garota diferente, cabelos coloridos e tal. Fizeram até uma comunidade para ela, sabe, para xingar ela”.

Sujeito 70: “Uma garota que optou por um estilo diferente, cabelos coloridos e roupas diferentes. Sofre cyberbullying por isso, uma comunidade no Orkut foi criada especialmente para agredi-la, tem mais de 800 membros”.

Estes comentários pertencem a duas alunas do terceiro ano, sendo extremamente parecidos. Julgamos que ambas estejam relatando o mesmo acontecimento, remetendo-nos a um caso de cyberbullying, através de uma comunidade virtual da rede social do Orkut²⁵.

Refletindo sobre os espectadores do bullying virtual, numa outra pergunta, questionamos se os estudantes presenciaram comentários mal intencionados de situações, que ocorreram nos meios tecnológicos com os colegas na escola. Dos 74 participantes, 14 (19%) disseram que presenciaram os referidos comentários na instituição de ensino, enquanto que 59 (80%) alegaram que nunca viram nenhum fato relacionado à situação exposta. Convém frisar, que analisando os dados por série, constatamos que nenhum aluno do primeiro ano o presenciou, porém dos 14 sujeitos, 7 eram do segundo e 7 do terceiro ano do ensino médio. Novamente pedimos aos alunos, que nos descrevessem as situações que observaram na escola entre os colegas, sendo apresentadas no quadro a seguir:

<i>Situações que relatadas pelos alunos na escola</i>	<i>Porcentagem (%)</i>
Falar mal da pessoa	29
Postar fotos constrangedoras	29
Não responderam	14
Risadas, deboches e humilhações nas fotos postadas nas redes sociais	14
Postar vídeos constrangedores	7
Desavenças pessoais	7

Quadro 7. Episódios relatados pelos alunos sobre os comentários presenciados entre os colegas na escola.

²⁵ O Orkut é um site de relacionamentos que permitem ao seu usuário criar uma rede social.

Dos 14 alunos, 29% relataram situações que falavam mal de alguém, 29% citaram comentários relacionados a fotos e vídeos constrangedores e 7% relataram um episódio de desavença pessoal e comentários postados em fotos nas redes sociais. Apresentaremos alguns relatos para exemplificar as informações obtidas no quadro 7:

Sujeito 26: “Falaram mal da pessoa e do jeito dela”.

Sujeito 28: ”Onde comentavam e postavam fotos de uma menina semi-nua, e chamando-a de palavrões ridicularizantes”.

Sujeito 32: “Risadas, deboches, humilhações, sobre a pessoa”

Sujeito 33: “Um menino contando que havia transado com uma menina. Colocou o vídeo no celular e passou para o restante”.

Sujeito 57: “Caiu na Internet fotos de uma menina pelada”.

Sujeito 58: “Roubaram o celular de uma menina da minha antiga escola e espalharam as fotos dela muito comprometedoras”.

Sujeito 65: “Tiravam sarro da foto de alguém”.

Sujeito 73: “Desavenças pessoais”.

O fato relacionado à desavença pessoal, pode estar (in)diretamente associado a alguma forma de vingança ou até mesmo de desentendimento entre pares, dando a impressão de serem passageiras.

Apesar dos comentários não especificarem se as vítimas eram alunos(as) da escola, observamos que além de ocorrerem os comentários entre os estudantes, percebemos que os mesmos ajudam na sua divulgação, ampliando-as e difundindo-as para o conhecimento dos outros. Apesar das ações do cyberbullying se limitarem ao mundo virtual é na escola que as referidas ações repercutem, pois “o cyberbullying pode não decorrer na escola, mas as vítimas desta prática sofrem conseqüências em contexto escolar” (BHAT, 2008 apud PONTE e CARDOSO, 2009, p.4).

4.2.7. Na escola o bullying e o cyberbullying são comuns?

Perguntamos aos alunos se os fenômenos bullying e cyberbullying são comuns no seu contexto escolar. Os resultados obtidos foram: 43 (58%) disseram que a ocorrência do bullying não é comum na escola e 63 (85%) alegaram que as agressões do

cyberbullying não são comuns na instituição em que estudam. Estas informações podem ser visualizadas na figura 16:

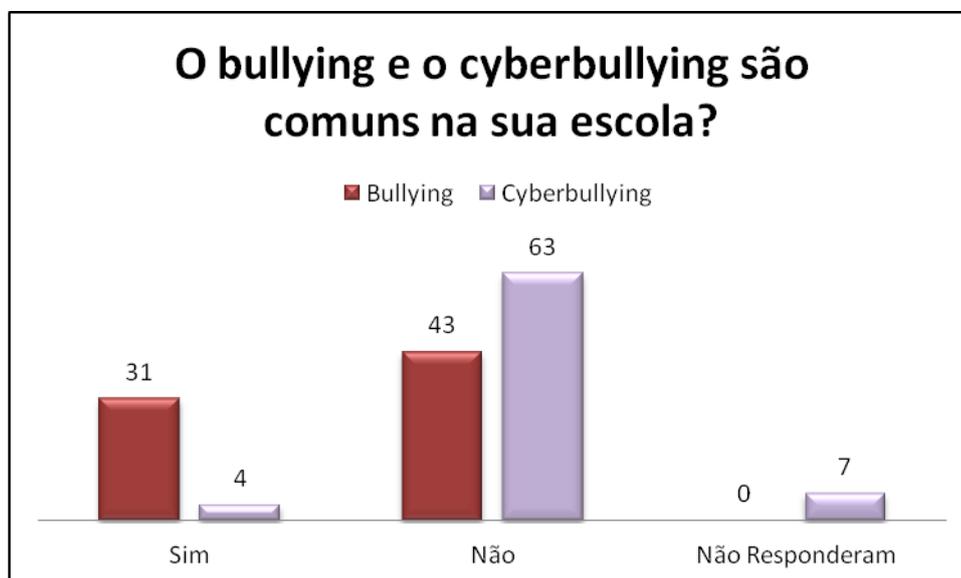


Figura 16. Quadro comparativo entre os alunos que consideram ou não a ocorrência do bullying e do cyberbullying comuns no cotidiano escolar

Dos 74 respondentes, 4 (6%) disseram que a presença do cyberbullying é comum nesta instituição de ensino, sendo 2 (50%) do primeiro ano, 1(25%) do segundo e 1(25%) do terceiro ano do ensino médio.

Refletindo sobre a existência destes fenômenos no espaço escolar, os autores Fante e Pedra (2008, p. 52) expõem que “o bullying sempre existiu desde que a escola existe”, de modo que o espaço escolar é também um dos espaços onde acontecem as intimidações do bullying, sendo este tradicional ou tecnológico (PONTE e CARDOSO, 2009).

4.2.8. O que fariam se algum colega sofresse de bullying e cyberbullying?

Questionamos aos participantes sobre o que fariam se algum colega fosse vítima de bullying e cyberbullying. Esta questão foi elaborada em formato aberto, permitindo o aluno escrever aquilo que achasse pertinente, em que os sujeitos citaram mais de uma atitude na sua resposta.

A tabela abaixo mostra as informações colhidas sobre as medidas que os alunos tomariam numa situação de bullying:

<i>Medidas que os alunos tomariam numa situação de bullying</i>	<i>Porcentagem (%)</i>
Ajudaria, apoiaria e aconselharia o colega a lidar com a situação	40
Pediriam ajuda à direção da escola ou a um responsável denunciando as ações	23
Defenderia	8
Não responderam	7
Não fariam nada	6
Não sabem	5
Pediria a vítima para se afastar agressor	4
Pediria ao agressor para parar com as ações	4
Outros	3

Quadro 8. Medidas que os alunos tomariam se um colega fosse alvo de bullying.

Dos 74 alunos: 40% relataram que ajudariam, apoiariam e aconselhariam o colega vítima de bullying, 8% optaram por defendê-lo das agressões sofridas, 23% denunciariam o agressor ao pedir ajuda a própria direção escolar ou a um responsável, 4% pediriam ao colega para se afastar do agressor, 4% pediriam para o agressor parar com as ações, 6% alegaram que não fariam nada frente à situação exposta e que 7% não responderam a pergunta.

Estas respostas se manifestaram em todas as salas investigadas, podendo ser exemplificados pelos seguintes relatos:

Sujeito 9: “Eu daria conselhos, e se a situação ficasse mais grave denunciaria”.

Sujeito 16: “Não faria nada, pois se intrometer na situação complicaria ainda mais”.

Sujeito 22: “Eu ia à direção da escola”.

Sujeito 25: “Tentaria ajudar e comunicaria um adulto”.

Sujeito 33: “Ajudaria tentando afastá-lo do agressor”.

Sujeito 47: “Daria conselhos a ele procurar uma pessoa que saiba tomar providências sobre o assunto”.

Sujeito 51: “Eu falaria com algum responsável e procuraria defender essa pessoa”.

Dois respostas

Sujeito 56: “Recorreria a um responsável e falaria com os agressores para pararem”.

Analisando as respostas obtidas, 6% disseram que não tomariam nenhuma medida, em que associamos esta atitude ao fato do indivíduo sentir medo de se tornar um alvo futuro do agressor, sendo entendido como um comportamento de autoproteção (FANTE e PEDRA, 2008). Também mostra uma atitude individualista, no sentido de que “o problema não é meu e cada um resolve o seu”.

Uma medida que nos chamou atenção foi citada por 23% dos alunos, que manifestaram que denunciariam as agressões ao pedir ajuda a um responsável e/ou a própria direção escolar. Segundo Fante (2005) o reconhecimento do problema por parte de algum responsável é relevante, pois aflora a esperança de uma possível interrupção das intimidações para a vítima. Entretanto, tivemos um participante do segundo ano, que relatou que não pediria ajuda à escola para resolver o conflito, pelo fato de achar que a mesma não tomaria nenhuma providência com relação ao assunto. De acordo com Tognetta e Vinha (2008), freqüentemente os educadores não estão muito atentos a este tipo de intimidação, pelo fato das agressões não o atingirem diretamente. Segundo as autoras, “infelizmente, as atenções dos adultos que educam estão voltadas às formas de indisciplina, ou mesmo aos constantes desinteresses dos educandos às matérias escolares” (TOGNETTA e VINHA, 2008, p.4). Para contextualizar, citaremos o comentário do aluno:

Sujeito 43: “Tentaria ajudar porque a própria palavra diz “colega”, procuraria a diretora, embora achasse que não fariam nada para resolver”.

De acordo com Neto (2005) a escola precisa se atentar para as reclamações e denúncias dos alunos quando estas se referem à violência. “Além disso, a escola deve fazer um registro de toda e qualquer reclamação identificando os agressores e vítimas do fato” (BARROS, CARVALHO e PEREIRA, 2009, p. 5752) com o propósito de estabelecer a intensidade, duração, freqüência das ações bem como o envolvimento de determinados alunos. Todavia, o conhecimento por parte destes responsáveis torna-se indispensável, pois os mesmos podem tomar atitudes plausíveis contra a violência escolar.

Percebemos que os alunos tomariam alguma medida que ajudasse a vítima perante uma situação de bullying. Contudo, na realidade o saber o que fazer diante destas situações é fácil e muitos sabem, mas o querer fazer e o executar poucos realizam.

A seguir apresentaremos o quadro com as respostas sobre o que os alunos fariam se um colega fosse vítima de cyberbullying.

<i>Medidas que os alunos tomariam numa situação de cyberbullying</i>	<i>Porcentagem (%)</i>
Ajudaria, apoiaria e aconselharia o colega a lidar com a situação	30
Não sabem	23
Não responderam	22
Pediriam ajuda a um responsável ou a própria direção escolar	10
Denunciariam os agressores nos órgãos legais como a polícia	5
Não fariam nada	5
Pediria ao colega para se afastar do agressor	2
Outros	2
Defenderia o amigo	1

Quadro 9. Medidas que os alunos tomariam se um colega fosse alvo de cyberbullying.

Novamente, os sujeitos citaram mais de uma possível atitude que tomariam com a situação exposta, em que dos 74 alunos participantes: 22% optaram por não responder a pergunta, 23% não sabiam o que fazer na situação, 30% ajudariam, apoiariam e aconselharia o colega, 5% não fariam nada para ajudar o amigo, 5% denunciariam os agressores do bullying virtual em órgãos legais, como a polícia, 10% pediriam ajuda a um adulto ou a direção escolar, 2% pediriam para a cybervítima se afastar do agressor e 1% o defenderia das agressões sofridas. É interessante notar que mesmo os que responderam não saber do que se trata o cyberbullying, responderam com alguma ação, pois o próprio questionário os levou a concluir sobre o que se constitui o cyberbullying, além do nome derivado deste.

Ao comparamos as medidas adotadas para o bullying e cyberbullying, observamos uma grande proximidade entre ambas, pois 26% dos alunos optaram por manter a mesma resposta nas duas perguntas. Houve um número maior de não resposta e não sei, atestando uma falta de conhecimento sobre possíveis ações nesse caso. Apresentaremos alguns comentários:

Sujeito 6: “Sei lá. Qualquer coisa para poder ajudá-lo”.

Sujeito 33: “Falaria com a polícia, mesmo sabendo que isso não ajuda, mas me sentiria mal sem fazer nada. Também pediria ajuda da minha mãe

Sujeito 41: “Eu ajudaria a pessoa a se distrair e deixar de lado a internet.”

Sujeito 51: “Não sei. Não tenho muito domínio sobre o assunto”.

Sujeito 53: “Iria falar para a pessoa procurar os órgãos legais, como a polícia”.

Sujeito 61: “Só daria o conselho para se afastar desse agressor”.

Sujeito 64: “Comunicaria a direção escolar”.

Sujeito 68: “Falaria para ele denunciar os agressores”.

Analisando as medidas, 2% dos alunos pediriam ao colega para se afastar do agressor. Refletindo sobre a medida exposta, deparamo-nos com uma grande dificuldade de praticá-la, pois os agressores podem enviar mensagens no celular ou postar comentários na Internet de forma anônima, tendo a opção de criar uma identidade nova ao adotar nicknames (BOZZA, 2010). Neste sentido, se o autor for conhecido para a vítima, a mesma poderá pedir ajuda a um responsável que ajudará a lidar com estes conflitos. Mas, se o agressor agir de forma desconhecida, dificilmente saberá quem é o autor das agressões, fazendo com que a atitude citada pelos alunos não possa ser executada na realidade.

Uma atitude relatada por 10% dos participantes consiste em pedir ajuda a um adulto ou a direção escolar, em que o responsável conseguirá tomar medidas necessárias para interromper as agressões, responsabilizando os agressores pelas suas ações (AMADO, MATOS e PESSOA, 2009). Os professores que souberem de algum caso de cyberbullying também poderão atuar frente às agressões, intermediando uma conversa entre os responsáveis do autor e do alvo (caso o agressor seja identificado e conhecido pela vítima) com a intenção de ajudar na solução do problema (FANTE e PEDRA, 2008). Segundo Cruz (2011) os pais e/ou responsáveis desempenham um importante papel como educadores, sendo confrontados com novas preocupações “no sentido em que têm de acompanhar o ritmo a que os mais novos adquirem conhecimentos sobre as novas tecnologias” (CRUZ, 2011, p.52). Entretanto:

Nota-se, ainda, um notável desconhecimento, senão mesmo alguma indiferença por parte dos adultos relativamente a estas problemáticas, o que também se explica por alguma “resistência” dos mesmos ao conhecimento e uso de um conjunto de meios que não pára de evoluir e tem nos jovens os seus principais utilizadores. (SMITH et al., 2006 apud AMADO, MATOS e PESSOA, 2009, p. 263)

No estudo feito por Pinheiro (2009), os alunos quando confrontados com uma possível situação em que poderiam ser testemunhas dos atos de cyberbullying, dividiram suas opiniões entre: tentar pedir ao agressor para parar com os atos e os que assumidamente

não fariam absolutamente nada para ajudar a cybervítima. Estas duas atitudes explicitadas no trabalho da autora também foram encontradas nesta pesquisa.

Segundo os autores Fante e Pedra (2008) uma das atitudes mais corretas que o alvo pode tomar é a denúncia. Dos 74 alunos, apenas 5% denunciariam o autor do cyberbullying. De acordo com a SaferNet Brasil (2011) todos os conteúdos que violarem os direitos humanos devem ser denunciados numa Delegacia Especializada em Crimes Cibernéticos²⁶. Caso a vítima não encontre esta delegacia, o indivíduo deve procurar qualquer delegacia de polícia ou a Promotoria da Infância e Juventude, para fazer um boletim de ocorrência dos delitos ocorridos na internet, pois de acordo com o Código Penal, os crimes virtuais podem e devem ser punidos da mesma forma que os do mundo real.

As denúncias também podem ser efetuadas no próprio site da SaferNet Brasil. Entretanto esta associação só “pode encaminhar às autoridades competentes denúncias de crimes contra os direitos humanos, cuja ação penal seja pública e incondicionada à representação” (SaferNet Brasil, 2011), de modo que a mesma só pode receber acusações nos casos de: pornografia infantil, racismo, homofobia, xenofobia, apologia e incitação a crimes contra a vida e o neo nazismo. Para contextualizar este fato, a SaferNet Brasil (2011), disponibilizou em seu próprio site as estatísticas da sua Central Nacional de Denúncias de Crimes Cibernéticos do primeiro semestre do 2011. No total, esta central recebeu 19311 denúncias do dia 1 de janeiro ao 1 julho de 2011, com casos liderados pela pornografia infantil, seguida da apologia e incitação contra a vida, homofobia, xenofobia e racismo.

Os crimes virtuais são investigados e se forem condenados, o autor pode ser preso. De acordo com Fante e Pedra (2008):

Segundo especialistas da Safernet Brasil, a lei confere somente exclusivamente à vítima a legitimidade para a propositura de ação penal privada. Dentre os crimes dessa natureza, estão os crimes contra a honra: injúria (art. 140 do Código Penal); calúnia (art. 138 do Código Penal) e difamação (art. 139 do Código Penal). Portanto, a vítima de cyberbullying deve reunir todas as provas possíveis. Para isso, deve salvar e imprimir o conteúdo das páginas ou o conteúdo do diálogo dos agressores numa sala de bate-papo (FANTE e PEDRA, 2008, p.73).

É necessário que as provas tenham fé pública para serem validadas, ou seja, é preciso registrá-las em cartório, para comprovar a sua existência das provas, pois o autor

²⁶ De acordo com a SaferNet Brasil, as delegacias especializadas em crimes cibernéticos tem a função de combater os crimes virtuais. Se a vítima for menor de idade, a mesma devera procurar este órgão, acompanhada de um responsável. Estas delegacias existem em alguns estados brasileiros, sendo estes: Distrito Federal, Espírito Santo, Goiás, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Pará, Paraná, Pernambuco, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul e São Paulo.

pode retirá-las do cyberespaço ou removê-las para outro endereço eletrônico (FANTE e PEDRA, 2008). Segundo os mesmos autores, outro procedimento importante é notificar o prestador de serviços da Internet sobre os conteúdos ilegais, inapropriados e ofensivos, para que o mesmo seja removido da rede mundial de computadores.

Convém frisar que “ninguém difama um(a) colega de escola, cria uma comunidade no Orkut para ridicularizar os aspectos negativos do outro ou pega senha do colega para enviar mensagens intimidadoras sem que tenha a intenção de causar-lhe algum tipo de dano” (FANTE e PEDRA, 2008, p.72).

As ações que ocorrem no mundo virtual se refletem no mundo real, ao mesmo tempo em que as mesmas não se diferem uma da outra.

4.3. Cyberbullying

Neste item, apresentaremos os dados coletados com informações específicas do fenômeno cyberbullying.

As perguntas elaboradas se referem às características próprias do bullying virtual como o anonimato, a existência ou não de um perfil para a vítima, a circunstância em que as agressões ocorrem e a intervenção que as instituições escolares podem realizar com a temática da violência virtual.

4.3.1. Qualquer um pode estar sujeito a sofrer das agressões do cyberbullying?

Perguntamos aos alunos se qualquer um pode ser vítima do bullying virtual, com o objetivo de verificar se os sujeitos consideram a existência de um determinado perfil para o alvo de cyberbullying. Os resultados foram: Dos 74 alunos, 53 (72%) dos alunos disseram que qualquer um pode ser vítima do bullying virtual e 13 (18%) manifestaram que não é qualquer pessoa que pode sofrer das agressões do fenômeno.

Destes 53 alunos, 14 (26%) eram do primeiro ano, 14 (26%) do segundo ano e 25 (48) do terceiro ano do ensino médio. De acordo com os autores Fante e Pedra (2008) qualquer pessoa está sujeita a ser vítima do cyberbullying. Neste sentido, qualquer um pode receber mensagens com conteúdos inapropriados e indesejados, ter o e-mail invadido e alterado, como também fotos pessoais modificadas e difundidas na internet.

Isso faz com que não exista um perfil específico (como no caso do bullying), pois “a vítima é escolhida entre seus iguais, sem motivos que justifiquem a

perversidade dos ataques” (FANTE e PEDRA, 2008, p.68). Entretanto, os mesmos autores destacaram que os maiores praticantes de cyberbullying são os adolescentes e é impossível traçar um determinado perfil, pelo fato de estarmos referindo a ataques virtuais, nos quais tanto a imagem como a identidade dos cyberbullies dificilmente são expostas. Todavia, quando as vítimas descobrem seus agressores raramente os denunciam (PINHEIRO, 2009).

Pinheiro (2009) em sua pesquisa de campo mostrou que os participantes que confessaram ter sido vítimas do bullying virtual, sentiram vontade de se vingar das agressões em outras pessoas, nos quais os papéis desempenhados pelos protagonistas do fenômeno podem ser invertidos. Neste sentido, a vítima pode ser um futuro agressor e o agressor uma futura vítima em outros contextos.

4.3.2. As ações do cyberbullying são constrangedoras?

Questionamos os participantes se eles consideram as ações do cyberbullying constrangedoras, pois tudo que é postado e divulgado nos meios tecnológicos dificilmente é retirado e esquecido por quem sofre destas agressões. Os resultados foram: 55 (74%) consideraram as agressões do cyberbullying constrangedoras, enquanto que 9 (12%) não acham constrangedoras as ações do bullying virtual.

Destes 55 alunos, 25% eram do primeiro ano, 33% do segundo e 42% do terceiro ano do ensino médio e pedimos a estes alunos que estipulassem uma nota entre 1 a 5, com o propósito de compreender como os participantes enxergaram este constrangimento oriundo destes meios:

<i>Notas dadas para o constrangimento do cyberbullying</i>	<i>Porcentagem (%)</i>
1	2
2	0
3	13
4	18
5	62
Não Responderam	5

Quadro 10. Notas atribuídas para o constrangimento das ações do cyberbullying.

Por meio quadro anterior, é possível concluir que 62% dos respondentes, consideraram as ações do cyberbullying extremamente constrangedoras, atribuindo a nota máxima para as agressões virtuais. Segundo Pérez et al., (2009) o cyberbullying é mais constrangedor que o bullying, por causa da natureza móvel das tecnologias, que fazem do bullying virtual uma forma de violência invasiva ameaçando os alunos até fora da escola, expondo-os aos olhares dos outros até mesmo no conforto do lar.

Quando lidamos com o mundo virtual, deparamo-nos com uma rápida difusão destas ações para um público desconhecido e amplo no cyberspaço, em que a vítima pode tentar mudar de escola, de bairro, cidade e até mesmo de país, (MAIDEL, 2009) mas as agressões do bullying virtual ficaram registradas, permanecendo disponíveis a todo um mundo online, ultrapassando as barreiras espaços-temporais entre os indivíduos.

4.3.3. O anonimato proporcionado tanto pela Internet como pelos telefones celulares, estimula a ocorrência do cyberbullying?

Refletindo sobre o anonimato como umas das características diferenciadoras do cyberbullying para o bullying, perguntamos aos alunos se eles consideram o anonimato um estimulador para a ocorrência do bullying virtual. Os resultados obtidos foram: 36 (49%) acreditaram que o anonimato pode incentivar o desencadeamento do cyberbullying, enquanto que 27 (37%) não consideraram o anonimato como um estímulo para o cyberbullying.

Analisando os 36 participantes, observamos que 26 manifestaram conhecimento sobre o cyberbullying. Investigando estes alunos por série, observamos que 6 (17%) eram do primeiro ano, 13 (36%) do segundo e 17 (47%) do terceiro. Estas informações estão sendo apresentadas na figura a baixo:

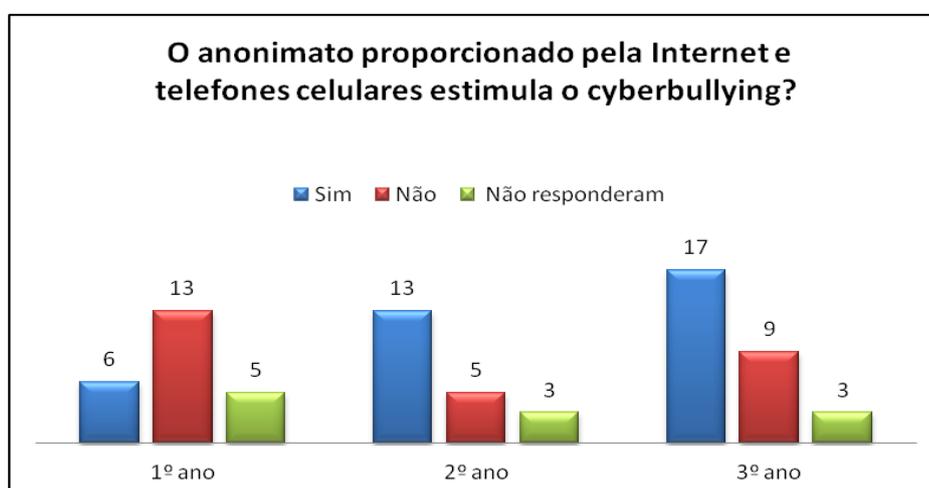


Figura 17. Alunos que consideraram ou não o anonimato estimulador do cyberbullying por série.

Por meio do gráfico anterior, verificamos que os alunos do terceiro ano consideraram o anonimato um incentivador do cyberbullying mais que as outras séries e os alunos do primeiro ano, acreditaram que o anonimato não estimula o bullying virtual bem mais que as outras turmas investigadas.

Nesta mesma pergunta, questionamos estes 36 alunos, sobre o modo como o anonimato pode estimular o fenômeno. Por se tratar de uma pergunta aberta, recebemos respostas parecidas e novamente os alunos puderam utilizar mais de argumento para responder a questão, sendo organizadas da seguinte maneira:

<i>Argumentos expostos referente ao modo como o anonimato estimula o cyberbullying</i>	<i>Porcentagem (%)</i>
Dificuldade em identificar o autor das agressões	35
Sensação de impunidade	17
Possibilidade de prejudicar quem o autor quis	12
Não sabem	12
O agressor pode agir sem ser denunciado pela vítima	8
Não responderam	8
Possibilidade de criar identidades falsas	8

Quadro 11. Informações expostas pelos alunos sobre o modo como o anonimato estimula a ocorrência do cyberbullying.

Dos 36 alunos: 35% mencionaram a dificuldade em identificar o autor, 18% destacaram a sensação de impunidade para o agressor, 8% manifestaram a dificuldade de denunciar o cyberbullie e 8% citaram a possibilidade de criar uma identidade falsa no cyberespaço. Citaremos alguns relatos para exemplificar as informações expostas neste quadro:

Sujeito 2: “Porque você geralmente não sabe quem é”.

Sujeito 4: “Porque o agressor pode agir sem ser denunciado”.

Sujeito 28: “Porque os torna confidencial e dificulta descobrir quem está praticando”.

Sujeito 33: “Porque as pessoas sentiriam mais medo se soubesse que poderiam ser descobertas”.

Sujeito 39: “Por que os agressores ficam impunes”.

Sujeito 41: “O anonimato proporciona a pessoa se transformar em alguém que não é, ser uma pessoa que não existe”.

Sujeito 66: “Porque dificilmente sabemos quem praticou”.

Sujeito 70: “As pessoas se sentem mais fortes se forem agir sem que alguém os identifique.”

Analisando a resposta referente ao anonimato dificultar a identificação do agressor, citada por 35% dos alunos, entendemos que esta afirmação é verdadeira, pois “os cyberbullies, os que praticam o cyberbullying, sentem que nunca serão identificados. Daí que a promessa de anonimato oferecida pela Internet seja um grande motor para que este tipo de violência se propague” (NEVES e PINHEIRO, 2009, p.4969). Por acontecer no cyberespaço torna-se muito mais difícil e complicado identificar os agressores, uma vez que estes podem ser conhecidos ou desconhecidos da vítima.

É necessário expor que 17% dos participantes, relataram a sensação de impunidade e 8% à dificuldade em denunciar o agressor das ações. Segundo Maidel (2009) o anonimato pode encorajar o aparecimento de comportamentos ofensivos e agressivos por parte do autor, ao perceber que as chances de terem as ações punidas e detectadas reduzidas, instigando-os a cometer atos que não ousariam realizar no mundo real. Inúmeras são as causas que colaboram para as práticas do cyberbullying, como a certeza da ausência de limites, a insensibilidade, a insensatez, a certeza de impunidade e o anonimato, além da própria “falta de denúncia dos casos estimula a ação dos praticantes e impede a ação das autoridades e a aplicação das leis, bem como a elaboração de políticas públicas emergenciais que priorizem a contenção desse grave problema endêmico” (FANTE e PEDRA, 2008, p.69) convertendo-se em um fenômeno psicossocial preocupante tanto para os internautas, como para quem utiliza os telefones celulares no seu cotidiano.

Outro argumento mencionado por 8% dos alunos consiste na possibilidade da criação de identidades falsas, pelo anonimato estabelecido nos dispositivos tecnológicos, em que o usuário pode criar perfis e personalidades virtuais, além de poder adotar nicknames para interagir com o universo online, de forma a não ser reconhecido no mundo real permitindo que qualquer conteúdo, seja publicado na rede virtual sem carecer da identificação do autor.

4.3.4. Participa de algum site de relacionamento pessoal?

Segundo a SaferNet Brasil (2011), os jovens brasileiros tem os sites de relacionamentos como favoritos na sua rotina. Ciente deste favoritismo, perguntamos aos alunos se eles participam de alguma rede social. Os resultados foram: 54 (73%) disseram que participam destes sites, enquanto que 19 (26%) alegaram não ter nenhum envolvimento com estas páginas eletrônicas.

Procurando identificar o envolvimento dos participantes com estes sites, pedimos aos 54 alunos que citassem as redes sociais que utilizavam e averiguamos que todos participavam de mais de uma rede social. Os dados obtidos podem ser visualizados a seguir:

<i>Redes sociais</i>	<i>Porcentagem (%)</i>
Orkut	32
Windows Live Messenger (MSN)	25
Facebook	18
Twitter	14
Tumblr	4
Blog, myspace, skypes	3
Formspring e Meadd	3
Não responderam	1

Quadro 12. Redes sociais que os alunos participam.

Segundo Vieira et al. (2010) uma rede social é uma rede de amigos e/ou conhecidos, caracterizadas por potencializar as interações e as comunicações entre as pessoas. Guiados por esse princípio, os resultados alcançados nesta questão, referiam-se a determinados sites como: Orkut, MSN, Facebook, Twitter, Tumblr, Formspring e Meadd. De acordo com Couto (2009, p.1) “são cada vez mais comuns os casos de *cyberbullying* em redes sociais da chamada Web 2.0 [3], tais como Orkut, Facebook, MySpace, Twitter e assemelhados”. A seguir, explicaremos os sites de relacionamento do **Orkut**, **MSN**, **Facebook** e **Twitter**, sendo as redes mais citadas pelos sujeitos desta pesquisa.

O **Orkut** foi criado pelo engenheiro Orkut Büyükkökten em 2004 e é uma rede social filiada ao Google, com objetivo central de ajudar os membros a criar amigos

novas²⁷ e a manter relacionamentos tanto no mundo real como no virtual (VIEIRA et al., 2010) permitindo ao usuário criar o seu próprio perfil²⁸ (FAUSTINO e OLIVEIRA, 2008). Uma pesquisa feita por Honorato (2006) revelou que os internautas utilizaram o Orkut como um meio de se comunicar com os amigos, além de ser bastante utilizado para resgatar as amizades antigas, como também intensificar as recentes.

De acordo com a autora Fortim (2006) o Orkut é um dos sites mais acessados no Brasil, porém esta informação modificou-se no cenário atual. Segundo uma pesquisa realizada pelo IBOPE (2011)²⁹ no mês de setembro de 2011, o Orkut perdeu sua hegemonia como a rede social mais acessada pelos brasileiros para o Facebook. Atualmente o Orkut detém de 29 milhões de usuários enquanto, que o Facebook possui 30,9 milhões de internautas em todo Brasil.

Segundo os autores Faustino e Oliveira (2008) o enorme sucesso do Orkut no Brasil nestes sete anos, explica-se pelas diversas ferramentas disponíveis usadas para a criação do perfil, deixando a página pessoal interessante para o entretenimento do indivíduo, integrando álbum de fotos, vídeos do Youtube, jogos online gratuitos, comunicador instantâneo, página para scraps³⁰ e comunidades virtuais.

As comunidades virtuais possibilitam que os usuários se conectem nesta rede para trocar e compartilhar informações comuns sobre um determinado assunto. Segundo Bozza (2010),

A partir do momento que o usuário se insere na comunidade que quer participar (é possível participar de quantas comunidades quiser) ele pode conversar ou debater com outras pessoas da mesma comunidade (conhecidas ou não), expondo seus sentimentos e opiniões sobre o tema abordado por ela, e até mesmo promover encontros entre os membros da mesma comunidade (BOZZA, 2010, p.44)

²⁷ De acordo com Honorato (2006) no Orkut, a palavra “amigo” é utilizada para especificar qualquer pessoa com quem o usuário estabelece uma interação virtual. Contudo, esta rede social possibilita que o usuário adicione ou rejeite pedidos de amizades, de indivíduos conhecidos ou desconhecidos no mundo real, porém estas relações podem ser classificadas conforme o grau de intimidade estabelecido entre os internautas.

²⁸ Para criar uma página pessoal no Orkut, o usuário precisa apenas de um endereço eletrônico (email) e uma senha. O indivíduo pode montar um perfil com informações pessoais, sociais e profissionais (estado civil, gostos particulares como música, comida, gêneros musicais, filme e outros, idade, cidade onde mora, profissão, os interesses que tem por essa rede social, etc.). Assim, o usuário se desejar pode escancarar a sua vida pública na Internet, ou simplesmente fazer um perfil que não condiz com a sua realidade, com a intenção de garantir uma imagem atraente para os seus amigos virtuais (BOZZA, 2010). Vale destacar que se a pessoa desejar ou não, ela pode colocar uma foto particular no seu perfil para que as pessoas a identifiquem.

²⁹ O IBOPE é o Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística que fornece informações e estudos sobre mídia, opinião pública, intenção de voto, consumo, marca, comportamento e mercado.

³⁰ O termo scrap vem do inglês e significa recado. No orkut os usuários podem deixar algum scrap no perfil do colega.

Por meio da explicação apresentada, as comunidades do Orkut são criadas para reunir os internautas através de interesses comuns. Todavia, ao mesmo tempo em que existem comunidades que abordam os mais diversificados assuntos, também encontramos aquelas que têm como único objetivo ofender e ridicularizar uma determinada pessoa, podendo esta ser usuária ou não da rede social. Assim, as ações do cyberbullying podem ser concretizadas neste espaço no universo online.

Para se ter um parâmetro, no primeiro semestre do ano de 2011, a SaferNet Brasil (2011) recebeu cerca 10644 mil denúncias de cyberbullying no site de relacionamento do Orkut. De acordo com Faustino e Oliveira (2008) embora o Orkut possibilite a denúncia dos abusos no seu interior, não existe um controle no momento em que estas comunidades são inventadas. Segundo os mesmos autores, há no mínimo quatro maneiras de praticar o bullying digital no Orkut: postar recados ofensivos, enviar mensagens pessoais³¹, criar um falso perfil³² ou uma comunidade para ofender, humilhar, denegrir, constranger e maltratar a vítima.

Um estudo feito pelos mesmos autores confirmou a realização das agressões de cyberbullying através das comunidades virtuais. Apesar do referido trabalho ter sido um estudo de caso, constatou-se uma relação de expansão entre o bullying tradicional, (que ocorre na escola) para o cyberespaço da comunidade virtual. É válido lembrar que tivemos 2 relatos no item 4.2.6, que confirmaram a expressão do bullying virtual nas comunidades virtuais, em que duas participantes desta pesquisa, relataram episódios referentes à ocorrência de cyberbullying nas comunidades oferecidas pelo site do Orkut.

O MSN³³ é um programa de mensagens instantâneas criadas pela Microsoft Corporation. O MSN³⁴ foi criado em 1999, com a intenção de possibilitar “o compartilhamento de informações e fotos com contatos em grupo online” (BORTOLI e CAMPOMAR, 2009, p.11). O referido programa permite que um usuário se relacione com outro, desde que este também tenha o MSN (GROTH, FERRABOLI e OLIVEIRA, 2011). As

³¹ Estas mensagens pessoais podem ser enviadas como scraps ou como depoimentos (espaço que permite o usuário escrever algo para um amigo). O depoimento pode ser aceito ou rejeitado pelo pessoa, pois o mesmo ficará visível para todos aqueles que visitarem o perfil da mesma.

³² Pelo fato de precisar apenas de uma conta de email para se ter uma página pessoal no Orkut, o autor de cyberbullying pode inventá-lo. Depois que a conta é criada a pessoa tem a autonomia de colocar o nome/nickname que quiser no seu perfil. Deste modo, o nome de registro da senha não precisa ser combatível com o nome que se encontra no perfil do usuário.

³³ Para se ter acesso, o interessado deve efetuar um cadastro para receber uma conta de email se tornar usuário não só do programa, mas de qualquer outro serviço oferecido pelo Windows Live. Se uma pessoa tiver um conta no Hotmail (programa de e-mail disponibilizado na Internet) ou no próprio Messenger, que são dois programas vinculados a Microsoft Corporation, a pessoa automaticamente ganha acesso ao Windows Live Messenger.

³⁴ O MSN é resultado de uma fusão entre o Windows Messenger e o MSN Messenger, originando o Windows Live Messenger. Segundo GROTH, FERRABOLI e OLIVEIRA (2011) atualmente o MSN, encontra-se disponível em 36 idiomas.

conversas por meio do Messenger ocorrem em tempo real, permitindo o usuário acompanhar a entrada e a saída³⁵ dos amigos conectados à rede. Os contatos podem ser agrupados em grupos e categorias conforme o grau de intimidade estabelecido, como também pode bloquear contatos de amigos indesejados. Vale destacar que para fazer parte da rede de alguma pessoa, deve-se enviar uma solicitação de amizade com o desejo de pertencimento à rede, em que o dono irá decidir se o mesmo será aceito ou rejeitado. Se o usuário não aceitar o convite do amigo, o mesmo não será notificado pelo programa que houve alguma recusa por parte da pessoa.

Segundo Bortoli e Campomar (2011) vários serviços são oferecidos pelo Windows Live como conversar, compartilhar arquivos e fotos, receber novidades da rede de amigos, divulgar comentários nos blogs, acessar várias contas de e-mail e até jogos online. Por meio deste programa é possível interagir com vários amigos³⁶ ao mesmo tempo.

O Messenger possibilita aos usuários a conversa por voz, vídeo (webcam) e texto digitado. O texto digitado impede a visualização das expressões e conseqüentemente a identificação dos sentimentos durante as interações do usuário (FERREIRA, 2000 apud GROTH, FERRABOLI e OLIVEIRA, 2011). Para lidar com a falta da exposição dos sentimentos, foram criadas “convenções tipográficas, as mais conhecidas são os *emoctions*, ou *emoções* transmitidas por **ícones**, ícones esses formados por caracteres que substituem as expressões faciais ou gestos físicos” (JÚLIO, 2005, p. 7). Todavia, os *emoctions* ilustram um determinado estado psicológico durante a conversa, mas não substituem as expressões que emergem ao interagirmos com o outro no mundo real.

O autor Pérez et al. (2009) realizou uma pesquisa com estudantes de vários países da América Latina³⁷, com a intenção de investigar a expansão do cyberbullying pelos aparelhos eletrônicos. Por meio deste trabalho, o autor comprovou o uso do Messenger por 66,3% dos participantes, dos quais 4,4% alegaram o uso do programa para prejudicar o colega, enquanto que 5,5% dos envolvidos disseram que foram prejudicados por alguém através do referido programa. Convém frisar, que nesta mesma pesquisa o autor comprovou

³⁵ Quando o usuário entra no MSN, no lado direito da tela do computador aparece uma janela com a sua foto, para avisar os amigos que o mesmo encontra-se conectado a rede. Contudo, o usuário ao entrar no seu programa pode alterar a sua disponibilidade em: disponível, ocupado, ausente e invisível, para mostrar aos amigos se o mesmo deseja conversar com alguém ou se naquele momento está realizando alguma atividade que não permita que o mesmo de atenção aos seus contatos. O internauta, também pode digitar uma frase nova ou colocar uma foto, link e um *emotion* no seu Windows Live Messenger para compartilhar o conteúdo aos amigos adicionados a sua rede.

³⁶ Segundo Bortoli e Campomar (2011) numa conversa de texto podem participar até vinte pessoas.

³⁷ Os países eram: Argentina, Brasil, Chile, Colômbia, México, Peru e Venezuela.

que os estudantes brasileiros, que participaram do estudo, foram os que mais sofreram de cyberbullying via MSN.

O **Facebook**³⁸ é uma rede social originária dos Estados Unidos, mas precisamente de Harvard, criado por Marck Zuckerberg, Dustin Moskovitz, Eduardo Severin e Chris Hughts no ano de 2004 (VIEIRA et al., 2010). O seu objetivo inicial era atingir apenas o público da Universidade de Harvard. Entretanto a partir de uma grande popularização do programa, o Facebook se expandiu para o mundo todo, tornando-se uma ferramenta aberta para o público em geral (FACHINI, GRIPP e BONITO, 2011).

O sucesso do Facebook³⁹, inclusive no Brasil, pode ser explicado pela quantidade de recursos oferecidos como: “jogos sociais que permitem a interação entre os usuários, até acesso a notícias de vários locais do mundo disponíveis no mural (ou *feed* de notícias)” (VIEIRA et al., 2010, p.4). Os usuários podem escrever mensagens e postar no mural do amigo, como também podem criar eventos que ficarão visíveis para serem lembradas aos amigos conectados a rede do usuário. Neste sentido, as informações podem ser compartilhadas e divulgadas na página pessoal, com a intenção de discutir⁴⁰ o assunto com todos.

Segundo Fachini, Gripp e Bonito (2011) o diferencial do Facebook para os demais sites são os aplicativos instalados, como: álbum de fotos, vídeos do Youtube, jogos online gratuitos e comunicador instantâneo. Esta rede social possibilita o usuário “curtir”, “comentar” e “compartilhar” informações expostas pelos colegas, das quais os conteúdos podem conter ações de cyberbullying, divulgando e expondo o sujeito violentado ao olhares de todos. Vale destacar que todas as atualizações feitas pelo usuário aparecem para todos os contatos no momento em que são publicadas, do mesmo modo que todos os comentários de fotos, vídeos e mensagens também aparecem a todos os amigos⁴¹ conectados na rede social.

³⁸ Para criar uma página pessoal no Facebook, o usuário precisa apenas de um endereço eletrônico (email) e uma senha. O indivíduo pode montar um perfil com informações relacionadas ao trabalho e educação, filosofia (religião), esportes, arte e entretenimento (música, filme, livros e televisão), atividades desempenhadas e possíveis interesses para com a rede. Vale destacar que se a pessoa desejar ou não, ela pode colocar uma foto particular no seu perfil para que as pessoas a identifiquem.

³⁹ De acordo com o dado exposto pelo IBOPE (2011), só no Brasil, o Facebook conta com 30,9 milhões de usuários.

⁴⁰ Geralmente as discussões são feitas por meio dos recados que a pessoa posta. Quando o usuário entra na sua conta, o mesmo pode escrever “o que esta pensando agora”, com a intenção de promover uma interação entre os amigos. A pessoa também pode chamar atenção do colega ao “cutucá-lo” como também pode fazer perguntas sobre o mesmo com a intenção de respondê-la. Caso o amigo queria saber a resposta, o mesmo deverá aceitar no seu perfil, entretanto as respostas ficarão expostas para todos aqueles que acessarem o perfil do usuário.

⁴¹ Esta rede social possibilita que o usuário confirme ou não pedidos de amizades, de indivíduos conhecidos ou desconhecidos no mundo real. Todavia, no lado direito da tela do computador aparece à foto de pessoas que talvez o usuário conheça, do mesmo modo que o referido site também busca os seus amigos instantaneamente.

Neste sentido, uma cybervítima é exposta aos olhares de todos no mesmo instante, em que os conteúdos são publicados pelo agressor.

O **Twitter**⁴² é um microblog⁴³ que oferece um espaço no tamanho de 140 caracteres⁴⁴ para a publicação de mensagens da Internet ou de dispositivos móveis com acesso a rede mundial de computadores (FACHINI, GRIPP e BONITO, 2011). Foi criado nos Estados Unidos por Biz Stone, Evan Willians e Jack Dorsey em 2006.

O Twitter, por ser do formato de um microblog, apresenta uma mobilidade, que permite atualizações de dispositivos móveis, tendo também uma arquitetura aberta de informações, possibilitando que as mesmas sejam publicadas e divulgadas de forma rápida pelos meios de comunicação (ZAGO, 2008).

Esta rede social permite o compartilhamento de mensagens, envio e o recebimento de atualizações dos contatos, baseando-se num serviço de RSS⁴⁵ alterando em tempo real o perfil do usuário e dos seus seguidores (FACHINI, GRIPP e BONITO, 2011). De acordo com Lemos (2008) o Twitter possibilita uma interação em tempo real, configurando-se como um poderoso meio de informação das redes sociais, oferecendo vários mecanismos de interação, de modo que

Para responder a uma publicação existe o *Reply*, para republicar um *tweet* e dar créditos ao autor original existe o *Retweet*, para dinamizar a leitura dos *tweets* por conteúdo existem as listas que permitem selecionar os usuários que postam determinado conteúdo, o *Trending Topics*, que é uma lista em tempo real dos dez nomes ou *tags* mais comentados no mundo ou em regiões específicas e o *search* é o mecanismo de procura. (FACHINI, GRIPP e BONITO, 2011, p.8)

Na atualidade, o Twitter possui o *Twitcan*, que permite a transmissão de imagens em tempo real para todos os seguidores de uma única vez (GASPAR, 2010 apud CIRIBELI e PAIVA, 2011). Acredita-se que desta forma, mensagens com imagens

⁴² Para criar uma conta no Twitter é necessário que a pessoa faça um cadastro no site oficial da rede social. Em seguida o indivíduo coloca o nome completo e escolhe um nome de usuário com o intuito de receber uma senha para entrar na conta criada. Depois de criada a conta, notifica-se todos os usuários de sua lista de e-mail avisando que a referida conta fora feita.

⁴³ Microblogs de acordo com Zago (2008) podem ser considerados como espécies de “blogs simplificados” na medida em que possuem os recursos inerentes ao formato blog (como publicação de conteúdo em ordem cronológica inversa, e as demais características dos blogs), mas de forma simplificada.

⁴⁴ 140 caracteres é também o tamanho máximo permitido em uma mensagem de celular, em que As atualizações curtas permitem uma maior portabilidade das informações. Dada a versatilidade do formato, os microblogs em geral podem ser atualizados a partir de ferramentas diversas, inclusive por dispositivos móveis, como o celular (por SMS4 ou web móvel), e também a partir de mensageiros instantâneos (IM), ou web convencional (ZAGO, 2008).

⁴⁵ RSS (Really Simple Syndication) é um jeito novo e prático de ficar informado. Por meio dele o indivíduo pode reunir informações de seus *sites* preferidos em uma única tela, e, como num programa de *e-mail*, ser avisado das novidades assim que elas são publicadas na internet.

difamadoras podem ser divulgadas para os contatos estabelecidos entre as pessoas que possuem o microblog.

Após refletirmos sobre os referidos sites de relacionamento, percebemos que são inúmeros os benefícios proporcionados pela Internet. Todavia, é preciso sempre tomar cuidados quando interagimos com estes meios sociais, pois a rede também está repleta de indivíduos mal-intencionados que cometem ações de cyberbullying, através das comunidades virtuais, perfis falsos, blogs e até microblogs anônimos. Portanto, “é essencial buscar saber quem realmente são os amigos antes de adicioná-los” (CIRIBELI e PAIVA, 2011, p.65) na nossa rede de contatos, a fim de garantir uma navegação segura e prazerosa.

4.3.5. Cyberbullying e a escola

No questionário respondido pelos alunos, elaboramos três perguntas que relacionavam o cyberbullying com as instituições escolares.

Para compreendermos como o cyberbullying pode acontecer na escola, perguntamos aos estudantes se acham pertinente o conhecimento do cyberbullying por parte dos professores. Dos 74 participantes, 64 (86%) consideraram crucial o conhecimento da temática para os docentes e 7 (9%) acreditaram que os professores não devem saber sobre a existência do cyberbullying entre os escolares. Estes dados estão sendo demonstrados na figura 18:



Figura 18. Quantidade de alunos que consideram ou não o conhecimento dos docentes sobre a temática do cyberbullying

Dos 64 respondentes, 61% eram meninas e 39% eram meninos. Convém destacar que dos alunos que consideraram importante o conhecimento do bullying virtual aos professores, apenas 38% demonstraram que sabem algo sobre o cyberbullying.

É importante que os professores saibam sobre o fenômeno cyberbullying, pois a figura do educador:

É indispensável, na medida em que caberá a ele prestar os esclarecimentos necessários sobre a problemática, sugerir medidas de prevenção e de acção, orientar projetos de investigação-acção e, sobretudo, sensibilizar e alertar as mais diversas camadas da população para a problemática. (AMADO, MATOS e PESSOA, 2009, p.266)

Este saber assume-se como uma necessidade, visando uma educação orientada para os comportamentos seguros em ambientes online (CRUZ, 2011).

Para finalizar as perguntas referentes ao cyberbullying e a escola, pedimos aos alunos que descrevessem atitudes, que na opinião deles, poderiam ser adotadas pela escola em situações relacionadas ao cyberbullying. Dos 74 participantes, 24% optaram por não responder a pergunta e 24% disseram que não sabiam o que a escola poderia fazer.

Por se tratar de uma pergunta aberta, os alunos puderam citar mais de uma atitude, de modo que as respostas se dividiram, conforme o quadro a seguir, da seguinte maneira:

<i>Medidas que a escola poderia adotar</i>	<i>Porcentagem (%)</i>
Conscientização por meio de palestras e informações sobre o cyberbullying	26
Não sabem	24
Não responderam	24
Alertar, aconselhar, orientar e apoiar o uso da internet segura	10
Denunciar	5
Não pode fazer nada	5
Punir o agressor	4
Monitorar o uso da Internet	2

Quadro 13. Medidas apontadas pelos alunos com relação à escola e o cyberbullying.

A ação que escola poderia exercer com relação à visão dos sujeitos, nos conduz à conscientização, levantamento de informações e a orientação aos educandos, em que as atitudes mencionadas encontram-se próximas, complementando uma a outra. Neste sentido, por meio de uma conscientização certamente informações serão trazidas ao seu conhecimento, com o intuito de orientá-los para que o mesmo atue da melhor maneira perante uma situação do bullying virtual. Citaremos algumas respostas obtidas nesta pergunta:

Sujeito 10: “A escola poderia dar palestra sobre isso”.

Sujeito 25: “Acho que a escola, não poderia fazer nada”.

Sujeito 29: “Ter palestras para explicar o que é, como que pode ser combatido, etc.”

Sujeito 37: “Monitorar quem esta mexendo na Internet”.

Sujeito 39: “Conscientizar, ficar mais atenta e tratar o caso como sério e não ficar achando que é uma besteira como muitos fazem”.

Sujeito 41: “A escola poderia orientar sobre o perigo desse tipo de bullying, afinal nós nunca pensamos que pode acontecer conosco”.

Sujeito 44: “Infelizmente nada, a Internet é uma ferramenta pessoal”.

Sujeito 52: “Ajudar a denunciar”.

Sujeito 59: “Conscientizar e se souber de algo informar os responsáveis”.

Sujeito 67: “Deveria se informar mais sobre esse assunto e tomar alguma atitude, por exemplo, denunciar”.

Sujeito 70: “No mínimo palestras”.

Os autores Fante e Pedra (2008) expõem que:

O papel da escola é o de orientar seus alunos para o uso responsável e ético dos recursos tecnológicos e sobre os perigos que podem representar. Igualmente importante é conscientizar os pais dos alunos por meio de textos, cartilhas, palestras, para que possam orientar seus filhos, bem como observar suas ações e reações enquanto usuários das modernas ferramentas tecnológicas. (FANTE e PEDRA, 2008, p. 72)

O trabalho que as instituições escolares podem desenvolver deve integrar tanto os alunos como também os pais, pelo fato do fenômeno cyberbullying se estender para além dos muros escolares, competindo tanto a família como a escola, o exercício de ações direcionadas para a formação e desenvolvimento das competências técnicas dos educandos, no que diz respeito ao domínio e emprego dos meios tecnológicos em paralelo com a

preocupação em formar crianças e jovens para o seu uso responsável, sendo fontes de progressos e de bem-estar a todos (AMADO, PASSOS e PESSOA, 2009).

Uma medida interessante citada por 2% dos estudantes refere-se ao monitoramento da Internet pela escola. Este cuidado se relaciona ao uso consciente da Internet e dos meios tecnológicos, com a intenção de ser produtivo e não punitivo e vigilante por parte das instituições escolares, fazendo-se necessário, uma vez que as próprias escolas estão utilizando as tecnologias de informação e comunicação nas salas de aula, como uma ferramenta complementar ao processo de ensino e aprendizado dos alunos (PÉREZ et al., 2009). Para muitos, é através da escola que o primeiro contato com a Internet é feito, (PONTE e CARDOSO, 2009) sendo importante um acompanhamento e conhecimento das atividades dos educandos frente ao mundo digital, para que possam orientá-los quanto ao uso responsável das tecnologias digitais (MAIDEL, 2009).

Ao analisar o argumento exposto por 5% dos alunos, que disseram que a escola não poderia fazer nada com relação ao cyberbullying, é necessário esclarecer que mesmo que as maiorias dos casos de cyberbullying não ocorram no interior da escola, os educadores precisam estar atentos para as relações interpessoais, pois tudo se inicia com uma piadinha na sala de aula pode ser levada para alguma comunidade virtual ou até mesmo, gerar assuntos entre os colegas nos comunicadores instantâneos, como o MSN, Google Talk e outros, (FANTE e PEDRA, 2008) transformando-a numa perseguição infinita do assédio virtual.

Relembrando alguns pontos já discutidos nos itens anteriores, dificilmente conseguimos identificar os agressores do bullying virtual, por causa do anonimato advindo dos dispositivos eletrônicos, o que prejudica o conhecimento destas ações tanto para a vítima como também para os estabelecimentos escolares. Como a denúncia é o principal meio de combate ao fenômeno, a escola precisa ter certeza dos envolvidos do cyberbullying, antes de manifestar qualquer atitude contra os autores das agressões.

Quando tratamos de cyberbullying não estamos falando de um fenômeno com papéis e perfis definidos, pois o mesmo se caracteriza pela transição entre ser vítima e agressor. A escola deve ajudar os alunos a se indagar e a compreender a dor do outro, sendo mais justas em suas ações, pois de nada adiantará puni-los, castigá-los e até mesmo expulsá-los quando uma de suas funções “é formar cidadãos que aspirem à ética, que consigam se indignar, que saibam se colocar no lugar do outro, que se sensibilizem com a dor alheia” (BOZZA, 2010, p.101).

A prevenção é o melhor caminho, devendo ser iniciada nas escolas em parceria com a família e com a comunidade da qual o aluno se insere (FANTE e PEDRA, 2008), pois por meio da conscientização, oportunidades serão criadas para a discussão da temática, além de fornecer apoio a qualquer tipo de conduta que desequilibre as relações entre os alunos. Segundo Maidel (2009, p.118):

Dada as implicações e alcance dessa modalidade de violência, também se faz primordial uma ação sistemática e prolongada de toda a sociedade, para oportunizar a mudança de aspectos culturais intimamente relacionados a aceitação e respeito que se deve ter com relação a todo e qualquer tipo de diversidade humana - pois o melhor meio de evitar comportamentos como o cyberbullying é estimular a conscientização e o respeito incondicional as diferenças em tenra idade.(grifo nosso).

Assim, através do respeito com o outro que o indivíduo poderá crescer em um meio social positivo na construção das suas características em prol de ações responsáveis estabelecidas nas sociedades.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Submergidos na cibercultura, nossa sociedade se direciona acomodando-se ao redor das tecnologias de comunicação num envolvimento extremamente significativo nos espaços sociais, que são marcadas pela instantaneidade e conectividade de todos numa única rede imaginária, responsável pela conexão dos indivíduos, ao quebrar com as barreiras espaços-temporais que separam os diferentes corpos.

O universo digital, também chegou às instituições escolares, onde atua no processo de ensino e aprendizado de crianças e jovens, que aprendem através da interação do conhecimento com os aparelhos tecnológicos. Neste sentido, é fácil encontrar comunidades virtuais feitas por professores com a intenção de unir os alunos fora das instituições escolares, para compartilhar desafios e informações atualizadas, despertando curiosidades, proporcionando um ensino significativo para sua formação.

Sabemos dos benefícios proporcionados pelos dispositivos digitais, em que o mundo virtual encontra-se repleto de oportunidades como também de riscos, como as manifestações do cyberbullying. Frente a esta realidade, nós educadores devemos também nos preocupar com a contextualização do cyberbullying no espaço escolar, procurando novos métodos de como lidar com as interações entre os alunos, associando a idéia de que nenhum comentário feito em sala de aula pode ser realizado por acaso, impregnando algum sentido e significado naquelas ações que ocorrem freqüentemente entre os muros escolares.

A investigação aqui apresentada teve como objetivo, averiguar o conhecimento da existência do cyberbullying entre um grupo de adolescentes do primeiro, segundo e terceiro ano do ensino médio e o que os mesmos pensam sobre o assunto. Através das respostas obtidas no estudo, verificamos uma interação dos jovens com os dispositivos digitais, sendo utilizados por muitos para comunicação e entretenimento, de modo que “as redes sociais e os chats assumem uma forma cada vez mais popular de comunicação e o relacionamento face-a-face é muitas vezes substituído por este contacto mais indirecto” (CRUZ, 2011, p.50) fato este, bastante evidenciado na pesquisa. Também constatamos que dos 74 alunos⁴⁶, apenas 28 (38%) sabem algo sobre o cyberbullying, enquanto que 29 participantes (39%) alegaram que não tem um conhecimento sobre o bullying virtual, apesar de termos deparados com 3 cyberbullies, 3 testemunhos de cybervítimas, 9 espectadores das

⁴⁶ Vale lembrar que 23% dos participantes optaram por não responder a pergunta referente ao seu conhecimento sobre o cyberbullying.

ações de um autor e 12 espectadores do sofrimento de alguma cybervítima. Entretanto, é valido destacar que muitos acabam cometendo atitudes de cyberbullying, sem saber que as mesmas conduzem ao fenômeno.

Segundo os espectadores que conhecem alguma cybervítima, o hackeamento de contas, o falar mal de alguém, a divulgação de vídeos e fotos constrangedoras nas redes sociais, foram os modos mais referidas das manifestações do cyberbullying nesta pesquisa. Estas informações corroboram com aquelas encontradas na literatura, ao expor que cada um está sujeito a sofrer das agressões, uma vez que qualquer um pode ter o e-mail invadido, receber mensagens com conteúdos indesejados e constrangedores, fotos e vídeos divulgados sem permissões (FANTE e PEDRA, 2008) não tendo a existência de perfil específico para uma cybervítima.

Apoiado pelo anonimato, o cyberbullie pode criar personalidades falsas e usar nicknames, dificultando a sua identificação, do mesmo modo que os papéis podem ser invertidos, uma vez que um autor pode se tornar numa vítima e uma cybervítima em cyberbullie, ou até mesmo presenciar ações sem se envolver com as agressões. Na nossa investigação, encontramos um caso de aluno que, foi ou é autor, e que também, foi ou é vítima das agressões do bullying virtual.

Verificou-se que os participantes não sabem como devem agir em casos relacionados ao cyberbullying, uma vez que a principal medida a ser tomada, é a denúncia, atitude esta que mencionada por 5% dos alunos. Todos os conteúdos que violarem os direitos humanos devem ser denunciados, pois de acordo com o Código Penal, os crimes virtuais podem e devem ser punidos da mesma forma que os do mundo real. (SAFERNET BRASIL, 2011).

As instituições escolares também podem atuar contra o cyberbullying, orientando os alunos para o uso responsável e ético dos recursos tecnológicos e sobre os perigos que podem representar no ciberespaço. Neste sentido, concordamos com as respostas fornecidas pelos alunos, que a escola pode conscientizar os estudantes através de informações referentes ao assunto e orientações acerca do uso adequado dos meios tecnológicos. É importante uma conscientização para as famílias, uma vez que o cyberbullying extrapola os muros escolares, além das próprias agressões poderem ocorrer foras das instituições, apesar de serem refletidas no contexto educacional. (AMADO, PASSOS e PESSOA, 2009).

O cyberbullying é um fenômeno próximo ao bullying, sendo bem mais complexo, estabelecendo relações entre as agressões por meio do ciberespaço. Esta nova forma de violência virtual fixou suas raízes entre os estudantes, transformando-o numa

ameaça na edificação da paz, ocasionando conseqüências que não serão esquecidas tão facilmente pela vítima, transformando-se numa ameaça à sociedade. O melhor caminho para evitar o cyberbullying é estimular a conscientização e o respeito incondicional na humanidade.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMADO, João; MATOS, Armanda; PESSOA, Teresa. CYBERBULLYING: Um novo campo de investigação e de formação. In: CONGRESSO INTERNACIONAL GALEGO-PORTUGUÊS DE PSICOPEDAGOGIA, 10., 2009, Braga. **Anais Eletrônicos...** Portugal: Universidade do Minho, 2009. p. 262 - 273.

BARROS, Paulo Cesar; CARVALHO, João Eloir; PEREIRA, Maria Beatriz Ferreira Leite Oliveira. Um estudo sobre o bullying no contexto escolar. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO-EDUCERE, ENCONTRO SUL BRASILEIRO DE PSICOPEDAGOGIA, 9., 3., 2009, Curitiba. **Anais Eletrônicos...** Portugal: Champagnat, 2009. p. 5738 - 5757. Disponível em: <<http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/10169/1/Um%20estudo%20sobre%20o%20bullyingEDUCERE2009.pdf>>. Acesso em: 14 fev. 2011.

BENAVENTE, Isabel Menéndez. **Bullying: acoso escolar**. 2004. Disponível em: <<http://www.isabelmenendez.com/escuela/bullying.pdf>>. Acesso em: 20 fev. 2011.

BLOCH, Marc. **Apologia da História ou o ofício do historiador**. São Paulo: Jorge Zahar Editor, 2002.

BORTOLI, Luiza Velke; CAMPOMAR, Marcos Cortez. Da comunicação boca a boca para o marketing viral. In: SEMEAD-EMPREENDEDORISMO E INOVAÇÃO, 12., 2009, São Paulo. **Anais Eletrônicos...** São Paulo: FEA/USP, 2009. p. 1 - 16. Disponível em: <<http://www.ead.fea.usp.br/semead/12semead/resultado/trabalhosPDF/638.pdf>>. Acesso em: 29 set. 2011.

BOZZA, Thais Cristina Leite. **Cyberbullying: quando a violência é virtual**: Um estudo sobre a incidência e sua relação com as representações de si em adolescentes. 2010. 116 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Faculdade de Pedagogia, Departamento de Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.

CAMARGO, Carolina Giannoni. "**Brincadeiras**" que fazem chorar! Introdução ao fenômeno bullying. São Paulo: All Print Editora, 2009.

CAMPBELL, Marilyn A. Cyber Bullying: An Old Problem in a New Guise? **Australian Journal of Guidance & Counselling**, Australia, v. 15, n. 1, p.68-76, 2005. Disponível em: <<http://eprints.qut.edu.au/1925/1/1925.pdf>>. Acesso em: 3 jan. 2011.

CIRIBELI, João Paulo; PAIVA, Victor Hugo Pereira. Redes e Mídias sociais na Internet:Realidades e perspectivas de um mundo conectado. **Mediação**, Belo Horizonte, v. 12, n. 13, p.57-74, jun. 2011. Semestral. Disponível em: <<http://www.fumec.br/revistas/index.php/mediacao/article/view/509/504>>. Acesso em: 03 out. 2011

COSTA, Ana Maria Nicolaci da. O psicólogo na sociedade em rede. In: PRADO, Oliver Zancul; FORTIM, Ivelise; CONSENTINO, Leonardo. **Psicologia & Informática: Produções do III PSICOINFO e II Jornada do NPPI**. 1ª São Paulo: Conselho Regional de Psicologia de São Paulo, 2006. p. 20-30.

COUTO, Thiago Graça. **Cyberbullying na web 2.0 (Orkut) e a responsabilização**. 2009. Disponível em: <<http://www.egov.ufsc.br/portal/sites/default/files/anexos/31042-33972-1-PB.pdf>>. Acesso em: 03 out. 2011.

CRUZ, Ana Catarina Calixto da. **O Cyberbullying no contexto português**. 2011. 96 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) - Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Departamento de Ciências da Comunicação, Universidade Nova de Lisboa, Portugal, 2011. Disponível em: <<http://www2.fcsh.unl.pt/eukidsonline/docs/disserta%C3%A7ao%20mestrado%20cyberbullying.pdf>>. Acesso em: 13 set. 2011.

DAYRELL, Juarez; GOMES, Nilma Lino. A juventude no Brasil: questões e desafios. In: MATOS, Marlise; GOMES, Nilma Lino; DAYRELL, Juarez. **Cidadania e a luta por direitos humanos, sociais, econômicos, culturais e ambientais**. 1ª Belo Horizonte: Dcp/fafich/ufmg, 2009. p. 89-113. Disponível em: <http://api.ning.com/files/HWLMz-y5imQnWcQGmD1DrYGY*PAPkOHi1w55cKssnVqq28fX4NCuVFdhI*YZ68O5UKxSauIX>

Tf-12yfgrhB-xtG9MwBk954x/AjuventudenoBrasilquestesedesafios.pdf>. Acesso em: 08 ago. 2011.

FACHINI, Gian; GRIPP, Phillipp; BONITO, Marco. O Uso das Redes Sociais no Jornalismo. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUL, 12., 2011, Londrina. **Anais Eletrônicos...** Paraná: Intercom, 2011. p. 1 - 13. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sul2011/resumos/R25-0193-1.pdf>>. Acesso em: 03 out. 2011.

FANTE, Cleo. **Fenômeno Bullying**: como prevenir a violência nas escolas e educar pela paz. 2º edição Campinas, SP: Verus Editora, 2005.

FANTE, Cleo; PEDRA, José Augusto. **Bullying escolar: perguntas e respostas**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

FAUSTINO, Raquel; OLIVEIRA, Tamires Morete de. O CIBERBULLYING NO ORKUT: A AGRESSÃO PELA LINGUAGEM. **Língua, Literatura e Ensino: 5 SePeg- Seminário de Pesquisas da Graduação**, Campinas, SP, n. , p.183-193, maio 2008. Anual.

FRANCO, Maria Laura Puglisi Barbosa; NOVAES, Gláucia Torres Franco. Os jovens do ensino médio e suas representações sociais. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 112, p.167-183, mar. 2001. Mensal. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/n112/16107.pdf>>. Acesso em: 16 ago. 2011.

FORTIM, Ivelise. O Orkut na clínica e a relação terapeuta paciente. In: PRADO, Oliver Zancul; FORTIM, Ivelise; CONSENTINO, Leonardo. **Psicologia & Informática: Produções do III PSICOINFO e II Jornada do NPPI**. 1ª São Paulo: Conselho Regional de Psicologia de São Paulo, 2006. p. 49-61.

GROTH, Carlise Inês; FERRABOLI, Cynthia Raquel; OLIVEIRA, Lisandra Antunes de. Entre o real e o virtual: análise da sociabilidade vivenciada nos relacionamentos a distância e presenciais. **Unoesc & Ciência – ACHS**, Joaçaba, v. 2, n. 1, p.63-72, jun. 2011. Semestral. Disponível em: <http://editora.unoesc.edu.br/index.php/achs/article/viewFile/143/pdf_143>. Acesso em: 29 set. 2011.

HONORATO, Eduardo. Comunidade virtual Orkut: Uma análise psicossocial. In: PRADO, Oliver Zancul; FORTIM, Ivelise; CONSENTINO, Leonardo. **Psicologia & Informática: Produções do III PSICOINFO e II Jornada do NPPI**. 1ª São Paulo: Conselho Regional de Psicologia de São Paulo, 2006. p. 31-47.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Tecnologia da Informação e comunicação**. São Paulo, 2009. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/trabalhoerendimento/pnad2009/tabelas_pdf/sintese_ind_8_1.pdf>. Acesso em: 12 jan. 2011.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Tecnologia da Informação e comunicação**. São Paulo, 2009. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/trabalhoerendimento/pnad2009/sintese_defaultpdf_tecnologia.shtm>. Acesso em: 13 jan. 2011.

Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística. **Orkut em busca dos usuários perdidos**. São Paulo, 2011. Disponível em: <<http://www.ibope.com.br/calandraWeb/servlet/CalandraRedirect?temp=5&proj=PortalIBOP&pub=T&db=caldb&comp=Internet&docid=28C2ECE5CBF31A318325765F0045A821>>. Acesso em: 29 set. 2011.

JÚLIO, Bruno Gonçalo de Oliveira. **Identidade e interação social em comunicação mediada por computador**. 2005. 18 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Comunicação) - Faculdade de Ciências da Comunicação, Departamento de Audiovisual, Multimédia e Interação, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2005. Disponível em: <<http://bocc.uff.br/pag/julio-bruno-identidade-interacao-social.pdf>>. Acesso em: 29 set. 2011.

LEMOS, Andre; CUNHA, Paulo. **Cibercultura. Alguns pontos para compreender a nossa época**. Porto Alegre: Sulina, 2003.

LEMOS, Andre. As Estruturas Antropológicas do Ciberespaço. **Textos de Cultura e Comunicação**, Salvador, n. 35, p.12-17, jul. 1996. Semestral.

LEMOS, Lucia. O Poder do Discurso na Cultura Digital: o caso Twitter. In: JORNADA INTERNACIONAL DE ESTUDOS DO DISCURSO, 1., 2008, Maringá. **Anais Eletrônicos...** Paraná: JIED, 2008. p. 652 - 663.

LIMA, Alex Chaves Rocha; GONÇALVEZ, Guilherme Lima. **Transmissão de Áudio sem fio por tecnologia Bluetooth**. 2009. 35 f. Tese de Conclusão de Curso (Graduação em Engenharia Elétrica) - Faculdade de Engenharia Elétrica, Departamento de Engenharia, Universidade de Brasília, Brasília, 2009.

LOPES NETO, Aramis A. Bullying- comportamento agressivo entre estudantes. **Jornal de Pediatria**, Rio de Janeiro, nov. 2005. p. 164-172. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/jped/v81n5s0/v81n5Sa06.pdf>>. Acesso em: 20 fev. 2011.

LÜDORF, Sílvia M. Agatti. **Metodologia da pesquisa do projeto à monografia**158. Rio de Janeiro: Shape, 2004. 158 p.

MAIDEL, Simone. Cyberbullying: um novo risco advindo das tecnologias digitais. **Revista Electrónica De Investigación Y Docencia (reid)**, Espanha, n. 2, p.113-119, jun. 2009. Mensal. Disponível em: <<http://www.ujaen.es/revista/reid/revista/n2/RevistaNum2REID.pdf>>. Acesso em: 22 fev. 2011.

MARTÍNEZ, José Maria Avilés. **Cyberbullying: Diferencias entre El alumnado de secundaria**. Boletín de Psicología, N° 96, 2009, p. 79-96.

NEVES, José Pinheiro; PINHEIRO, Luiza. A emergência do cyberbullying: uma primeira aproximação. In: CONGRESSO SOPCOM/ IBÉRICO, 6., 2009, Portugal. **Anais Eletrônicos...** Portugal: Ulusofona, 2009. p. 4962 - 4974. Disponível em: <http://conferencias.ulusofona.pt/index.php/sopcom_iberico/sopcom_iberico09/paper/viewFile/279/254>. Acesso em: 12 jan. 2011.

OLWEUS, Dan. **Conduitas de acoso y amenaza entre escolares**. Madrid: Morata, 1998.

PÉREZ, Jorge Del Río et al. Cyberbullying: uma análise comparativa com estudantes de países da América Latina: Argentina, Brasil, Chile, Colômbia, México, Peru e Venezuela. In: V CONGRESSO INTERNACIONAL SOBRE COMUNICAÇÃO E REALIDADE, 2009, Pamplona. **Fórum Gerações Interativas**. Universidade de Navarra: Departamento de Comunicação Audiovisual e Publicidade e Literatura, 2009. p. 1 - 14.

PINHEIRO, Luzia de Oliveira. **CYBERBULLYING EM PORTUGAL: uma perspectiva sociológica**. 2009. 157 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Faculdade de Sociologia: Desenvolvimento e Políticas Sociais, Departamento de Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Minho, Portugal, 2009.

PONTE, Cristina; CARDOSO, Daniel. Explorando perfis de vulnerabilidade para uma sensibilização do risco. Contributos do Projecto EU Kids Online. In: XVII ENCONTRO DA ADOLESCÊNCIA, 2009, Lisboa. **Encontro...** Portugal: Eu Kids Online 2, 2009. p. 1 - 8. Disponível em: <<http://www2.fcsh.unl.pt/eukidsonline/docs/Ponte%20Cardoso%20Cyberbullying%202009.pdf>>. Acesso em: 1 mar. 2011.

SAFERNET BRASIL. **Protegendo os Direitos Humanos na Sociedade da Informação. São Paulo, 2011**. Disponível em: <<http://www.safernet.org.br/site/>>. Acesso em: 03 jan. 2011.

TANAKA, Osvaldo Y; MELO, Cristina. **Avaliação de programas de saúde do adolescente: um modo de fazer**. São Paulo: Edusp, 2001.

TAUIL, Leonardo Calixto; COSTA, Paula Renata Gentil Felix de Carvalho; RODRIGUES, Thaís Ferreira. **Bullying na escola e na sociedade moderna**. 2009. Disponível em: <<http://www.boniconsilii.com.br/portal/tccs/3B/Leonardo,Paula%20e%20Tha%C3%ADs.pdf>>. Acesso em: 31 mar. 2011.

TOGNETTA, Luciene Regina Paulino; VINHA, Telma Pileggi. Estamos em conflito: eu, comigo e com você: uma reflexão sobre o *bullying* e suas causas afetivas. In: CUNHA, J.L.; DANI, L.S.C.: **Escola, conflitos e violência**. Santa Maria: Ed. UFSM, 2008.

THOMAS, Jerry R.; NELSON, Jack K.; SILVERMAN, Stephen J.. **Metodologia de pesquisa em Atividade Física**. Porto Alegre: Artmed, 2008. 396 p.

VARELA, Luis Gustavo et al. **Cyberbullying: O despertar de uma nova violência**. 2009. Disponível em: <<http://ifc-araquari.edu.br/1/mct/2009/informatica/cyberbullying.pdf>>. Acesso em: 13 set. 2011.

VIEIRA, Eloy Santos et al. As redes sociais e o novo consumidor de notícias. In: INTERCOM: SOCIEDADE BRASILEIRA DE ESTUDOS INTERDISCIPLINARES DA COMUNICAÇÃO, 2010, Campina Grande. **Anais Eletrônicos...** Paraíba: Intercom, 2010. p. 1 - 10. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/sis/regional/resumos/R23-0425-1.pdf>>. Acesso em: 28 set. 2011.

ZAGO, Gabriela da Silva. O Twitter como suporte para produção e difusão de conteúdos jornalísticos. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, 6., 2008, São Bernardo do Campo. **Anais Eletrônicos...** São Paulo: Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, 2008. p. 1 - 16. Disponível em: <<http://www.uff.br/ciberlegenda/ojs/index.php/revista/article/view/2/14>>. Acesso em: 03 out. 2011.

WICHS, Keith. **Enciclopédia Ilustrada da Ciência: Eletricidade e Magnetismo**. São Paulo: Editora Globo, 1993. 2 v.

ANEXOS

ANEXO A: Questionário

Idade: _____

Sexo: () Feminino () Masculino

Série: _____

Há quanto tempo estuda na escola? _____

Como é o seu relacionamentos com os seus amigos? () bom () ruim () nem tão bom e nem tão ruim.

Caro aluno,

Este questionário permite que você responda levando-se em conta os seus pensamentos e as suas vivências. É um questionário individual e anônimo, e todas as informações serão totalmente confidenciais, por isso pedimos que o responda com sinceridade e dizendo exatamente o que sente ou pensa. Para isso, pedimos que assinale as suas respostas com um (X) nas questões de alternativas e escreva com sinceridade as questões escritas. Neste questionário não existem respostas certas ou erradas, pois o que realmente importa para nós é saber sobre as emoções e os sentimentos dos alunos mediante a alguma situações.

Agradecemos muito a sua colaboração e a sua sinceridade!

1- Você já ouviu falar de bullying? () **Sim** () **Não**

2- Você já ouviu falar de cyberbullying () **Sim** () **Não**

3- O que você sabe sobre sabe o cyberbullying?

4- Você já sofreu bullying? () **Sim** () **Não**

Se sim, o que sentiu?

5- Você conhece alguém que sofreu ou sofre bullying? () **Sim** () **Não**

6- Você já sofreu cyberbullying? () **Sim** () **Não**

Se sim, o que sentiu?

7- Você conhece alguém que sofreu ou sofre cyberbullying? **Sim** **Não**

Se sim, conte o que houve:

8- Você já praticou bullying? **Sim** **Não**

Se sim, o que você sentiu quando o praticou?

9- Você conhece alguém que praticou ou pratica bullying? **Sim** **Não**

10- Você já praticou cyberbullying? **Sim** **Não**

Se sim, o que você sentiu quando o praticou?

11- Você conhece alguém que praticou ou pratica cyberbullying? **Sim** **Não**

12- Na sua escola o bullying é comum? **Sim** **Não**

13- Na sua escola o cyberbullying é comum? **Sim** **Não**

14- Você já recebeu alguma mensagem constrangedora no celular ou na Internet envolvendo você ou algum de seus colegas? **Sim** **Não**

15- O que você faria se algum colega se algum colega seu sofresse de bullying?

16- O que você faria se algum colega seu sofresse de cyberbullying?

17- Na sua opinião, qualquer um pode estar sujeito a sofrer das agressões do cyberbullying?

Sim **Não**

18- Você acha que as ações do cyberbullying são constrangedoras? **Sim** **Não**

Se sim, de 1 a 5 que nota você daria para esse constrangimento: _____

19- O anonimato proporcionado tanto pela internet como pelos telefones celulares, estimula a ocorrência do cyberbullying? **Sim** **Não**

Se sim, por quê?

20- Você participa de algum site de relacionamento pessoal na internet? **Sim** **Não**

Qual? _____

21- Você já presenciou alguma conversa entre os amigos na escola sobre algum comentário maldoso que ridiculariza alguém através da Internet ou do celular?

Sim **Não**

Se sim, conte o que houve.

22- Acha importante que as professores saibam da existência deste tipo de violência na escola?

Sim **Não**

23- O que você acha que a escola poderia fazer em relação ao cyberbullying?
